U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Eis a nossa casa!
argumento(s) e estratégia(s) de projeto

Carolina Pires Carvalho

M

2022

U.PORTO

Carolina Pires Carvalho.
Eis a nossa casa! argumento(s) e estratégia(s) de projeto

Eis a nossa casa!
argumento(s) e estratégia(s) de projeto
Carolina Pires Carvalho

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP **2022**

Eis a nossa casa!

argumento(s) e estratégia(s) de projeto

Carolina Pires Carvalho

Professor Doutor Manuel Augusto Soares Mendes

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Porto, 2022

A presente dissertação está redigida em português, segundo o novo acordo ortográfico.

As citações de edições de língua não portuguesa são livremente traduzidas pelo autor e transcritas na versão visitada, referenciadas em rodapé. Quanto as citações de edições de língua portuguesa anteriores ao novo acordo ortográfico são transcritas de acordo com a versão original.

Recorre-se ao uso de bold nos títulos e subtítlos da nossa autoria. De igual modo, recorre-se ao uso de itálico de forma a dar enfãse a títulos de livros, a obras de arquitetura, ou a palavras e expressões relevantes, com contextos próprios.

As imagens e desenhos apresentados foram editados com o objetivo de responder ao formato pedido de uma versão impressa da dissertação de mestrado. Recorre-se, contudo, aos desenhos e fotografias de autor reproduzidos em anexo.

abstract

From the opportunity to streamline a project for the *grandparents' house* that enhances its materialisation and construction, arose this a dissertation. Motivated by the sentimental value and the fact that it could become a realisable project, we take advantage of the present moment that closes a cycle to reflect about architecture and the *grandparents' house*, the object of study and pretext for developing the project. Digging into a living past, it unsettled us to think it's future.

In this sense, the construction of the current dissertation-project, starting from successive approximations to the house, now unoccupied, intends, through drawing - the architect's work tool - to reflect on various types of attitudes towards a building that wants to continue to exist. For this reason, finding the unit and measure was essential to create the conditions to initiate the project that introduces different intervention strategies through the transformation of the house's interior. Consequently, it was necessary to respond to the needs and intentions of a compound family, who takes refuge in Edroso and carries the memory of a previous house, but still values its update.

The expression "heres's our house" has a double meaning for us. If, on the one hand, it is the representation of the object of study – *the grandparents' house* – and the manifestation of a personal desire and will to transform the house, which today is confronted with a new paradigm. On the other hand, it is the reflection and reflex of the *school-house* that welcomed us, fomenting in us a particular way of thinking and practise architecture. We see, moreover, in «project argument(s) and strategy(ies)» the essay and the result of the current dissertation project, referring to the infinite number of solutions from the project that could be pointed out and, mainly, in respect to the project and project issues in the proposed transformation of a *family home with history*.

resumo

Da oportunidade de dinamizar um projeto para a *casa dos avós* que potencie a sua materialização e obra, quis-se fazer dissertação. Motivados pelo valor sentimental e pelo facto de poder vir a ser um projeto concretizável, aproveita-se o presente momento que encerra um ciclo para refletir sobre arquitetura e sobre a *casa dos avós*, objeto de estudo e pretexto para o desenrolar do projeto. Remexendo num passado vivo, inquietou-se pensar um seu futuro.

Neste sentido, a construção da presente dissertação-projeto, partindo de sucessivas aproximações à casa, hoje desocupada, pretende, através do desenho - ferramenta de trabalho do arquiteto - refletir sobre vários tipos de atitude perante um edifício que tem vontade de continuar a existir. Por essa razão, foi importante encontrar unidade e medida para criar condições para o desencadear do projeto que lança diferentes estratégias de intervenção a partir da transformação do espaço interior da casa. Por conseguinte, importou dar resposta às necessidades e intensões de uma família compósita, que se refugia em Edroso e que tem presente a memória de uma anterior casa, mas que, nem por isso, desvaloriza a sua atualização.

A expressão «eis a nossa casa» tem para nós duplo sentido. Se por um lado, é representação do objeto de estudo – *casa dos avós* – e manifesto de um desejo e vontade pessoais de transformação daquela casa, que hoje se confronta com um novo paradigma. Por outro, é reflexão e reflexo da *casa-escola* que nos acolheu, suscitando em nós uma forma particular de pensar e fazer arquitetura. Vemos, de igual modo, em «argumento(s) e estratégia(s) de projeto» o ensaio e resultado da presente dissertação-projeto, referindo-se ao infinito número de soluções que do projeto poderiam ser apontadas e, sobretudo, relativo ao projeto e aos problemas de projeto na transformação proposta de uma *casa de família com história.*

aos meus avós
Helena e Armando

agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor Manuel Mendes a disponibilidade, atenção, conhecimento, crítica rigorosa e confiança.

Agradeço aos meus pais, Cristina e Olegário, figuras fundamentais no meu percurso académico e pessoal, toda a dedicação, amor, presença e compromisso. A vós só palavras de admiração.

Agradeço aos meus avós, Helena e Armando, por nos ensinarem a cuidar e a compreender o verdadeiro significado de casa.

Agradeço às minhas tias, Fernanda e Bernarda, mães e amigas, por todo apoio, partilha, carinho, motivação, rigor e disciplina de hoje e de todos os dias.

Agradeço, de igual modo, ao meu tio Francisco, por todo o afeto, correção e dote de um saber-fazer.

Agradeço à minha irmã Raquel por partilhar comigo todos os sonhos de menina.

Agradeço ao Fernando todas as histórias e vivências partilhadas, companheirismo e amizade.

Agradeço à minha família e amigos todos os almoços e jantares, todas as mãos amigas, boa disposição e presença.

sumário

nota prévia 5
abstract 6
resumo 7
agradecimentos 11

00 _ introdução

objeto | objetivo | metodologia | estrutura 16

01 _ desenho

imaginar | pensar | criar | comunicar | transformar | arquitetura I

02 _ circunstância

casa dos avós | aproximações | *nossa casa* | compromisso 24

03 _ projeto

argumento(s) e estratégia(s) de projeto 62

memória e identidade 72

programa 80

sobre a evolução do projeto 88

entrar em casa 94

cozinha: coração da casa 99

lugar do fogo 106

subir e descer escadas 112

dormir 117

exterior: o quintal 121

outras habitações 128

eis a nossa casa! 132

04 _ considerações finais

anexos 139

fontes 146

créditos de imagem 150

introdução

Quando me ponho a pensar em arquitetura emergem em mim determinadas imagens. Muitas estão relacionadas com a minha formação e com o meu trabalho como arquiteto: contêm o saber que, com o tempo, pode adquirir sobre a arquitetura. Outras imagens têm a ver com a minha infância: vêm me à memória aquela época da minha vida em que vivia a arquitetura sem reflexionar sobre ela. Ainda creio sentir na minha mão a maçaneta, aquela peça de metal, com uma forma perecida ao dorso de uma colher, que agarrava quando entrava no jardim da minha tia. Aquela maçaneta, continua, para mim, a representar, ainda hoje, um sinal especial de entrada a um mundo de sentimentos e aromas variados. Recordo o ruído que faziam as pedrinhas sob os meus pés, o suave brilho daquela madeira de carvalho da escada, sempre bem esfregada, e ainda retenho nos meus ouvidos como a pesada porta da rua se fechava atrás de mim, e percorro o corredor sombrio e entro na cozinha, o único espaço da casa realmente luminoso.

Só este espaço – assim me quer parecer hoje – tinha um teto que não se desvanecia em uma luz indireta, e os pequenos ladrilhos do pavimento, de um vermelho escuro e quase sem junta, oponham-se aos meus pés uma inflexível dureza, enquanto do armário da cozinha emanava aquele singular odor a tinta de óleo.

Nessa cozinha tudo era como costumam ser nas cozinhas tradicionais. Não tinha nada de especial. Mas, quiçá, precisamente por ser, de uma forma quase natural, uma cozinha ordinária, ficou tão presente na minha memória como um símbolo do que é uma cozinha. A atmosfera desse espaço fundiu-se para sempre com a minha representação do que é uma cozinha.[1]

[1] ZUMTHOR, Peter. (2004). "Una intuición de las cosas", in *Pensar la arquitectura*. Gustavo Gili. Barcelona. P.7

objeto | objetivo | metodologia | estrutura

> *O projeto não existe para verificar as ideias, mas sim retificá-las. A retificação é ademais uma ação que nunca caminha para trás. Seria necessário, nas nossas aulas de projeto, fomentar esta fidelidade para a retificação e continuar insistindo em que o erro é um dos tempos em que o projeto se vê obrigado a atravessar para se formar. O erro é o verdadeiro motor do conhecimento, é um dos destinos ou desafios da razão. Haveria que se familiarizar com o erro e errar, vagabundear, perder de repente o rumo e seguir em frente para ter contato, nessa evasão, com os delicados limites entre a razão e a sua sombra. E para se aproximar inclusive até ao risco de perder a razão da mesma, de onde a verdade às vezes se esconde.*[2]

Permanentemente confrontados com a questão: *O que é a arquitetura?*, o estudante que escolhe fazer arquitetura procura, à partida, informar-se e adquirir competências para o exercício da profissão. Motivados pelo valor sentimental e pelo facto de poder vir a ser um projeto concretizável, aproveita-se o presente momento que encerra um ciclo para refletir sobre *a casa dos avós*, objeto de estudo e pretexto para o desenrolar do projeto, que também é dissertação.

Por essa razão, temos como objetivo desenvolver aquilo que eventualmente possa ser um exercício de projeto de arquitetura, na condição de futuro arquiteto. Da oportunidade de despertar e dinamizar um projeto para *a casa dos avós* que potencie a sua materialização e obra, quis-se fazer dissertação. Foi, por isso, importante encontrar unidade e medida para criar condições para o desencadear do projeto. Neste sentido, a construção da presente dissertação-projeto – produto mix, interseção, cruzamento – pretende, com o projeto, refletir sobre vários tipos de atitude perante um edifício que tem vontade de continuar a existir. Remexendo num passado vivo com carinho, inquietou-nos pensar um seu futuro.

A partir de um certo registo autobiográfico, do projeto, da análise e identificação de problemas através do desenho procurámos encontrar estratégias e validar argumentos para aquilo que possa vir a ser o projeto da *nossa casa*. E daí retirar lições para aquilo que será o [meu] projeto-de-arquitetura.

Cuando me pongo a pensar en arquitectura emergen em mí determinadas imágenes. Muchas están relacionadas con mi formación y con mi trabajo como arquitecto; contienen el saber que, con el paso del tiempo, he podido adquirir sobre la arquitectura. Otras imágenes tienen que ver con mi infancia; me viene a la memoria aquella época de mi vida en que vivía la arquitectura sin reflexionar sobre ella. Aún creo sentir en mi mano el picaporte, aquel trozo de metal, con una forma parecida al dorso de una cuchara, que agarraba cuando entraba en el jardín de mi tía. Aquel picaporte se me sigue representando, todavía hoy, como un signo especial de la entrada a un mundo de sentimientos y aromas variados. Recuerdo el ruido que hacían los guijarros bajo mis pies, el suave brillo de aquella madera de roble de la escalera, siempre bien fregada, y todavía retengo en mis oídos cómo la pesada puerta de la calle se cerraba tras de mí, y recorro el sombrío pasillo y entro en la cocina, el único espacio de la casa realmente luminoso. | Sólo este espacio - así se me quiere aparecer hoy - tenía un techo que no se difuminaba en una luz indirecta, y las pequeñas baldosas hexagonales del pavimiento, de un rojo oscuro y casi sin junta, oponían a mis pasos una inflexible dureza, mientras que del armario de la cocina emanaba aquel singular olor a pintura al aceite. | En esa cocina todo era como suele ser en las cocinas tradicionales. No tenía nada especial. Pero quizá precisamente por ser, de una forma casi natural, una cocina ordinaria, ha quedado tan presente en mi memoria como símbolo de lo que es una cocina. La atmósfera de ese espacio se ha fundido para siempre con mi representación de lo que es una cocina.

Por conseguinte, aproveitámos a presente circunstância para ensaiar e fazer dinamizar um projeto, que através do desenho, lança diferentes estratégias de intervenção para que se efetive a essa mesma vontade de continuar a viver aquele edifício. De igual modo, importou dar resposta às necessidades e intensões de uma família, hoje, compósita, que tem presente a memória da primeira casa, mas que, nem por isso, desvaloriza a atualização dos espaços, das funções programáticas, ou das noções de conforto ou sociabilização, entre outros aspetos. A fuga de Lisboa e o retiro para Edroso deram ênfase à possibilidade de um eventual projeto de uma casa de férias para o reencontro desta família.

A expressão «eis a nossa casa» tem para nós sentido duplo. Se por um lado, é representação do objeto de estudo - *casa dos avós* - e manifesto de um desejo e vontade pessoais de transformação daquela casa que, hoje, se confronta com um novo paradigma. Por outro, é reflexão e reflexo da *casa-escola* que nos acolheu, suscitando em nós uma forma particular de pensar e fazer arquitetura. Vemos, de igual modo, em «argumento(s) e estratégia(s) de projeto» o resultado da presente dissertação-projeto, referindo-se ao infinito número de soluções que do projeto poderiam ser apontadas, e sobretudo, relativo ao projeto e aos problemas de projeto na transformação de uma *casa de família com história*.

> *O estudo da arquitectura provoca-se pelo projecto. Na distância ao projecto e ao construído, aos seus processos, o conhecimento da arquitectura provoca-se pela investigação sobre os documentos de arquitectura, para recolher materia teórica e critica que argumentam e validam o desenho como um modo de agir e conhecer que permite a intervenção e a interpretação no e do meio físico.*
>
> *Enunciar, observar, projectar serão simultaneamente argumento e instrução, momentos e técnicas do ou de um processo de investigação.*[3]

Neste sentido, numa primeira e extensa fase de trabalho, o desenvolvimento da presente dissertação, estruturou-se a partir da recolha de informação acerca do objeto de estudo. Reunimos, por isso, fotografias, desenhos, cartas e documentos que nos ajudaram a caracterizar a circunstância. À conversa com a avó e revisita às nossas memórias de infância e experiências vividas, dentro de um universo próprio, estabelecemos o percurso da casa. De igual modo, o desenho e os levantamentos topográficos cedidos, em formato dwg, pela Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros permitiram-nos o reconhecimento e reconstituição deste lugar. Procurámos, desta forma, dar notícia do existente e perceber a sua origem e evolução, através das diferentes vozes da casa.

---

[2] MARTÍNEZ SANTA-MARIA, Luis. (2004). *Intersecciones*. Rueda. Madrid.
El proyecto no está para verificar las ideas, sino para rectificarlas. La rectificación es además una acción que nunca marcha hacia atrás. Sería necesario, en nuestra aula de proyectos, fomentar esta fidelidad por la rectificación y seguir insistiendo en que el error es uno de los tiempos que el proyecto se ve obligado a atravesar para formarse. El error es el verdadero motor del conocimiento, es uno de los destinos o retos de la razón. Habría que familiarizarse con el error y errar, vagabundear, perder de improviso el rumbo y seguir hacia delante para tomar contacto, en esa evasión, con los delicados límites entre la razón y su sombra. Y para acercarse incluso hasta el riesgo de perder la razón misma, donde la verdad a veces se esconde.

[3] Texto de apresentação da unidade curricular Teoria 2 cedido pelo professor Manuel Mendes.

Socorremos-nos, aqui, de alguma bibliografia para melhor compreender e comunicar a casa. *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, permitiu-nos a revisitação a um legado cultural e, consequentemente, às origens da casa dos avós. *Arquitectura humana: meio rural do alto nordeste transmontano*, uma dissertação de mestrado republicada, ajudou-nos a caracterizar a paisagem atual e identificar as principais e diferentes transformações registadas em casas de origem na tradição popular. Por fim, a obra de Miguel Torga ajudou-nos a retratar uma identidade e vivências culturais de um lugar profundamente ligado a nós.

Admitida uma componente prática, numa segunda fase de trabalho, a recolha desta informação permitiu-nos partir para o projeto com alguma confiança. Por esta razão, destacamos, nas páginas seguintes, a importância do desenho, como instrumento operativo do arquiteto, que tanto identifica problemas como vai ao encontro de soluções.

Na tentativa de estabilizar aquilo que poderia ser um eventual problema de dissertação, e depois de designadas as informantes do projeto, foi realizado um inquérito escrito à família, de forma a compreender o significado daquela casa para cada um dos seus habitantes. Expressa em dois polos ambíguos, a análise posterior dos resultados revelou-nos a casa dos avós, entre casa de infância e casa de sonho.

Da mesma forma, paralelo à caracterização do objeto de estudo, procurámos, sem pretensão teórica, aproximar-nos da construção de um problema de projeto de uma dissertação a partir da leitura e análise de alguma bibliografia. Destacam-se duas obras: *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa* e *Rehabitar en nueve episodios*. A primeira, de Xavier Monteys e Pere Fuertes, foi-nos pertinente uma vez incidir sobre a forma de habitar a casa, dando prioridade a aspetos como os usos, mais que à forma ou construção, a partir de um conjunto de pequenos textos e imagens que os acompanham. Assim se constrói a casa, como se de uma *collage* se tratasse. A segunda, um catálogo de *uma exposição de arquitetura, quase sem arquitetura,* onde se procurou reunir rostos, notícias, anúncios, receitas, que dando ênfase às pessoas, tem como objetivo explicar o que significa [re]habitar e, especialmente, o sentido atual da palavra.

São identificados, de igual forma, arquitetos e obras de arquitetura que, de alguma forma, nos ajudaram a problematizar e construir o nosso projeto. Chamamos, por isso, a atenção para a convocatória de referências – coisa complexa, mais difusa e distante, que tanto se agarra como se liberta rapidamente – que sem a pretensão de serem cópias, são antes redescobertas por acaso, que informam e levantam questões, com o objetivo de montarmos a nossa arquitetura. Por essa razão, e em função das premissas definidas em projeto, pareceu-nos pertinente destacar o estudo das seguintes obras: a *Casa Alcino Cardoso*, de Álvaro Siza Vieira; a *Casa da Quinta da Cavada*, de Fernando Távora; *Villa Mairea*, de Alvar Aalto e *Upper Lawn Pavilion,* de Alison e Peter Smithson.

Quanto à estrutura da presente dissertação, reconhece-se três estações correspondentes à evolução do nosso processo de investigação.

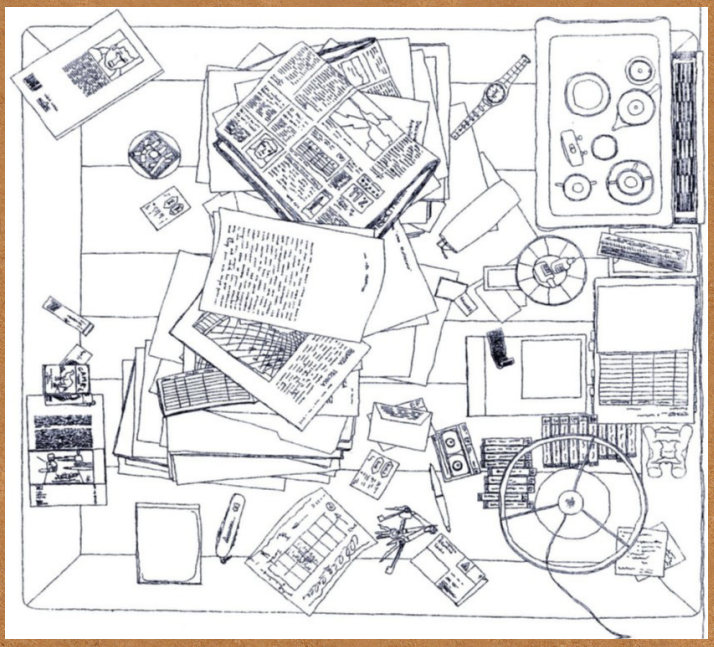
01 _ desenho Com o objetivo de problematizar uma hipotética transformação da *casa dos avós*, procurámos destacar neste espaço, a importância do desenho *para quem escolhe fazer arquitetura*. Mais do que uma aproximação aos diferentes tipos de desenho, pretendemos salientar a sua importância enquanto ferramenta de trabalho do arquiteto, que tanto identifica problemas como vai ao encontro de soluções, permitindo-nos imaginar, pensar, criar, comunicar, transformar e, por isso, *fazer arquitetura.*

02 _ circunstância Nesta segunda estação apresentamos a *casa dos avós*, objeto de estudo determinante para o desencadear da presente dissertação-projeto, a partir do reconhecimento e aproximação ao lugar. De igual modo, expomos o nosso compromisso com a expetativa de valorizar um património herdado. Neste sentido, os elementos aqui evidenciados são pesquisa e revisita e, por isso, informação que nos ajuda a construir, a dinamizar e a problematizar o projeto da nossa casa.

03 _ projeto Fixadas e objetivadas as premissas, correspondentes às variáveis fundadoras, decorrentes do desenho do projeto, nesta estação apresentamos primeiro dois ensaios, que tentam responder às questões-chave e que tanto problematizam como clarificam o projeto. O primeiro, *memória e identidade*, surge como resposta à pergunta: Como estender vida de um edifício que tem vontade de continuar a existir? Expomos, por isso, elementos e símbolos que caracterizam uma eventual identidade da casa. Em boa verdade, importa, aqui, compreender de que forma a pré existência pode ser valorizada, e quais as componentes que permitem sua continuidade. Reconhecida a insuficiência do volume pré existente para responder às necessidades atuais, gostos e intensões de uma família, hoje, compósita, que vive de memórias de uma anterior casa, em *programa* procurámos delimitar e fazer evoluir um projeto de uma casa de férias. Reconhecendo problemas e oportunidades da pré existência, procuramos acrescentar e potenciar novos espaços, novos usos, novos materiais e métodos construtivos, entre outros aspetos. De igual modo, expomos o quanto possível, algumas notas *sobre a evolução do projeto*, de forma a esclarecer o(s) problema(s), sempre em teste, com que nos confrontamos e, de modo, a dar pistas para o que será uma hipotética estratégia de intervenção para o edifício existente. Aproximamo-nos, aqui, da casa em construção e do desenho dos seus diferentes espaços interiores e exteriores: *entrar em casa, cozinha: coração da casa, lugar do fogo, subir e descer escadas, dormir, exterior: o quintal* são os títulos que introduzem os desafios e oportunidades que contribuíram para o desenho da nossa casa. Como possível síntese, em *eis a nossa casa!* expomos o projeto, ainda em aberto, através de colagens que nos dão uma imagem daquilo que poderá vir a ser a nossa casa. Do projeto, da análise e da identificação de problemas, aproximamo-nos, aqui, do desenho de uma estratégia de intervenção que procura despertar a vida da casa dos avós.

No seguimento das três estações da dissertação-projeto, surgem os anexos onde reunimos, pontos de apoio para a construção do discurso do projeto.

desenho



i1 _ “Una mesa desordenada”, desenho de Maurici Pla.

Falando em termos gerais, quem escolhe fazer arquitectura não precisa de "saber desenhar", muito menos de "desenhar bem". O desenho, entendido como linguagem autónoma, não é indispensável ao projecto. Muita e boa arquitectura se fez e se faz "à bengala".

Só que toda a gente pode e precisa de desenhar.

A obsessiva especialização atrofia capacidades universais; a alguns é permitido e imposto desenvolver umas tantas – e não outras. E no entanto, no respeito ao desenho, qualquer criança se exprime com frescura e rigor; e os inadaptados e os considerados loucos.

Os erros e a submissão de quem ensina levam a que de quase todos finalmente se diga: não tem "jeito". Ou a que os próprios o digam.

O desenho é uma forma de comunicação, com o eu e com os outros. Para o arquitecto, é também, entre muitos, um instrumento de trabalho; uma forma de aprender, compreender, comunicar, transformar: de projecto.

Outros instrumentos poderá utilizar o arquitecto; mas nenhum substituirá o desenho sem algum prejuízo, nem ele o que a outros cabe.

A procura do espaço organizado, o calculado cerco do que existe e do que é desejo, passam pelas intuições que o desenho subitamente introduz nas mais lógicas e participadas construções; alimentando-as e delas se alimentando.

Todos os gestos – também o gesto de desenhar – estão carregados de história, de inconsciente memória, de incalculável, anónima sabedoria.

É preciso não descurar o exercício, para que os gestos não se crispem, e com eles o resto.[4]

[4] SIZA VIEIRA, Álvaro. (2019). "A importância de desenhar", in *01 textos*. Parceria A. M. Pereira. Lisboa. P. 37 e 38

imaginar | pensar | criar | comunicar | transformar | arquitetura

Proposta a realização de uma dissertação de mestrado, com o objetivo de problematizar uma hipotética intervenção na casa dos avós, somos primeiramente confrontados com questões relacionadas com a construção de um problema através do desenho e assombrados pela incapacidade de *desenhar bem*. Como fazer progredir o trabalho? Como introduzir elementos gráficos? Como é que o desenho me ajuda a questionar o projeto ou os problemas de projeto?

Neste sentido, procuramos destacar o presente espaço relativo ao desenho e, nomeadamente, ao desenho *para quem escolhe fazer arquitetura*. Em boa verdade, mais do que uma aproximação aos diferentes tipos de desenho do arquiteto, pretendemos salientar a sua importância enquanto ferramenta operativa e instrumento que se proporciona em soluções, permitindo-nos imaginar, pensar, criar, comunicar, transformar e, por isso, *fazer arquitetura.*

Por esta razão, temos, por isso, a expetativa de realçar o papel dinamizador do desenho na construção de um exercício de projeto – *eis a nossa casa!*. Da mesma forma, procuramos fazer desenvolver uma estratégia de escrita, que paralela ao desenho, dele tira dilações, e permite, deste modo, a construção da presente dissertação.

Observemos, agora, a imagem que dá início a este espaço – "Una mesa desordenada". Um desenho de Maurici Pla, dado nos a conhecer no decorrer das aulas da unidade curricular Teoria 2. Paralelo à imagem, num artigo com o mesmo nome, o autor refere que os desenhos de arquitetura, num plano abstrato, poder-se-iam classificar em dois grupos: *os que servem para construir uma ordem e os que procuram registam uma desordem.*[5] Contudo, esclarece-nos que os desenhos de arquitetura são antes híbridos de ordem e desordem. *Em muitos casos a procura orienta-se no sentido oposto: ou a construção de uma desordem no plano das formas ou, simplesmente, registar uma ordem no âmbito das ideias.*[6]

Sobre este ponto de vista, e como friza o autor, a imagem pre*tende alcançar a pureza de registar uma desordem*. Uma nova beleza, através do registo desenhado de uma realidade desordenada que contribuí para do desaparecimento do mito da ordem. *Assim convivem os objetos da mesa*, com que sempre gostámos de nos rodear, representação do muito que projetamos e, por isso, do nosso próprio pensamento.

> *Desenho é projecto, desejo, libertação, registo e forma de comunicar, dúvida e descoberta, reflexo e criação, gesto contido e utopia.*
>
> *Desenho é inconsciente pesquisa e é ciência, revelação do que não se revela ao autor, nem ele revela, do que se explica noutro tempo.*
>
> *Liberto, o outro desenho conduz ao desenho consciente.*[7]

[5] *Mesa desordenada*. Texto cedido pelo professor Manuel Mendes no decorrer das aulas da unidade curricular Teoria 2
[6] ibidem
[7] SIZA VIEIRA, Álvaro. (2019). "Exposição Japão", in *01 textos*. Parceria A. M. Pereira. Lisboa. P. 273

Em consequência, para o arquiteto, o desenho é ferramenta de trabalho e instrumento dinâmico, através do qual é possível identificar problemas e projetar soluções. É, por isso, forma de pensar, consciente ou inconsciente, que por a mão, o desenho nasce liberto, procurando registar as ideias da mente.

Se por um lado, o desenho permite-nos reconhecer e analisar a realidade a partir da observação direta; por outro, o desenho surge como registo de memórias invocadas por outras vozes, que revisitam a casa, de novo meninos. Contudo, os dois ajudam na construção de determinada imagem de uma lugar.

> *O desenho não se usa para obter referências directas. Com o desenho fica a impressão, a ideia de dada imagem... depois há memórias que surgem e outras que... a capacidade de memória é a fixada, e o desenho o meio que reproduz isso.*
>
> *Depois de adquirido, o desenho pode ser manipulado ao sabor do gosto... o desenho é como a escrita. Descrever alguma coisa é comunicar algo.*[8]

Manipulado ao sabor do gosto, o desenho é projeto que se constrói primeiro de forma complexa e desordenada. Surgem apontamentos soltos, desenhos vários, por vezes, dos objetos sobre a mesa ou do que a mão quis lembrar. Dizem-se desenhos de processo, uma vez serem peça fundamental de um projeto. São, por isso, desenhos que ajudam a clarificar uma dada imagem, que de uma ideia original se desenrola em múltiplas variantes e projetos alternativos. Das diferentes soluções, haverá que saber avaliar e encontrar a forma justa.

Regista-se com maior rigor da geometria, através de plantas, cortes e alçados, aquela que responde com maior eficiência aos problemas de projeto. Numa espécie de confirmação da solução esquissada, procura-se o confronto com a realidade e a melhor forma de comunicação com o eu e com os outros.

> *De qualquer modo, o uso de vários tipos de representação é enriquecedor. Nenhum substitui outro; cada um potencia a capacidade criativa.*[9]

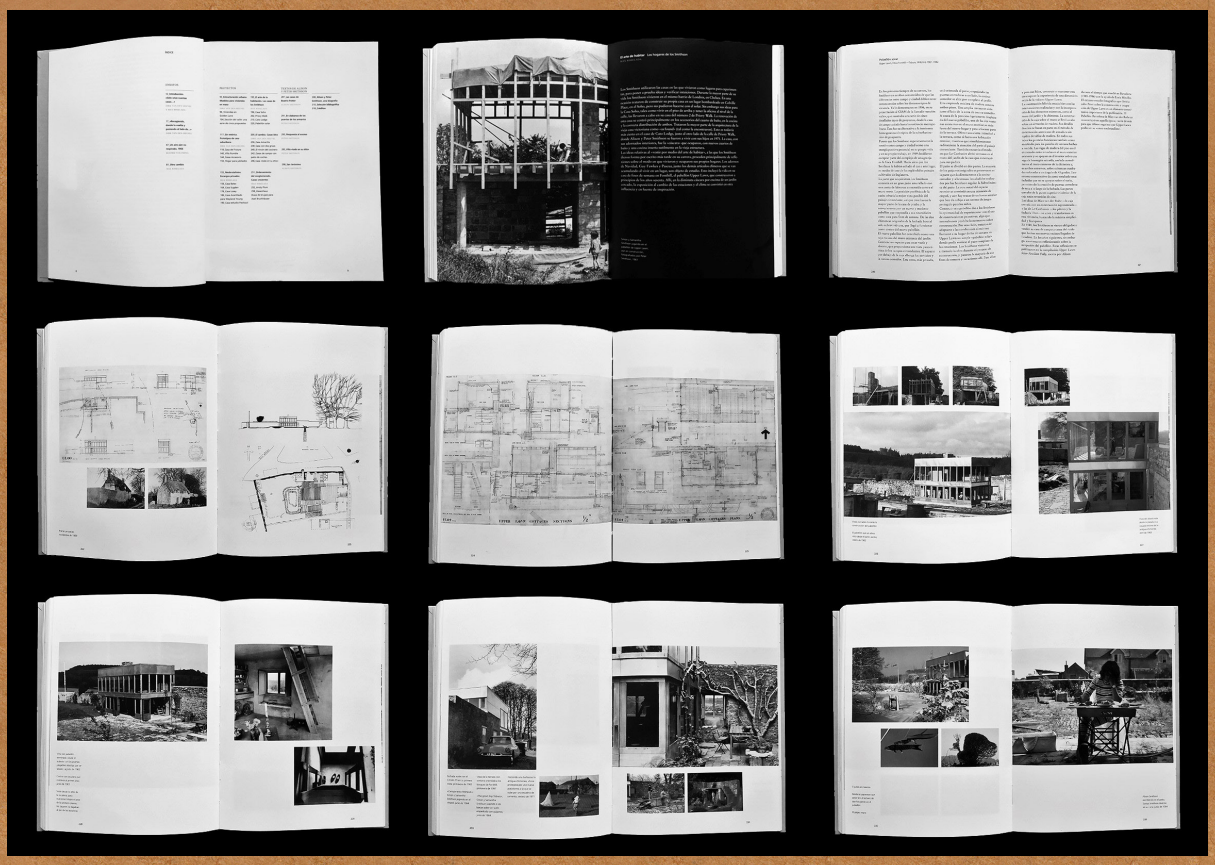
Não menos importante, para além dos desenhos – plantas, cortes e alçados – existem outros que, de igual modo, procuram representar uma dada imagem. Esquemas, diagramas, fotografias, colagens, maquetes, fotomontagens, renders entre outros são alguns dos exemplos que constituem alternativas ao formato de comunicação convencional.

Proposta uma dissertação-projeto, com o objetivo de problematizar uma eventual transformação da casa dos avós, que através do desenho nos permite pronunciar sobre os problemas do projeto, somos igualmente confrontados com questões relativas ao discurso sobre arquitetura.

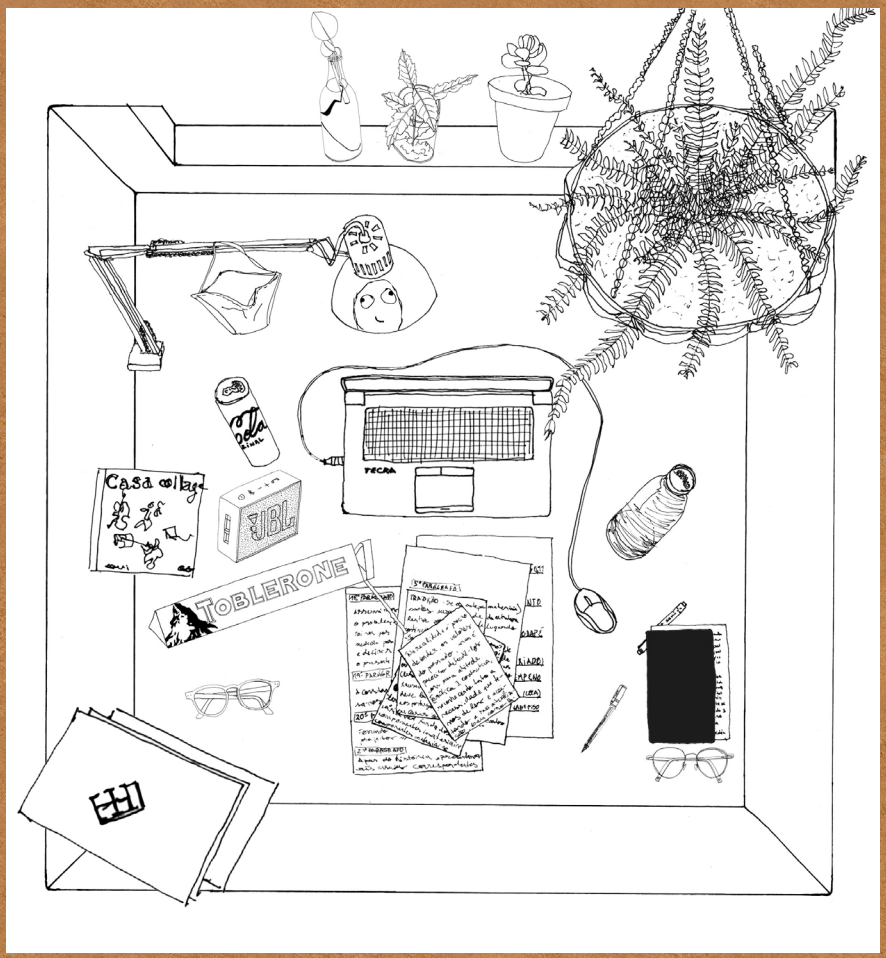
---

[8] TÁVORA, Fernando. (2002). (entrevista, JMSM), Porto, in Fernando Távora: as raízes e os frutos, palavra, desenho, obra, 1937-2001. Tomo I.I, o meu caso, arquitectura, imperativo ético do ser. Porto. FIMS. 2020. P. XXXIII

[9] SIZA VIEIRA, Álvaro. (2019). "Exposição em Nápoles", in *01 textos*. Parceria A. M. Pereira. Lisboa. P. 251 e 252



i2 _ fragmentos do livro RISSELADA, Max, VAN DEN HEUVEL, Dirk. (ed.). (2007). *Alison y Peter Smithson: de la casa del futuro a la casa de hoy*. Polígrafa. Barcelona. P. 8 e 9 [índice] | P. 195 e 195 [“El arte de habitar: los logares de los Smithson”] | P. 220 e 221 [“Pabellón solar”] | P. 222, 223,b224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232 e 233 [desenhos e fotografias do arquivo da família Smithson]



i3 _ A minha mesa.

Como é que um projeto é também escrita? Como fazer evoluir uma dissertação em que a escrita absorve o próprio projeto? Como fazer progredir a escrita da dissertação? Como fazer evoluir uma estratégia de escrita? Como partilhar e comunicar o projeto em escrita? Que espaço de escrita temos?

Com o objetivo de estabilizar uma possível estratégia de escrita, sem pretensões teóricas, foi para nós importante a composição da obra *Alison y Peter Smithson: de la casa del futuro a la casa de hoy*, que reproduzimos na imagem, em fragmentos, que nos permitiu rever o nosso projeto e caracterizar, identificar, consolidar, agrupar e nomear cada uma das transformações propostas. Destacam-se, por isso, diferentes momentos de escrita, desde a descrição e aproximação à circunstância, até à legendagem e argumentação do(s) problema(s) de desenho do projeto, que a par com os vários elementos gráficos produzidos dão corpo à presente dissertação-projeto.

Cada desenho é uma chave, a tua chave, e para cada chave há disposta uma câmara do tesouro.

O teu desenho expressa uma relação pessoal, única, entre o sujeito e o pensamento. É um pensamento com temperamento, com assinatura. O teu desenho revela como o pensamento é uma ação física, depende de um corpo. É algo tão inevitável que um desenho não pode ser feito entre dois. Não se pode imitar nunca, nem ser compartilhado, o puro prazer que sente o autor ao desenhar.

Contra todas as aparências é o desenho, em sua arbitrariedade, que faz o pensar ser rígido. E pode-se até dizer que desde a segurança que outorga a facilidade e a alegria de seu manuseio, chega o desenho a favorecer, inclusive, a excentricidade no pensar, no errar, na proximidade com o equívoco e o incerto, uns movimentos e posições tão contrários à da ordem construtiva que a construção – que se alimenta de términos opostos e de oposições, de imaginários – não teria sem eles possibilidade alguma de existir. Os desenhos, quando são verdadeiramente precursores, são arquitetura.

Estes desenhos geralmente deixam as palavras pequenas. São plurais. Neles detetar-se-lhes-á: como expressam o desejo de uma inteligência de forma económica, os desenhos – os bons desenhos – silenciam as palavras e as convidam a irem-se embora.[10]

---

[10] MARTÍNEZ SANTA-MARIA, Luis. (2004). " El proyecto", in *Intersecciones.* Rueda. Madrid.
Cada dibujo es una llave, tu llave, y para cada llave hay dispuesta una cámara del tesoro. | Tu dibujo expresa una relación personal, única, entre el sujeto y el pensamiento. Es un pensamiento con temperamento, con firma. Tu dibujo revela cómo el pensamiento es una acción física, depende de un cuerpo. Es algo tan inevitable que un dibujo no puede hacerse entre dos. No puede imitarse nunca, ni compartirse, el puro placer que siente el autor al dibujar. En contra de todas las apariencias es el dibujo, en su arbitrariedad, quien hace el pensar ser estricto. Y cabe incluso decir que desde la seguridad que otorga la facilidad y la alegría de su manejo, llega el dibujo a favorecer incluso la excentricidad en el pensar, el errar, la cercanía con lo equivoco y lo incierto, unos movimientos y posiciones tan de signo contrario al del orden constructivo que la construcción- que se alimenta de términos opuestos y de oposiciones, de imaginarios – no tendría sin ellos posibilidad alguna de existencia. Los dibujos, cunado son verdaderamente precursores, son arquitectura. | Estos dibujos suelen dejar las palabras pequeñas. Son plurales. En eso los detectarán: como expresan el deseo de una inteligencia de forma económica, los dibujos – los buenos dibujos – hacen callar a las palabras y las conminan a irse.

Tudo o que vemos nos dá referências. Tudo nos ajuda a perceber como é que as casas influenciam as pessoas e as pessoas influenciam as casas. Perceber as elações das coisas com as pessoas e das pessoas com as coisas, é essencial para se fazer casas, palácios, igrejas, cidades… devemos fazer as coisas com paixão, acumular referências, pois amanhã podemos ter necessidade de as usar num projecto. A variedade dá a noção de vida, e isso também pode ser adquirido pelo desenho.

A visão é fundamental, é preciso ter gosto pelas coisas, perceber porque é que as coisas são como são.[11]

[11] TÁVORA, Fernando. (2002). (em notas de uma entrevista), *in Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: Fernando Távora: minha casa.* FIAJMS. Porto. 2015. P. XIX

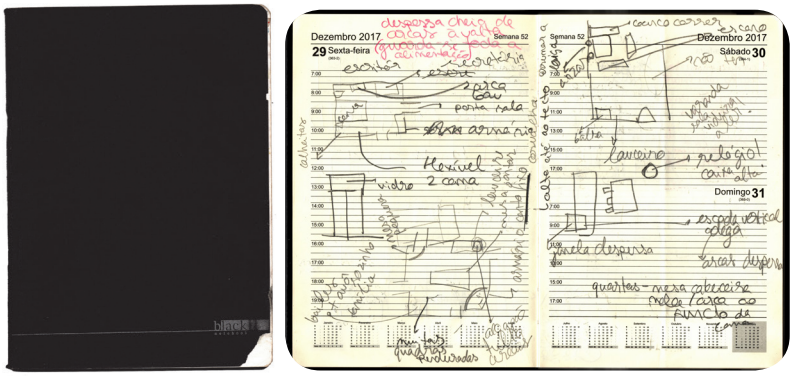
imaginar | pensar | criar | comunicar | transformar | arquitetura | desenho

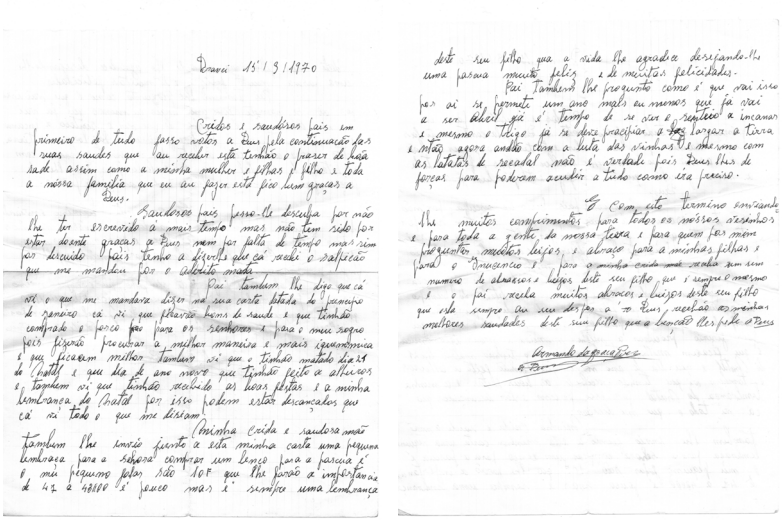
circunstância

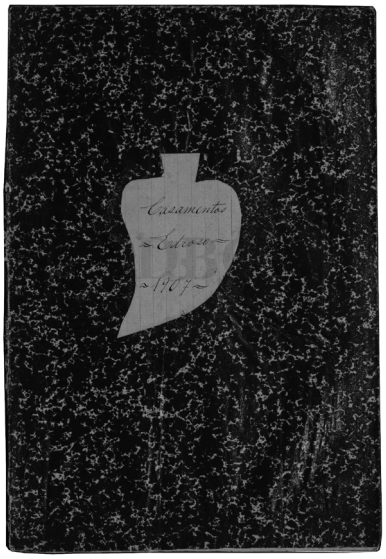
A esse conjunto de factores naturais e humanos (e só possível distingui-los na medida em que o fenómeno seja observado à escala do homem mas, de qualquer modo, eles estão intimamente ligados entre si), daremos o nome de «circunstância»; sendo assim «circunstância», pelo próprio significado da palavra, será aquele conjunto de factores que envolvem o homem, que estão à sua volta e, porque ele é criador de muitos deles, a esses haverá que juntar os que resultam da sua própria existência, do seu prórpio ser.

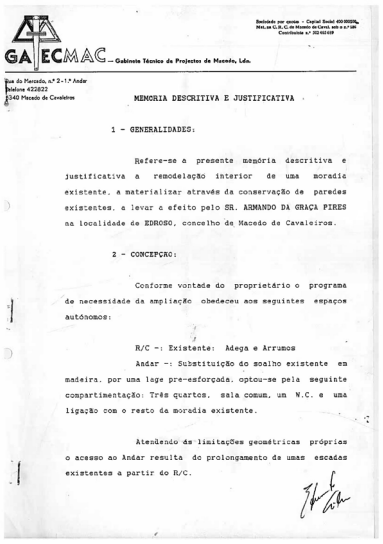
Constituem assim circunstância da organização do espaço, circunstância das formas que o organizam, para além das formas pré-existentes - naturais ou humanas, umas e outras já de número infinito - factores tão variados como o pensamento científico ou a religião, a economia ou a sensibilidade, a política ou a filosofia, sendo por vezes difícil discernir a importância de uns sobre os outros e, mesmo que possível, sendo certo que todos, mais ou menos, estão na base de qualquer forma e estão de tal modo que a compreensão total de uma forma será tanto mais perfeita quanto mais se transforme em vivência, na medida em que se identifiquem forma e observador, pois que um processo intelectual de pura análise não é suficiente para o obtenção total do espírito de qualquer forma, ainda que possa constituir veículo de aproximação.[12]

[12] TÁVORA, Fernando. (2006). *Da organização do espaço*. FAUP publicações. Porto. P. 22









GA ECMAC — Gabinete Técnico de Projectos de Macedo, Lda.

MEMORIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

1 - GENERALIDADES:

Refere-se a presente memória descritiva e justificativa a remodelação interior de uma moradia existente, a materializar através da conservação de paredes existentes, a levar a efeito pelo SR. ARMANDO DA GRAÇA PIRES na localidade de EDROSO, concelho de Macedo de Cavaleiros.

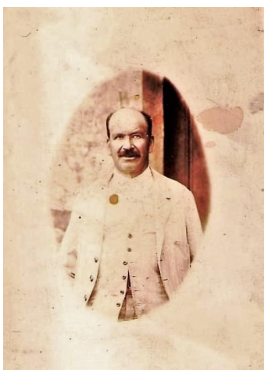
2 - CONCEPÇÃO:

Conforme vontade do proprietário o programa de necessidade da ampliação obedeceu aos seguintes espaços autónomos:

R/C -: Existente: Adega e Arrumos

Andar -: Substituição do soalho existente em madeira, por uma lage pre-esforçada, optou-se pela seguinte compartimentação: Três quartos, sala comum, um W.C. e uma ligação com o resto da moradia existente.

Atendendo às limitações geométricas próprias o acesso ao Andar resulta do prolongamento das umas escadas existentes a partir do R/C.



i4 _ cadernos de apontamentos escritos e desenhados | i5 _ carta datada a 15 de setembro de 1970, Paris, França - arquivo da família | i6 _ registo de casamentos, Paróquia de Edroso, 1907 | i7 _ fotocópia da memória descritiva e justificativa, licenciamento de obra [casa dos avós], Edroso, 1992 | i8 _ fotografia trisavô Francisco Bernardino Correia

casa dos avós | aproximações | *nossa casa* | compromisso

Nesta segunda estação apresentamos a casa dos avós, objeto de estudo e pretexto determinante para o desencadear da presente dissertação-projeto, a partir do reconhecimento e aproximação ao lugar. De igual modo, da oportunidade de dinamizar uma nova circunstância de projeto, expomos o nosso compromisso com a expetativa de valorizar um património herdado. Neste sentido, os elementos aqui evidenciados são pesquisa e revisita e, por isso, informação que nos ajuda a construir, a dinamizar e a problematizar o projeto da nossa casa.

Fruto de uma primeira e extensa fase de trabalho, o desenvolvimento deste espaço, estruturou-se a partir da recolha de informação gráfica e escrita acerca do objeto de estudo. À conversa com a avó e família revisitámos as nossas memórias de infância e experiências vividas, dentro de um universo próprio, estabelecemos o percurso da casa. Reunimos, por isso, fotografias, desenhos, cartas e documentos que nos ajudaram a caracterizar e informar a circunstância de projeto.

O desenho e os levantamentos topográficos cedidos, em formato dwg, pela Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros permitiram o reconhecimento e reconstituição deste lugar. Procurámos, deste modo, dar notícia do existente e perceber a sua origem e evolução, através do contacto direto e conversas mais ou menos informais das diferentes vozes da casa. De igual modo, procurámos distarciar-nos da dimensão íntima, insuficiente, e promover um entendimento do projeto a partir do desenho e reconhecimento da circunstância, de forma operativa.

Socorremos-nos de alguma bibliografia para melhor compreender e comunicar a casa. *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, permitiu-nos a revisitação a um legado cultural e, consequentemente, às origens da casa dos avós. *Arquitectura humana: meio rural do alto nordeste transmontano*, uma dissertação de mestrado republicada, ajudou-nos a caracterizar a paisagem atual e identificar as principais e diferentes transformações registadas em casas de origem na tradição popular. Por fim, a obra de Miguel Torga ajudou-nos a retratar uma identidade e vivências culturais de um lugar profundamente ligado a nós.

Propomos, desta forma, uma aproximação à circunstância a partir da análise de diversas condicionantes - região, aldeia, casa, família e natureza construtiva - com o objetivo de compreender passado e presente. A recolha desta informação permitiu-nos partir para o projeto com alguma confiança.

Designadas as informantes do projeto, entre inseguranças várias associadas à presente condição, a dificuldade do projeto, sem mestre e sem encomenda em concreto, está em validar aquilo que possa ser uma hipotética transformação da casa. É, por isso, realizado um inquérito escrito à família, de forma a compreender o significado daquela casa para cada um de seus habitantes.

i9 _ castanheiros novos, Edroso, 2013

Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso. Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percam a virgindade original diante da realidade e o coração, depois, não hesite. Ora, o que eu pretendo mostrar, meu e de todos os que queiram merecê-lo, não só existe como é dos mais belos que se possam imaginar. Começa logo porque fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos. E quem namora ninhos cá de baixo, se realmente é rapaz e não tem medo das alturas, depois de trepar e atingir a crista do sonho, contempla a própria bem-aventurança.

Vê-se primeiro um mar de pedras. Vagas e vagas sideradas, hirtas e hostis, contidas na sua força desmedida pela mão inexorável dum Deus criador e dominador. Tudo parado e mudo. Apenas se move e se faz ouvir o coração no peito, inquieto, a anunciar o começo duma grande hora. De repente rasga a espessura do silêncio uma voz de franqueza desembainhada:

- Para cá do Marão, mandam os que cá estão!... Sente-se um calafrio. A vista alarga-se de ânsia e de assombro. Que penedo falou? Que terror respeitoso se apodera de nós? Mas de nada vale interrogar o grande oceano megallítico porque o nume invível ordena:

- Entre!

A gente entra, e já está no Reino Maravilhoso.[13]

[13] TORGA, Miguel. (1945). *Novos Contos da Montanha*. 1ª ed., Edição do Autor. Coimbra.

Do domínio das políticas administrativas, à região montanhosa de Trás-os-Montes, recortada por vales e caminhos, pertencem-lhe os distritos de Vila Real e, mais propriamente dito, Bragança, limitados a norte e este pelas regiões espanholas de Ourense, Zamora e Salamanca; a sul pelo Alto Douro português; e a oeste pela cordilheira que desce do Gerês ao Marão. Terra-Quente e Terra-Fria. A primeira, de menores altitudes, é protegida pelas montanhas, que servem de fronteira natural ao vento, oferecendo um inverno mais agradável, comparado com o segundo. Por esta razão, verifica-se, neste lugar, culturas mais variadas como a da amêndoa, da cereja e da azeitona. A segunda, correspondente às elevadas altitudes, e, por isso, mais exposta às condições climatéricas, onde as temperaturas, quer no verão, quer no inverno, atingem os seus extremos opostos. Ao invés da primeira, nesta Terra-Fria, resistem apenas as culturas mais fortes, como o castanheiro e a nogueira.

> *A barreira montanhosa que vai do Gerês ao Marão e do Montemuro à cordilheira central, vedando o acesso para leste às influências oceânicas, marca o limite interior da zona climática atlântica (...). Passada uma área de transição, entra-se no distrito de Bragança com uma paisagem nova, de amplas ondulações monotónicas desdobrando-se na vastidão do horizonte em intermináveis faceiras abertas, de cereal – trigo e hoje sobretudo centeio, em que apenas a direcção dos sulcos marca por vezes diferenças de lavouras e onde se não vê ninguém – alternando com folhas de restolho seco e requeimado, e grandes montados bravios e desertos, cobertos de vegetação arbustiva espontânea, onde vagueiam rebanhos, com o seu pastor, perdidos na imensidão silenciosa – a Terra Fria Transmontana. É a região planáltica e montanhosa que a erosão limou, prolongamento da meseta castelhana, de terrenos arcaicos de cor amarela, barrentos e secos, retalhados de profundos vales abruptos e rios muito encaixados, e onde predomina o xisto. O clima é de tipo continental, excessivo e rude: chuvas muito abundantes, neve e frio glacial, no Inverno; calor sufocante e uma secura que seca rios e fontes, no Verão – a Ibéria Seca. A vegetação e o arvoredo rareiam: manchas isoladas de castanheiros e negrilhos, e nas terras mais quentes, olivais, sobreiros e certas espécies mediterrâneas.*[14]

Neste lugar, outrora isolado, os caminhos, em terra batida, desenharam-se onde a topografia do terreno o permitiu. Os habitantes circulavam a pé ou de burro e, por isso, percorriam, geralmente, curtas distâncias, ou, caso contrário, demoravam-se na viagem. O território, *ó depois*, viu-se servido de rede ferroviária e, mais tarde, de rede rodoviária, que trouxe a carreira. Hoje, este lugar está socorrido e integrado na rede de estradas e autoestradas, multiplicando-se as migrações pendulares, que lhe confere um novo paradigma, transgredindo-se a condição de lugar isolado.

Longe dos caminhos principais, avistam-se os velhos povoados da região, que camuflados pela mesma pedra escura do monte, próprio da natureza do xisto, matéria abundante da região, formam uma massa compacta e homogénea. A estas pequenas aldeias impôs-se-lhes o traçado da rua da fonte, que ladeada de casas, leva-nos até a uma igreja.

[14] OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando. (2003). *Arquitectura tradicional portuguesa*. 5ª ed., Dom Quixote. Lisboa.

São frequentes os edifícios comuns – moinhos, lagares, fomos, e até forjas do povo, por vezes touros e bezerros de cobrição, máquinas agrícolas, etc., que são pertença de todos e de que cada um pode dispor segundo certas regras.[15]

De geração em geração, herdou-se um modo de fazer e construir próprios, identitários deste lugar. Podemos, eventualmente, admitir a existência de uma casa transmontana, em virtude do reconhecimento de um conjunto de aspectos, quanto à forma e ao modo de habitar, que se repetem, no espaço e no tempo. Ao tocar a matéria, o Homem retirou da natureza os materiais que melhor permitiram abrigar-se dela. Desta simbiose, a casa transmontana, condicionada pelo meio, pelos métodos de construção e pelos materiais disponíveis, na sua génese, dá resposta às acções climatéricas. Socorrendo-se dos recursos mínimos do lugar, construíu-se casa.

Ao lado do bloco da aldeia fica o amplo largo, plantado de negrilhos, as hortas e as vinhas; adiante, as terras de cultura, abertas e afolhadas, e os lameiros; e entre as aldeias, raras e distantes umas das outras, as grandes faceiras onduladas de cereal ou restolho, a perder de vista, e os montados incultos. E é difícil conceber-se algo comparável à rudeza primitiva dessas povoações remotas, com as suas casas de pedra solta de raras aberturas, cobertas às vezes de lousa ou colmo, sem qualquer reboco que esconda o aparelho tosco do granito ou do xisto, tal como nos redutos castrejos.[16]

Este nome, transmontano, que quer dizer natural de Trás-os-Montes, revela só por si interesse, visto ser uma designação exterior atribuído àquele que vive ou que nasceu para lá dos montes. Indivíduos robustos, com mãos grossas, de quem trabalha a terra. Vestem roupa prática de andar pelo campo; nos dias de festa, procuram a melhor fatiota; e em luto, a escuridão toma conta do corpo e da alma. A prática da reciprocidade, a interajuda e o sentido comunitário são importantes aspectos que permitiram a quase auto-suficiência da aldeia. No seio familiar, as mesmas características são evidenciadas, existindo uma hierarquia bem definida. Alguns emigraram em busca de novos horizontes.

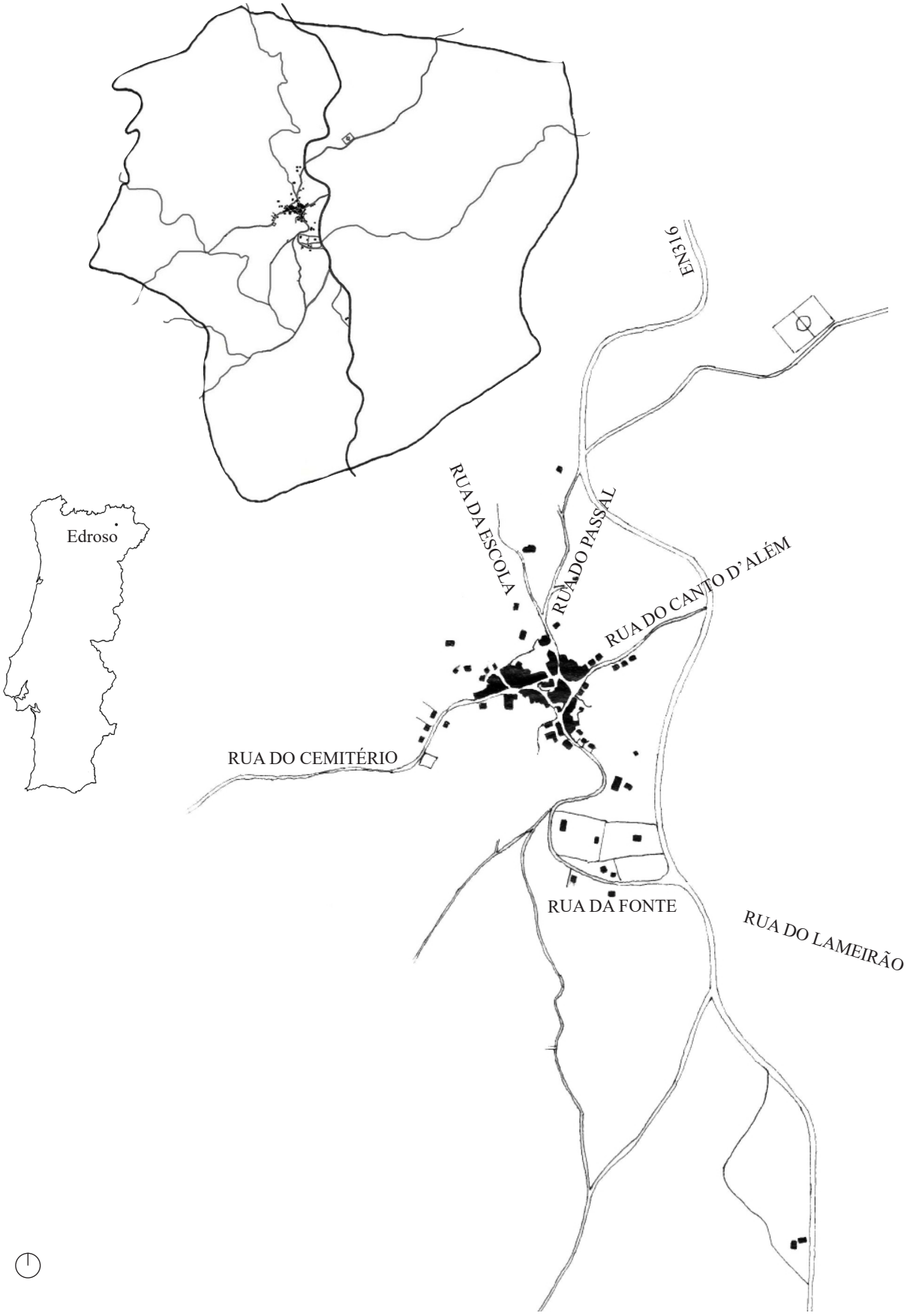
Voltam mais tarde, aos sessenta, de corrente ao peito, cachucho no dedo. e com a mesma quimera numa mala de couro. Gastam cem contos numa pedreira a fazer uma horta, constroem um casarão com duas águias no telhado.[17]

Assiste-se, a uma espécie de aceleração do tempo e a uma enchente de novas casas.

Os que ficam, cavam a vida inteira. E, quando se cansam, deitam-se no caixão com a serenidade de quem chega honradamente ao fim dum longo e trabalhoso dia. E ali ficam nuns cemitérios de lívida desilusão, à espera que a lei da terra os transforme em ciprestes e granito.[18]

---

[15] ibidem
[16] ibidem
[17] TORGA, Miguel. (1945). *Novos Contos da Montanha*. 1ª ed., Edição do Autor. Coimbra.
[18] ibidem


Edroso
EN316
RUA DA ESCOLA
RUA DO PASSAL
RUA DO CANTO D'ALÉM
RUA DO CEMITÉRIO
RUA DA FONTE
RUA DO LAMEIRÃO

Filhos da língua de Camões e na condição fronteiriça, do extremo nordeste de Portugal, trazem no falar aproximações fonéticas ao galego e ao minhoto. É possível identificar a utilização de alguns arcaísmos, uma vez o isolamento geográfico da região, resistindo a algumas influências além montes. Assim como, originalidade e invenção da linguagem Reconhece-se, também, o uso dos pronomes retos com forte pronúncia assobiada, um *falar assi*. Hoje, este dialeto setentrional transmontano, cruza-se, muitas vezes, com palavras, expressões e sotaques estrangeiros.

*

Edroso é uma aldeia da região transmontana, do concelho de Macedo de Cavaleiros, Bragança. Hoje, pertence à união de freguesias de Espadanedo, Edroso, Murçós e Soutelo Mourisco. Limitam-lhe, a norte, as aldeias do mesmo concelho, Valongo, Espadanedo e Bousende; a oeste, Ferreira, Comunhas e Corujas; a sul, Lamas e Podence; e a este, as aldeias do concelho de Bragança, Pombares e Quintela de Lampaças.

A estrada, com destino Zoio/Vinhais, leva-nos até Edroso. Do caminho, a floresta anuncia a entrada neste lugar, logo abençoado pelo santuário da aldeia, dedicado a Santo António, seu padroeiro. O povo, no fundo do vale, entre os 760 e os 890 metros de altitude, está protegido, a nordeste, pela *montanha cor-de-rosa* [19], com 1231 metros de cota máxima. Entre terra-fria e terra-quente, o inverno traz a chuva e a geada e o verão um calor imenso irradiado pelo solo.

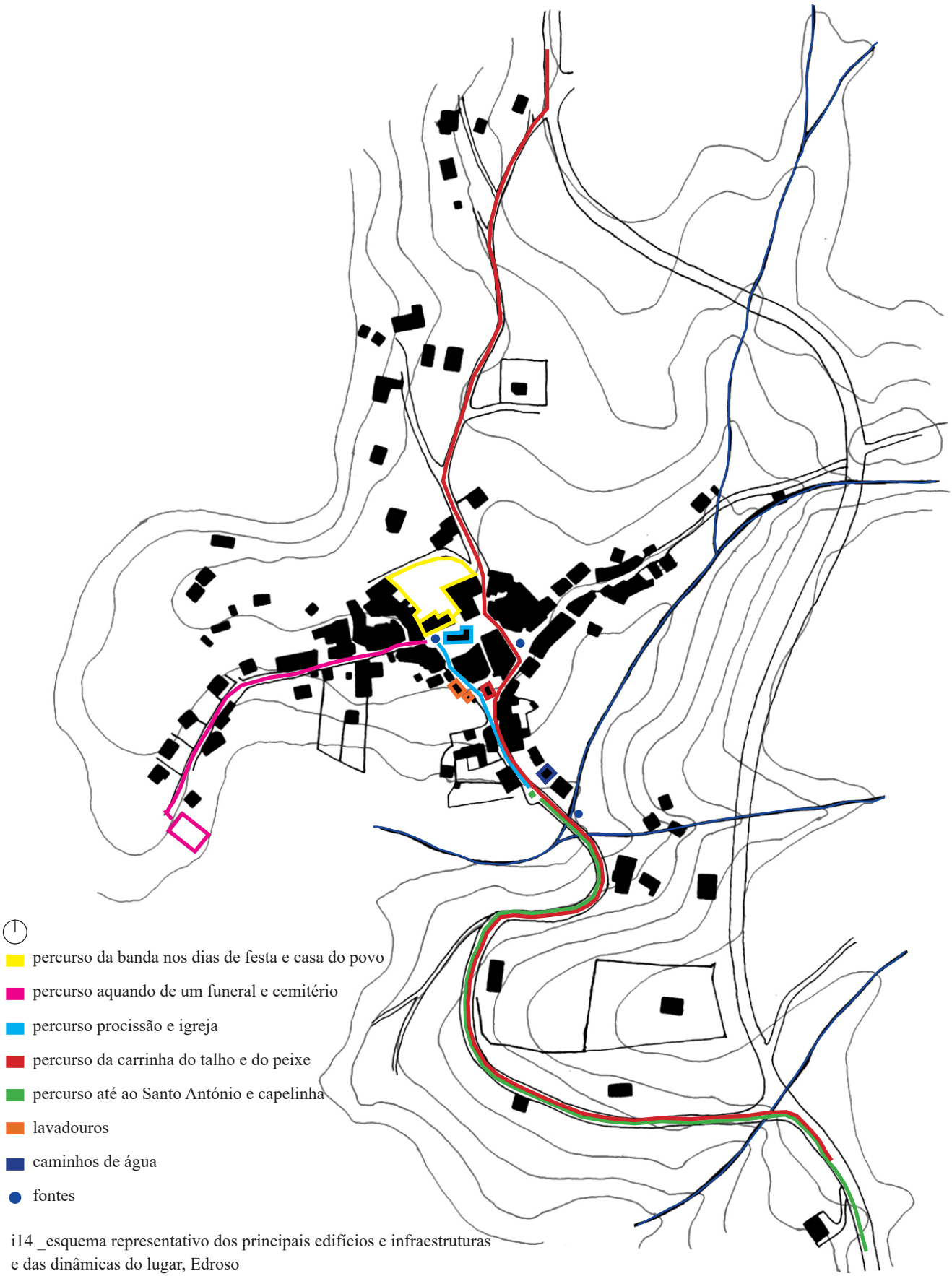
Se de Podence viermos, entramos na aldeia pela rua da fonte, à cota mais baixa. No percurso, a capelinha de Santa Marinha e alguns habitantes reunidos no café recebem-nos à chegada. Caso contrário, o caminho que desce até à igreja e casa do povo, ou o carreiro que vai até ao forno e lavadouro levam-nos até ao centro do povo. Existe, um quarto caminho que partindo da igreja conduz-nos até ao cemitério, em direcção a Comunhas. Nas intersecções, é comum a rua ganhar largura e neste espaço surgir uma fonte, que compõe o espaço e a vida na aldeia.

A população está envelhecida e já são poucas as pessoas que vivem neste lugar. Apesar de tudo, os que resistem dedicam-se, principalmente, à agricultura para consumo próprio, mas também ao cultivo, em grande volume para comercialização, de castanhas, nozes e azeite. Na aldeia, há ainda quem paste ovelhas, e outros que se dedicam aos porcos ou à caça. Já, os mais novos, viram na apicultura e nos viveiros melhor rendimento. Outros filhos deste lugar espalharam-se pelo mundo e pelo resto do país, à procura de formação superior e emprego. Regressam a casa no período de férias ou quando se reformam. Caso contrário, partem, de novo, carregados com aquilo que lhes mata a saudade da terra que os viu nascer.

[19] Serra de Bouzende

i10 _ esquema de localização da aldeia de Edroso em Portugal | i11 _ esquema representativo dos limites administrativos e das principais vias de acesso à aldeia de Edroso | i12 _ planta toponímica da aldeia

i13 _ conjunto de fotografias | aproximação à aldeia pelo lado de Podence | aproximação à *casa dos avós*



i14 _esquema representativo dos principais edifícios e infraestruturas e das dinâmicas do lugar, Edroso

No início do ano preparam-se as culturas de inverno. É recomendável a poda das figueiras e macieiras. Semeiam-se favas, ervilhas, alfaces e couves. Entre o Domingo-Gordo e a Terça-feira de Carnaval, a aldeia vizinha, Podence, protagoniza o Entrudo Chocalheiro, com os seus conhecidos caretos. A avó conta que quando era menina era comum estes indivíduos entrarem em casa das pessoas, sendo as raparigas e mulheres solteiras os principais alvos de seus chocalhos. Hoje, também as raparigas se mascaram e as investidas chocalheiras dos caretos abrangem tanto homens como mulheres, ou turistas e residentes. O Carnaval marca, assim, o fim do inverno e o início da primavera na região.

> *Produz batata, azeite, cortiça e linho. Batata farinhuda, que se desfaz na boca; azeite loiro, que sai em luz da almotolia: cortiça que deixa os sobreiros nus para agasalhar os enxames; e linho fresco, fino, que, tecido em lençóis, faz o bragal das noivas.*
>
> *De figos, nozes, amêndoas, maçãs, pêras, cerejas e laranjas nem vale a pena falar. São mimos dum pomar variegado, que nenhuma imaginação descreve quando a primavera estala nos ramos.*[20]

Só se regressa ó depois na Páscoa. Na aldeia, o forno comunitário enche-se de gente. Amassam e cozem o folar e os económicos. É Semana Santa e a imagem da Virgem anda de casa em casa. No Domingo de Páscoa há missa e visita pascal. Entram em casa das pessoas para as abençoar. Alinham-se as famílias e beijam a cruz. Partilha-se o pão e o vinho e paga-se a festa. Logo abril, traz a chuva e nova vida. Os lameiros enchem-se de erva fresca e ouve-se a água correr nos ribeiros, onde perto nascem pascoelas que cobrem o solo. A serra pinta-se de cor-de-rosa, cor da urze que brota espontaneamente da terra. Nesta altura, tudo se planta.

> *Nas romarias, verdadeiramente, não se divertem. Pagam nelas o dízimo espiritual ao santo ou à santa com quem têm contratos pelo ano fora, e fazem a barrela das suas relações humanas. A capela da devoção fica no alto do mais alto monte que rodeia a freguesia. E eles sobem então pela serra acima, quer à vara do pálio, quer a alombar o andor, quer de joelhos, a abrir uma chaga de sofrimento no corpo pecador — mas sem tirar os olhos do inimigo com quem hão-de medir forças no arraial.*[21]

No verão ouvem-se as motocicletas rua acima rua abaixo. De Bragança ou Macedo, chegam a padaria, o talho ou a peixaria, que sobre rodas atravessam e abondam as aldeias da região.Paralelo ao suor do dia-a-dia, decorrem também as festas e romarias alusivas ao santo ou à santa com quem têm contratos pelo ano fora, marcam o compasso da convivialidade.

[20] TORGA, Miguel. (1945). *Novos Contos da Montanha*. 1ª ed., Edição do Autor. Coimbra.
[21] ibidem

Os fiéis pagam o dízimo e, povo acima, povo abaixo, dirigem-se até à capela de devoção. Juntam-se as aldeias próximas, e as pessoas são convidadas, durante o dia, a participar na missa, nos jogos, nas apostas, no leilão e em todas as actividades programadas.

Os mordomos, escolhidos no ano anterior, organizam a festa do santo. Contratam uma banda filarmónica que chega de manhã à aldeia. Em procissão, entram pelo lado de Podence, pela rua da fonte. Descem tocando até à capelinha de Santa Marinha. Medem aí compasso que faz reunir os vizinhos junto do café. Povo acima, sobem até ao forno da aldeia. Novo compasso. Seguem caminho para nordeste, para o pequeno largo da fonte. Dão a volta à aldeia e voltam a tocar, agora, em frente à igreja. Segue-se a missa e, logo depois, um grande rebuliço! Numa espécie de corrida, os vários habitantes da aldeia convidam um ou mais músicos para o almoço em suas casas. Os que não tiveram a oportunidade de ser escolhidos ficam à responsabilidade dos mordomos. Depois do almoço, as pessoas juntam-se no café. Entre cartadas e minis espera-se hora do concerto e do leilão. Noite dentro a festa continua. A música filarmónica é substituída pela conhecida música pimba, que anima o bailarico. No dia seguinte, a festa repete-se noutra aldeia vizinha. No final das férias, apanham-se as batatas e as maçarocas de milho e, de despedidas feitas, os emigrantes regressam ao país que os acolheu.

Com o fim do verão, abre-se a época das vindimas. Entre setembro e outubro, quem ainda as tem, colhe as uvas que douraram ao sol.

> *Mas o fruto dos frutos, o único que ao mesmo tempo alimenta e simboliza, cai dumas árvores altas, imensas, centenárias, que, puras como vestais, parecem encarnar a virgindade da própria paisagem. Só em Novembro as agita uma inquietação funda, dolorosa, que as faz lançar ao chão lágrimas que são ouriços. Abrindo-as, essas lágrimas eriçadas de espinhos deixam ver numa cama fofa a maravilha singular de que falo, tão desafectada que até no próprio nome é doce e modesta: — a castanha. Assada no S. Martinho, serve de lastro à prova do vinho novo. Cozida, no Janeiro glacial, aquece as mãos e a boca de pobres e ricos. Crua, engorda os porcos, com a vossa licença...*[22]

O mês inicia-se com melancolia. O primeiro de novembro, dia de Todos os Santos, leva os filhos deste reino aos cemitérios. Lá as famílias reunem-se com os seus mortos, lavam-lhes as campas, botam-se-lhes flores novas e bonitas. Regressam, depois, para o calor da lareira de suas casas. Amanhã será dia de trabalho.

[22] ibidem

i15 _ igreja | i16 _ fonte | i17 _ forno e forja | i18 _ lavadouros | i19 _ casa do povo | i20 _ capela de Santo António de Edroso | i21 _ moinho | i22 _ procissão

i23 _ Edroso visto da estrada nacional número 316

Levantam-se antes dos primeiros raios de sol e vão logo para os campos. Há castanhas por apanhar. Os pequenos produtores juntam a família e completam as suas apanhas por si só. Outros, por terem maior número de castanheiros, além das suas famílias, reunem alguns trabalhadores, desta e de outras aldeias vizinhas, para ajudarem no trabalho. Por vezes, e se assim se justificar, contrata-se o homem da máquina, que com o soprador segue à frente, separando as castanhas dos ouriços. Os mais atentos às últimas inovações e dispostos a investir nas suas produções adquiriquem máquinas, que atreladas ou integradas num trator, apanham e separam as matérias.

Almoçam ao meio dia. Vinho, queijo, pão, salpicão, presunto e uma boa navalha para cada um não faltam! Bebe-se café no Isaias e volta-se para o campo porque o trabalho só termina com os últimos raios de sol. À noite, reunem-se à volta da lareira de suas casas, assam castanhas e bebem um copo de vinho, aguardente ou jeropiga, conforme o gosto de cada um. Novembro acaba por ser, assim, um mês dedicado à castanha e ao castanheiro, que cobre cerca de 60% deste território, gerando emprego e lucro na região.

Em dezembro, se as houver, apanham-se azeitonas. A dinâmica da apanha em tudo se assemelha à da castanha. Levantam-se antes dos primeiros raios de sol e vão logo para os campos. Há azeitonas por apanhar. Os pequenos produtores juntam a família; outros, por terem maior número de oliveiras, além das suas famílias, reunem alguns trabalhadores, desta e de outras aldeias vizinhas, para ajudarem no trabalho. Por vezes, e se assim se justificar, contrata-se o homem da máquina, que com o varejador segue â frente, fazendo vibrar a árvore, que deixa cair as azeitonas sobre a lona. Os mais atentos às últimas inovações e dispostos a investir nas suas produções adquiriquem máquinas, que atreladas ou integradas num trator, substituem o varejador e lona, assim como, o trabalho de quem antes os manuseava. A produção destina-se, maioritariamente, à transformação em azeite, que armazenado serve depois para uso doméstico ou comercialização.

Os estão fora regressam no Natal. Em casa, o fogo da lareira aquece quem entra. Fazem-se bolos, rabanadas, sonhos e toda a doçaria da época na cozinha. Monta-se a árvore e o presépio e recheia-se a mesa da sala. No dia seguinte de manhã há missa.

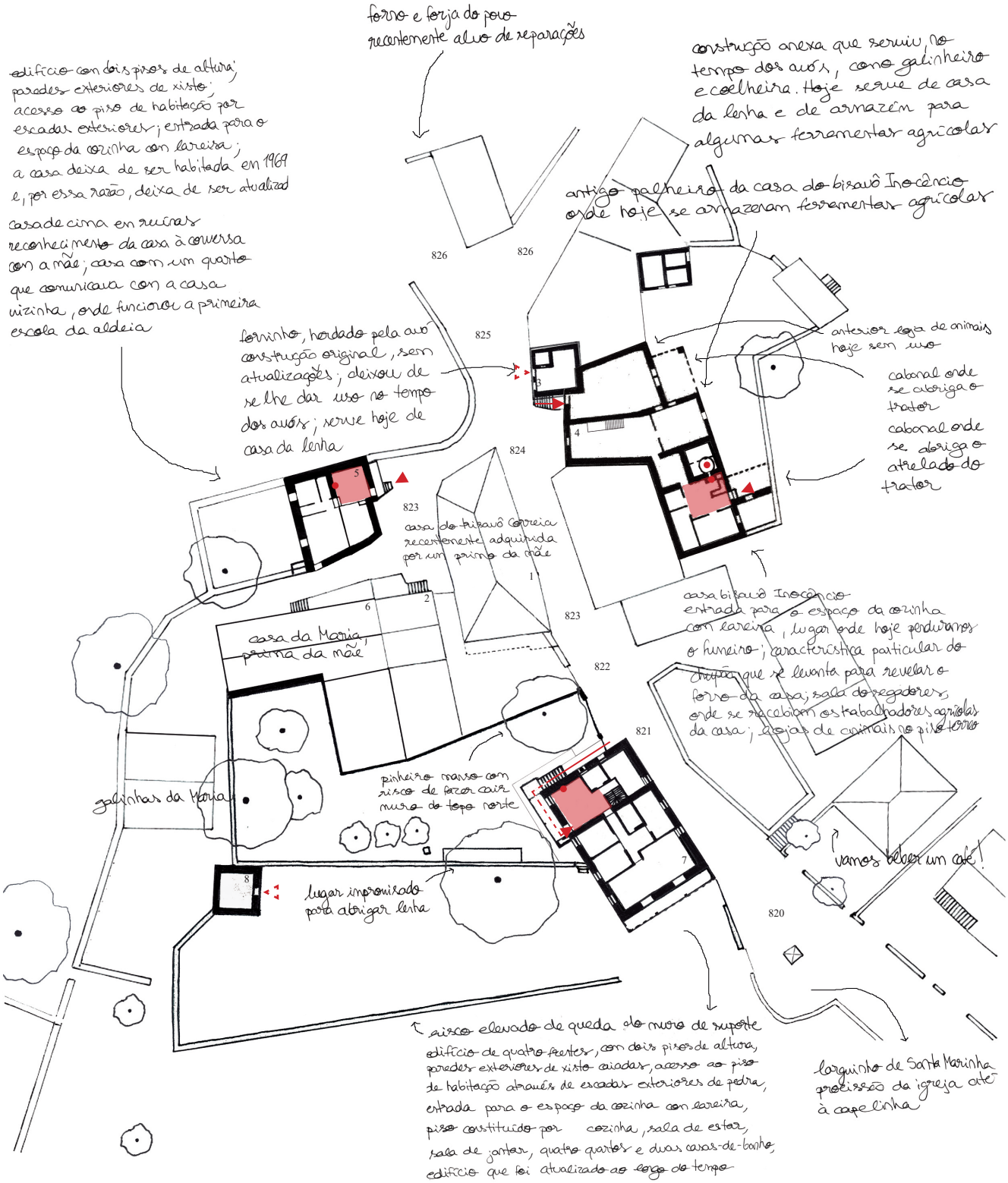
> *É* [do porco] *que se tem de partir para chegar à trindade tradicional do reino: os presuntos, as alheiras e os salpicões. Por alturas do Natal, começa a matança. Ao romper da manhã, a paz de cada povoado é subitamente alarmada. Um grito esfaqueado irrompe do silêncio. Dias depois desmancha-se a bisarma, e um pálio de fumeiro cobre a lareira.*[23]

Da parte sobrante das uvas é feita a aguardente, depois de três a quatro meses de fermentação, apreciada como digestivo ou acompanhamento do café. Na mesma altura e depois da matança do porco faz-se o fumeiro típico da região: alheiras, salpicões, presuntos, linguiças e butelos. Nada sobra! Todas as partes do porco são, de alguma forma, aproveitadas. As tripas cheias são depois penduradas sobre a lareira sempre acesa. O tempo e o fumo tomam conta do resto. É hora de ir para a mesa!

*

Do conjunto vasto de indíviduos que se espalharam pelo resto do país à procura de formação superior ou de emprego, fazem também parte os quatro irmãos, que regressam a casa nos períodos de férias ou quando a responsabilidade sobre o conjunto predial herdado o exige. Salientamos, por isso, de seguida as casas que deste fizeram ou fazem parte.

[23] TORGA, Miguel. (1945). *Novos Contos da Montanha*. 1ª ed., Edição do Autor. Coimbra.



i24 _ planta do piso superior do conjunto predial herdado pelos quatro irmãos | [1 casa do trisavô Correia] | [2 palheiro casa Correia] | 3 forninho | 4 casa do bisavô Inocêncio | 5 casa de cima | [6 casa da Maria] | 7 casa dos avós | 8 pombal

[casa do trisavô Correia]

A casa do trisavô Correia é a casa onde residiu o trisavô Correia que a fundou. Erguida sobre paredes exteriores de xisto, a casa de dois pisos apresenta ao nível do piso térreo três lojas de animais, hoje sem uso, e um acesso da rua da fonte ao interior do logradouro. A entrada para a casa propriamente dita realiza-se pelo lado norte, através de umas escadas exteriores de pedra que acedem a um pequeno espaço alpendrado no primeiro piso. Dentro, a cozinha com uma lareira recebe quem entra. Ao centro, um corredor, paralelo à rua da fonte, faz a distribuição para os restantes espaços da casa. Por não existir, na sua origem, é instalada, nos anos 90, uma casa-de-banho a par com uma varanda, no topo sul da casa, do lado oposto à cozinha. Hoje a casa do trisavô Correia, depois de um período à venda no mercado, é propriedade de um primo da mãe.

[palheiro da casa Correia]

Sabe-se do palheiro que terá sido um anexo à casa Correia. Constituído por dois pisos, o palheiro era composto por um único espaço iluminado por uma janela de guilhotina, ao nível do primeiro andar, acedido por umas escadas exteriores de pedra. No piso térreo funcionava o palheiro propriamente dito que aquecia o sobrado. Depois de compras e venda, o palheiro é hoje propriedade de um primo da mãe.

forninho

Herdado pela avó, aquando da morte de seus pais, o forninho é a casa onde hoje guardamos lenha e algumas ferramentas agrícolas. No forno, já não se acende o lume, não só devido ao facto de se ter deixado de cozer pão, mas também pela preferência de uso do forno comunitário. Anexo à casa Correia, o forninho ergueu-se sobre quatro paredes de xisto, constituindo um único espaço no seu interior, iluminado por uma janela com portadas exteriores. O forno propriamente dito encontra-se do lado esquerdo da porta de entrada e a cobertura, de uma água, forma um beiral sobre a fachada da rua.

casa do bisavô Inocêncio

A casa do bisavô Inocêncio é a casa onde o avô cresceu. Erguida sobre paredes exteriores de xisto, a casa de dois pisos e com pavimento de madeira, no primeiro andar, distingue-se das outras casas do conjunto, uma vez partilhar as mesmas paredes meeiras com as casas vizinhas. O acesso à casa é realizado através do quintal, a nordeste. A entrada propriamente dita realiza-se à cota alta, diretamente para o primeiro piso. Dentro, as costas do escano definem o espaço de entrada. Vê-se uma lareira e três portas que correspondem a três quartos da casa. Dois deles de pequenas dimensões e sem iluminação e ventilação diretas. Nesta casa, a lareira apresenta uma característica particular: por de trás do chupão revela-se o forno, que surge na continuação do espaço da cozinha. Paralelo ao forno, a sala de jantar encosta-se às paredes da casa vizinha. Por fim, a sala dos segadores remata, na transversal, a casa do bisavô Inocêncio do lado norte. A partir deste espaço acede-se ao palheiro da casa, anexo, e de novo ao quintal, do lado este, assim como, ao piso térreo com várias lojas de animais, hoje sem uso, através de umas escadas de madeira ingremes. A casa foi sendo objeto de algumas obras, depois de um incêndio que destruiu por completo a casa vizinha.

i25 _ avó assa castanhas na lareira | i26 _ apanhar castanhas | i27 _ armazém no mês ne novembro | i28 _ alheiras | i29 _ folares da Páscoa dentro do forno comunitário | i30 _ apanhar batatas | i31 _ avó na adega das batatas | i32 _ lareira da casa do bisavô Inocêncio, casa do fumeiro | i33 _ encher alheiras

Fruto de algumas intervenções, surgiram três novos anexos: um galinheiro, uma coelheira e um cabanal, no quintal da casa. Durante algum tempo, a casa do bisavô Inocêncio serviu de casa de fumeiro e para armazenar milho, mas hoje está em ruínas.

casa de cima

Recentemente demolida pelo risco que representava para a casa vizinha, a casa de cima foi habitação dos avós, entre 1953 e 1969. Herdada pelo avô, aquando da morte de seus pais, a casa de dois pisos era constituída por paredes exteriores de xisto, pedra local. Antecedida por umas escadas exteriores e por um pequeno alpendre, entrava-se diretamente no espaço da cozinha da casa, onde existia uma lareira com chupão. No interior, uma sala de jantar localizava-se logo à esquerda da cozinha e existia uma pequena despensa imediatamente atrás da lareira. Ao centro, um corredor conduzia-nos a três quartos ao fundo e da janela espreitava uma figueira para delícias de quem lá vivia. Do quarto onde os avós dormiam, à esquerda do corredor, acedia-se a um outro espaço, que se sobrepunha à rua e comunicava com a casa vizinha, onde funcionou a primeira escola da aldeia.

[casa da Maria]

Não se sabe ao certo o ano da construção original desta casa. Contudo, sabemos que lá residiram duas tias do avô, irmãs do bisavô Inocêncio. Erguida sobre paredes exteriores de xisto, a casa, de dois pisos, apresenta três lojas de animais ao nível do piso térreo e cozinha, salas e quartos no piso superior acedido por umas escadas exteriores de pedra. Hoje, lá reside a Maria, prima da mãe, que dá nome à casa.

pombal

Erguido em 1932, o edifício familiarmente nomeado como pombal, anexo à casa dos avós, é constituído por quatro paredes de xisto, hoje em ruínas. O seu nome terá origem na sua função primordial. Contudo, terá funcionado, também, a dada altura, como coelheira.

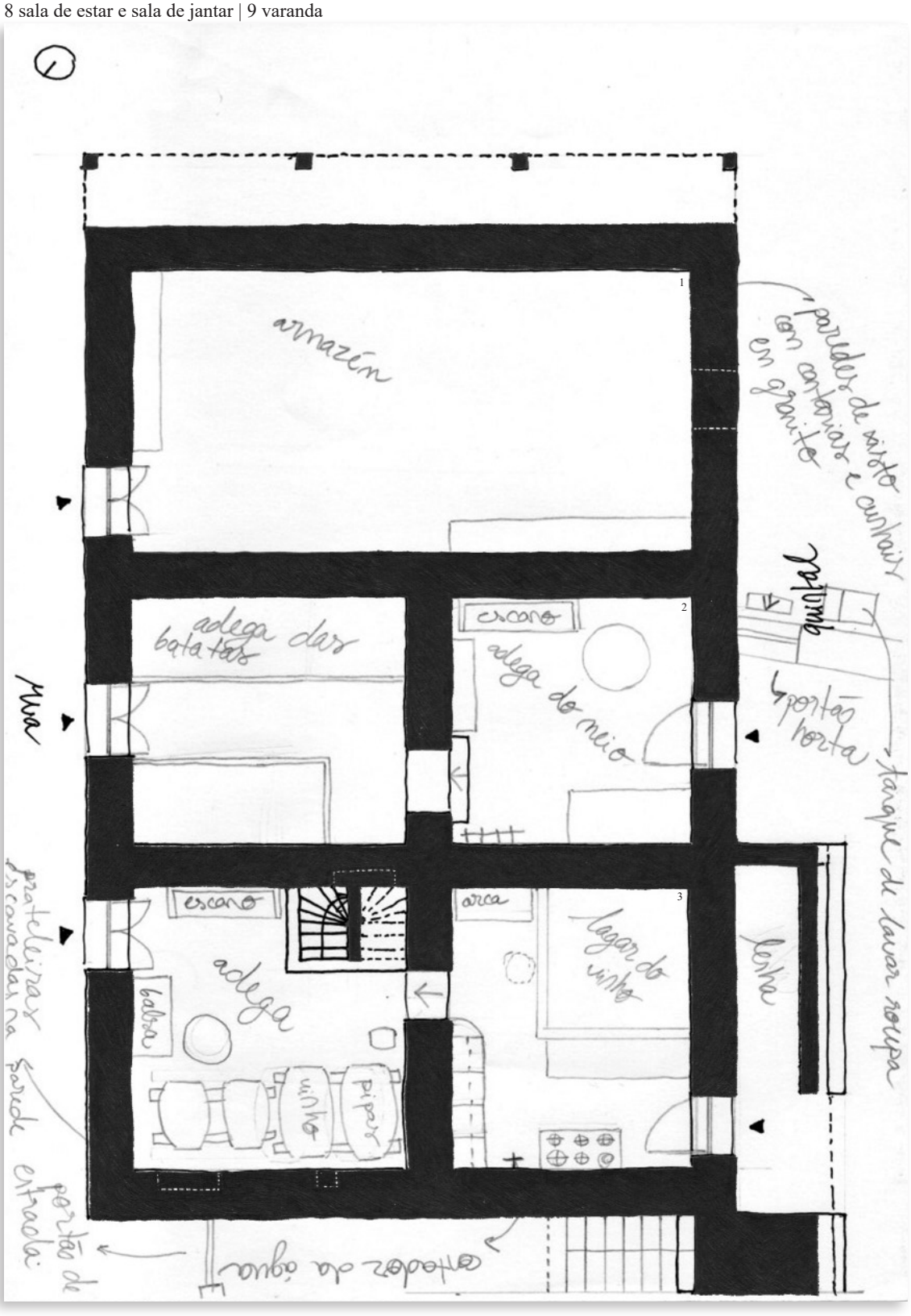
terrenos

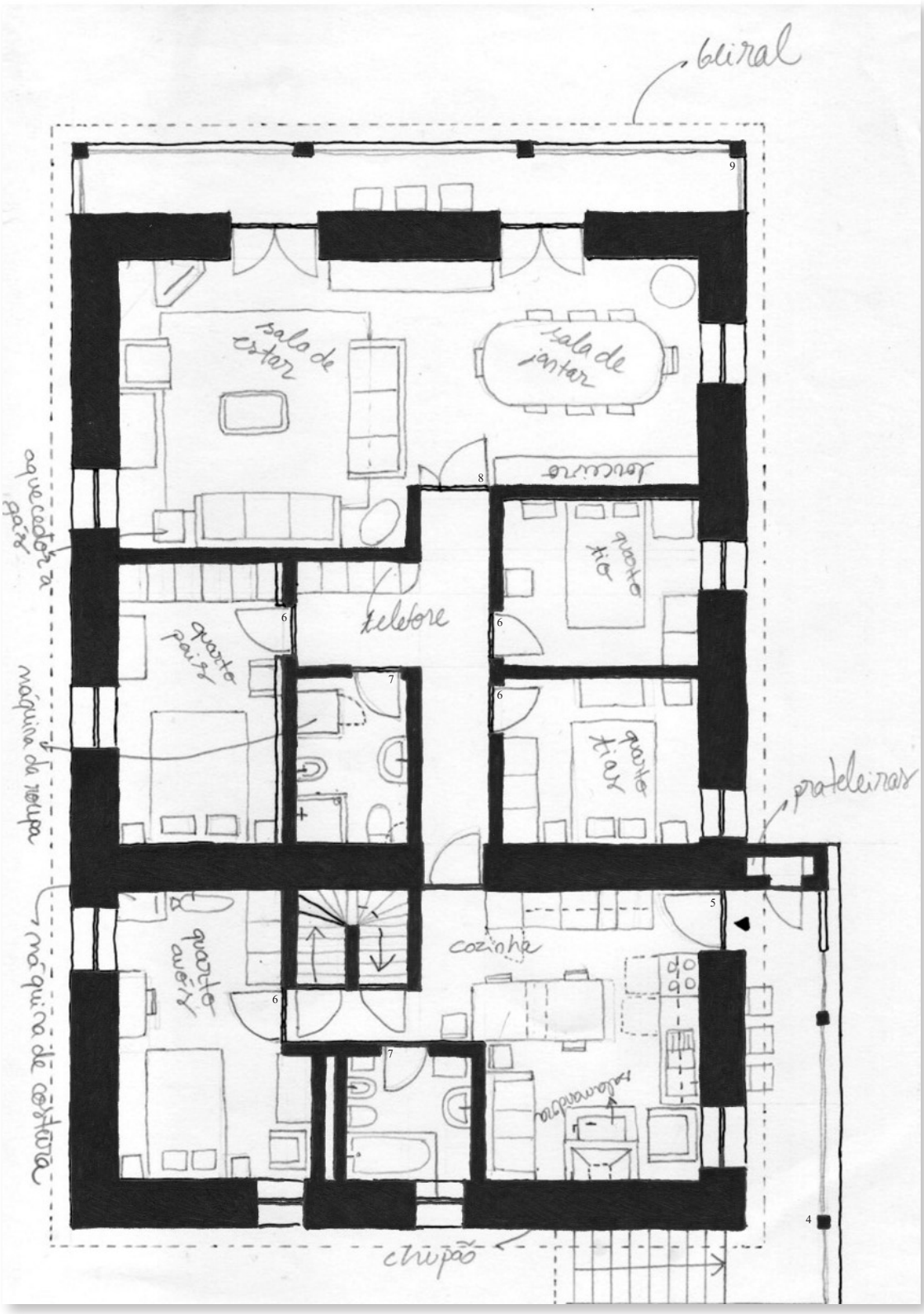
Identificados, o quanto possível, os terrenos da casa, destaca-se a cultura do castanheiro, que ocupa cerca de 60% de toda a área herdada. Outra das culturas com algum relevo no conjunto predial é a da oliveira que, ao contrário da anterior, destina-se, maioritariamente, ao consumo próprio. Nos terrenos desocupados crescem silvas espontaneamente. No tempo dos avós, para além de castanheiros e oliveiras, que souberam fazer nascer, existiam muitas outras culturas sazonais e arrendavam-se os lameiros para pasto.

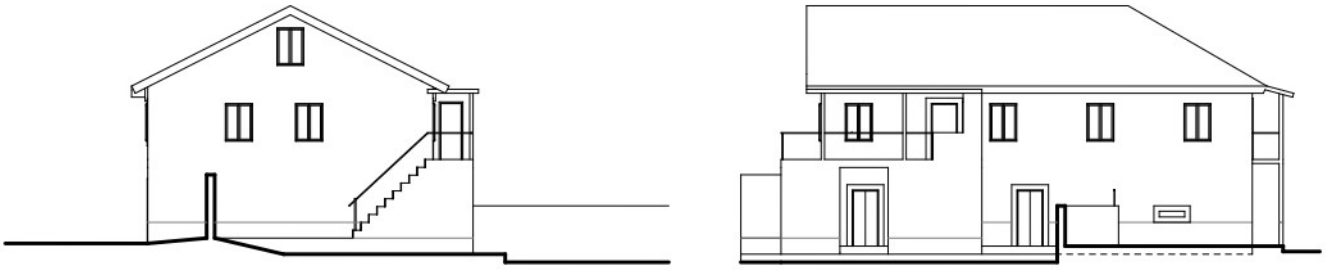
*

Erguida em 1923, sobre quatro paredes exteriores de xisto, a casa dos avós, número 2, marcava, até aos anos 90, uma das entradas na aldeia, abençoada pela capelinha de Santa Marinha. Diz-se, por isso, comummente, que fica fora do povo.

i34 _ desenhos de reconhecimento | casa dos avós. Edroso. 02/2020 | planta piso térreo | planta piso superior | 1 armazém | 2 adega do meio | 3 adega | 4 varanda alpendrada | 5 cozinha | 6 quartos | 7 casas-de-banho | 8 sala de estar e sala de jantar | 9 varanda




beiral
sala de estar
sala de jantar
lareira
aquecedor a gás
quarto pais
quarto tia
telefone
máquina da roupa
quarto tias
prateleiras
máquina de costura
quarto avós
cozinha
lava-louças
chuveiro
9
8
6
7
5
4



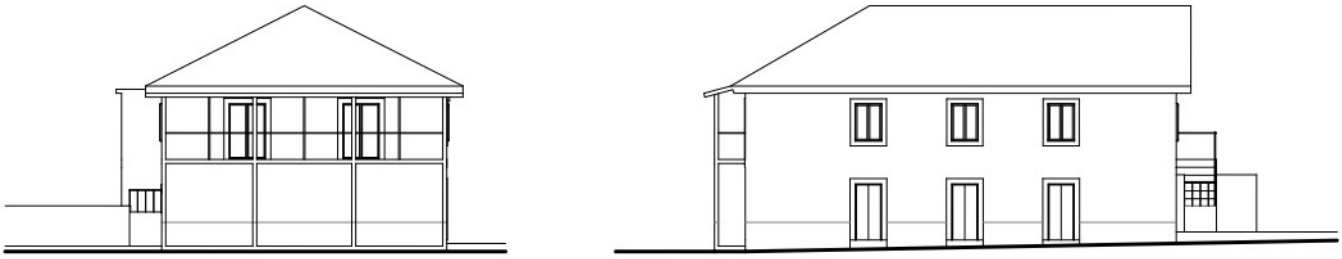
O acesso à casa é realizado através do quintal, no topo noroeste, onde dois portões limitam o espaço público do espaço privado. Para além destas entradas, destinadas ao acesso de carros e de pessoas, existem outras duas. A primeira permite o acesso do quintal da casa à horta e terrenos agrícolas adjacentes, localizada junto à porta da adega do meio, do lado do quintal. A queda de algumas pedras do muro, ao fundo do quintal, no topo oeste, permitiu a existência de uma última entrada, de caracter informal, que permite o igual acesso do quintal à horta, como também ao ribeiro, no fundo do vale, e à casa de uma prima da mãe.

Hoje, em todo o quintal murado cresce erva onde, ainda, as existentes árvores de fruto: nogueira, macieira, pereira e cerejeiras, a permite. Quando os avós lá residiam, o quintal era dividido em duas partes: na primeira metade, o relvado chegava até ao estendal da roupa, que fazia a divisão das partes; e na segunda, brotavam da terra produtos hortícolas, árvores de fruto de flores.

Quanto à casa propriamente dita, o seu piso térreo é constituído por três espaços com áreas semelhantes, dispostos na perpendicular à fachada da rua e com acesso direto à mesma – adega, adega do meio e armazém – hoje, reservado para arrumação e armazenamento de produtos e ferramentas agrícolas.

O primeiro espaço, a adega, do lado noroeste da casa, funciona como extensão da cozinha, participando no vaivém continuo de produtos vindos da terra ou do supermercado. Formada por duas salas comunicantes, acedida pelo exterior ou interior da casa, na adega encontramos objectos e estruturas alusivos à produção do vinho, como as pipas e o lagar, hoje desactivados. Assim como, armários, fogão, forno a gás e arca frigorífica. Para além deste mobiliário, existe uma mangueira com cerca de vinte metros, na sala virada para o quintal, que é utilizada para regar as proximidades. Também é na adega que se acumulam as correspondências do correio, numa caixa de cartão improvisada, colada à porta que dá para a rua, sob uma ranhura horizontal para o mesmo efeito. Ainda, lado do quintal, a adega é antecedida por um espaço exterior coberto que serve de abrigo à lenha e às garrafas de gás, que abastecem a casa.

A adega do meio, tal como o nome sugere, encontra-se entre os outros dois espaços do piso térreo. Igualmente constituída por duas salas comunicantes, embora com maiores diferenças de cota, a adega do meio é dedicada ao abrigo e arrumação de ferramentas agrícolas, desde martelos e serrotes, a enxadas e foices, na sala que se vira para o quintal. Do lado da rua, contudo, guardam-se as batatas, vermelhas e brancas, quando as há.



O terceiro espaço, o armazém é composto por uma única sala a que apenas se tem acesso pela rua. Neste espaço, para além de se arrumarem as bicicletas e balança agrícola, também se armazenam as sacas das castanhas, à espera do magusto.

A entrada para o piso superior de habitação realiza-se a partir de umas escadas exteriores de pedra, no topo noroeste da casa, que acedem a uma pequena varanda coberta que se vira sobre o quintal. Dentro, a cozinha ganha destaque. Afirma-se como espaço de entrada para a casa propriamente dita e como lugar de encontro, reunião, convívio e partilha da intimidade familiar. Neste espaço, a salamandra ocupou o lugar da lareira e existe ao centro uma mesa que se monta e desmonta a gosto.

Do lado oposto, virado para a rua, encontramos o primeiro de quatro quartos, antecedido por uma casa-de-banho e escadas de acesso ao piso térreo e cobertura. Do lado sudeste da cozinha, um corredor permite o acesso a outros dois quartos de menores dimensões, orientados sobre o quintal e ao último quarto, virado sobre a rua. Do lado esquerdo do corredor existe, ainda, uma segunda casa-de-banho, que serve o miolo da casa.

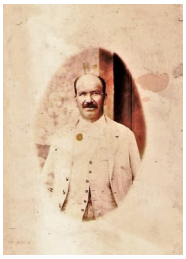
A partir do espaço da cozinha é ainda possibilitado o acesso ao piso sótão, familiarmente nomeado de terceiro. É um espaço pouco aproveitado, utilizado apenas para secar a roupa, nos dias de chuva, e para arrumar aquilo que se quer esconder da vista.

Por fim, ao fundo do corredor, do lado contrário à cozinha, entramos no espaço das salas de estar e de jantar, com área comum equivalente ao armazém, imediatamente abaixo. No topo sudeste, uma varanda coberta, que se vira para a rua e para o larguinho de Santa Marinha, remata a casa dos avós.

*

Erguida em 1923, a casa dos avós é fruto de múltiplas, pequenas e grandes, transformações ao longo do tempo. A consequente e permanente manutenção do edifício não só introduziu transformações ao nível de uma reorganização interior dos espaços da casa, como também introduziu o uso de novos materiais e métodos construtivos.

i35 _ desenho de reconhecimento | alçados da casa dos avós 2020



A sequência de desenhos, observada nas páginas seguintes, ajuda-nos a compreender, neste sentido, a história do edifício, parte integrante, de um conjunto predial herdado. Da mesma forma, a série de fotografias acima apresentada reproduz, de igual modo, uma possível cronologia das principais figuras intervientes.

A presente carta redigida apresentada permite-nos compreender melhor passado e presente e, por isso, aproximar-nos da realidade construtiva e material de um edifício que vive de sobreposições, de tempo e de espaço. Neste sentido, apresentamos de seguida uma aproximação à construção da casa dos avós através de um retrato construtivo, desde a sua origem até aos dias de hoje. Deste modo, quanto aos materiais, foi nos possível identificar a substituição do xisto ou da madeira, por novos materiais como o tijolo ou o betão, alumínio ou PVC.

As fundações são pouco profundas, adormecidas em terreno rochoso, de onde se levantam as paredes exteriores portantes, de alvenaria de xisto, encerrando o volume da casa e a vida familiar. Constituído por duas camadas, este muro erguido com 70 centímetros de espessura, tem como principal consequência o retardar da perda de calor do interior para o exterior, e vice-versa.

No interior do piso térreo, as lojas são separadas por igual aparelho tosco de pedra. O chão, exposto, da mesma matéria do terreno, cobria-se de palha, quando acolhia animais. Hoje, tanto o armazém como a adega do meio apresentam chão e paredes cimentadas, aquando da obra de 1992. Não existem janelas e as portas de batente, de uma ou de duas folhas, são, ainda, das madeiras originais, de carvalho ou castanho, madeiras locais. No teto, as vigas de suporte do piso saltam à vista.

Originalmente concebido por uma estrutura de vigas e barrotes de madeiras autóctones, hoje, reforçadas a betão, o piso assenta sobre as paredes de xisto. O chão, que antes vestia um soalho pregado, de tábuas, com 10 a 15 centímetros de largura, que se prolongavam do interior para o exterior da varanda, actualmente, cobre-se de azulejos frios, em exceção dos quatro quartos da casa, revestidos a parquete.

As paredes divisórias, na sua origem, de tabique ou de cordas de palha recobertas de barro, ou, ainda, de tábuas de madeira justapostas, eram, por vezes, revestidas com cal apagada ou com argamassa de cal e areia de 3 ou 4 centímetros de espessura. Aquando da obra de 1977 e 1992, as mesmas foram substituídas por paredes em tijolo igualmente rebocadas.

As primeiras janelas, de guilhotina, de madeira e vidro simples, foram substituídas na mesma data, por janelas basculantes, de duas folhas, dos mesmos materiais. Em 2001, as janelas voltam a ser substituídas, agora, por janelas basculantes, de uma folha, de PCV e vidro duplo. No interior da casa, a cada janela corresponde uma reentrância com metade da espessura do muro de pedra.

Acedido por umas escadas exteriores de pedra, e ao contrário do piso térreo, no piso superior, o teto era todo revestido por ripas de madeira, com cerca de 7 a 10 centímetros de espessura, exceto, na cozinha, onde, por vezes, existia um acesso à estrutura do telhado, de forma a limpar a neve acumulada nos invernos mais intensos. Atualmente, e tal como aconteceu com a laje do piso, também a laje da cobertura foi embebida em betão, de modo a reforçar a estrutura. No segundo quarto, do lado do quintal, é possível verificar-se esta solução, em que uma viga de madeira da estrutura original ficou à vista no teto do quarto.

Originalmente, sem chaminé, a cozinha cobria-se de fumo, só libertado por pequenas aberturas no telhado, de duas ou quatro águas. Mais tarde, apareceu o chupão, em forma de paralelepípedo estreito ou de pirâmide truncada, de chapa ou de xisto, para subir para lá da cobertura, diferenciando-se desta. As primeiras casas-de-banho, surgem anos mais tarde, quando, finalmente, este lugar se equipa de rede de águas e saneamento público, assim como, de rede elétrica. A varanda da sala, originalmente, com estrutura de madeira, assentava sobre cachorros encrustados nas paredes de xisto. A mesma estrutura foi depois reforçada a betão e apoiada sobre quatro pilares.

De origem ancestral, a estrutura do telhado, outrora, constituída por asnas simples, é formada pelos mesmos paus toscos, grossos e irregulares do sobrado. Sobre esta armação eram apoiados os frechais e as madres e, de seguida, pregado o ripado de madeira, constituído por troncos de menor dimensão, espaçados cerca de 45 centímetros. Por fim, a cobertura era revestida por telha vã ou ardósia, que não tendo qualquer tipo de encaixe era assente nas ripas. Na vanguarda do telhado era formado um beiral, permitindo a escorrência direta das águas pluviais. Mais tarde, a asna simples é substituída pela asna complexa, assim como, a telha vã ou ardósia, substituídas por telha portuguesa ou marselha.

i36, i37, i38, i39, i40, i41, i42, i43, i44, i45 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes

i46 _ planta piso térreo | planta piso superior do conjunto predial, Edroso, 1932

1923_construção da casa dos avós
1924_nascimento avó H. | bisavós Correia e seus seis filhos mudam-se da casa do trisavô Correia para a casa dos avós | casa do trisavô Correia é ocupada por trabalhadores agrícolas da casa
1930_nascimento avô A. | falecimento do trisavô Correia | acertos de propriedade
1932_construção do pombal da casa dos avós
1953_casamento dos avós | habitam casa de cima
1962_instalação de rede de águas a algumas casas da aldeia

i47 _ planta piso térreo | planta piso superior do conjunto predial, Edroso, 1977

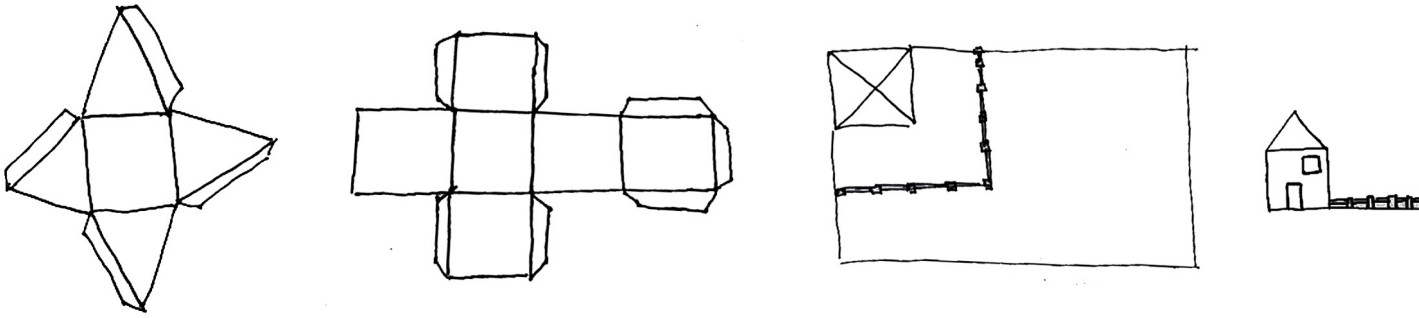
1963_pombal deixa de ser utilizado
1964_avô emigra para Paris, França | nos primeiros anos não volta a Portugal porque não tem a documentação legalizada | regressará, depois, todos os anos no verão e no Natal ou na Páscoa
1969_avós e seus quatro filhos mudam-se para a casa dos avós
1970_primeiras obras de reforço da estrutura das varandas da casa dos avós
1975_substituição das janelas do lado da rua da casa dos avós
1976_falecimento do bisavô Correia | acertos de propriedade

i48 _ planta piso térreo | planta piso superior do conjunto predial, Edroso, 1992

1977_construção do muro entre a casa do trisavô Correia e a casa dos avós | empreitada realizada pelo avô
1978_obras de atualização da casa dos avós | reconfiguração do espaço da cozinha
1984_avô regressa definitivamente de França
1986_instalação de rede de águas e de saneamento na aldeia
1992_licencimento da obra casa dos avós
1999_substituição do mobiliário da cozinha | mobiliário substituído equipa a adega do meio

i49 _ planta piso térreo | planta piso superior do conjunto predial, Edroso, 2020

2001_substituição das janelas da casa dos avós | substituição dos azulejos das paredes e do pavimento
2008_pintura da cozinha da casa dos avós e arranjo de fissuras exteriores
2010_instalação de salamandra no lugar da lareira da casa dos avós
2013_avós mudam-se para Lisboa | casa dos avós fica desocupada
2019_falecimento do avô
2020_falecimento da avó
● lugares do fogo



Um avanço hesitante: eis um método; avançar, não em linha recta mas numa espécie de linha exaltada, que se entusiasma, que vai atrás de uma certa intensidade sentida; avanço que não tem trajeto pressentido; trajeto que constantemente é posto em causa; quem avança hesita porque não quer saber para onde vai – se o soubesse já – para que caminharia ele? Que pode ainda descobrir quem conhece já o destino? [24]

Como começar? Como construir este projeto? O que está em jogo numa hipotética transformação do edifício existente? O que seria o despertar da casa dos avós? Enquanto futuro arquiteto, como posso fazer potenciar as qualidades daquela casa? Qual o meu compromisso?

Entre inseguranças várias associadas à presente condição, a dificuldade do projeto, sem mestre e sem encomenda em concreto, está em validar objetivamente a solução desenhada. Anseia-se o projecto e a discussão do projecto, inquietação permanente.

Projectar: há um princípio quase em nebulosa, raramente arbitrário.

Perpassa a história toda, local e estranha, e a geografia, histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas novas entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos, impressões, cheiros e ruídos, encontros ocasionais. Uma pelicula em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em nítidos quadradinhos.

Uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim, na qual se entra quase ao acaso. Comboio assaltado em movimento.

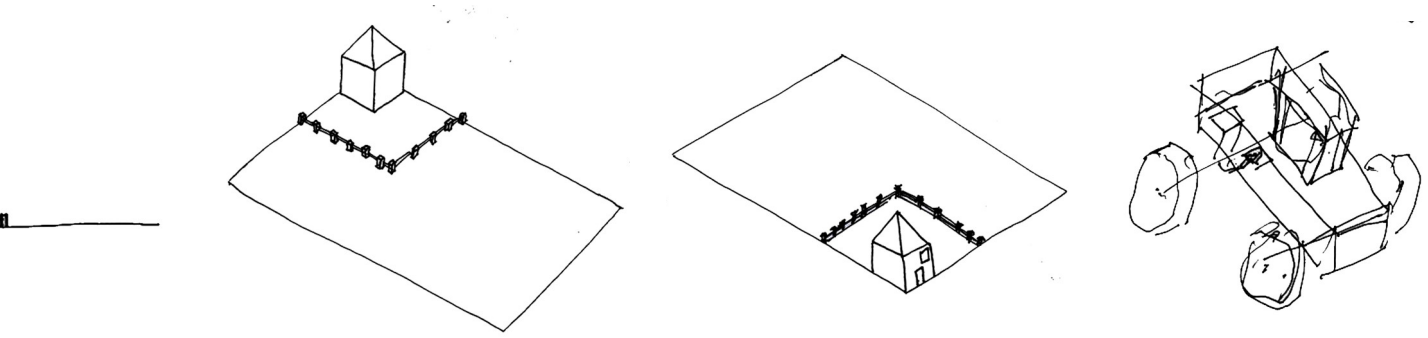
É preciso parar e ser oportuno na paragem. Agora entra a razão, com os seus limites e a sua eficácia.

Talvez retomar a viagem? [25]

Recordo. Brincadeira de criança. Uma casa amarela com janelas e uma porta para a rua. Um telhado bicudo vermelho. Um relvado verde. Uma cerca de madeira. Um trator azul. O avô e a avó. Projeta-se a casa em papel. Revisito o primeiro momento consciente de um pensar a casa. Hoje, com algum aprendizado, com algumas competências adquiridas, mas de novo meninos, construímos casa.

[24] TAVARES, Gonçalo M. (2019). *Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens.* Relógio d'água editores. P. 49

[25] SIZA VIEIRA, Álvaro. (2019). ““, in *01 textos*. Parceria A. M. Pereira. Lisboa. P. 219



Projectar significa, em grande parte, compreender e ordenar. Mas a verdadeira substância essencial da arquitectura é originada, no meu entender, pela emoção e inspiração. Os momentos valiosos da inspiração aparecem com o trabalho paciente. Através de uma imagem interior que surge de repente, de um novo traço num desenho, toda a construção do projecto parece alterar-se e reconstituir-se numa fracção de segundo. É como se, de repente, sentisse o efeito de uma droga estranha. Tudo o que ainda agora sabia sobre o objecto a criar aparece sob uma clara e nova luz. Sinto então alegria e paixão e algo em mim parece dizer: quero construir esta casa. [26]

De regresso ao projeto, os primeiros desenhos denunciam alguma indefinição da ideia de projeto, fruto da incerteza de um eventual novo programa. Contundo, é desde logo evidente a vontade de manter a estrutura existente - continente - e de adaptar o interior da casa, atribuindo-lhe um novo propósito. Adensam-se as questões em redor do projeto: Casa de férias ou casa para turismo rural? Dividir a casa pelos irmãos ou partilhar casa? Aligeirar o volume edificado ou admitir massa compacta? Da mesma forma, priorizam-se questões relativas às entradas, à utilização das escadas, aos espaços de intimidade e, por últimos, questões relativas à articulação e dinâmicas entre espaços interiores e espaços exteriores.

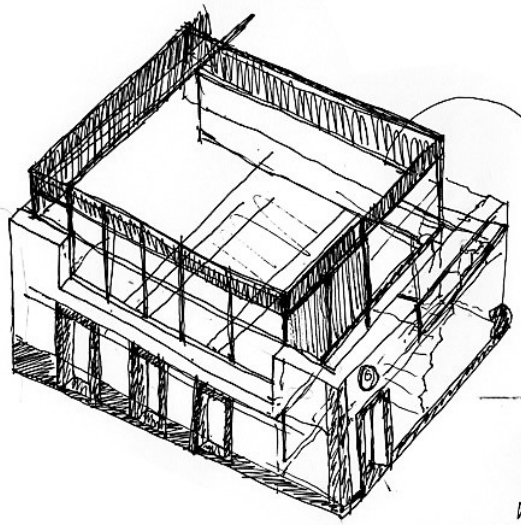
1) Começo um projecto quando visito um sítio (programa e condicionalismos vagos, como quase sempre acontece). Outras vezes começo antes, a partir da ideia que tenho de um sítio (descrição, uma fotografia, alguma coisa que li, uma indiscrição). Não quer dizer que muito fique de um primeiro esquisso. Mas tudo começa. Um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser – coisas talvez opostas, mas nunca sem relação. Muito do que antes desenhei (muito do que outros desenharam) flutua no interior do primeiro esquisso. Sem ordem. Tanto que pouco aparece do sítio que tudo invoca. Nenhum sítio é deserto. Posso sempre ser um dos habitantes. A ordem é a aproximação dos opostos. [27]

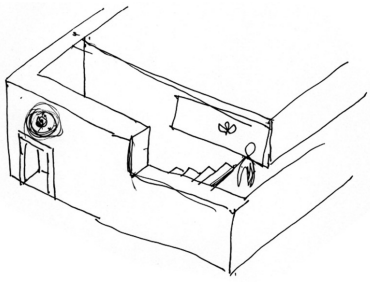
Na tentativa de estabilizar aquilo que possa ser um eventual problema de dissertação, e depois de designadas as informantes do projeto, é realizado um pequeno inquérito escrito à família, de forma a compreender o significado daquela casa para cada um de seus habitantes. Expressa em dois pólos ambíguos, a análise posterior dos resultados revelou-nos a casa dos avós, entre casa de infância e casa de sonho.

[26] ZUMTHOR, Peter. (2009). *Pensar a Arquitectura*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. P. 13.

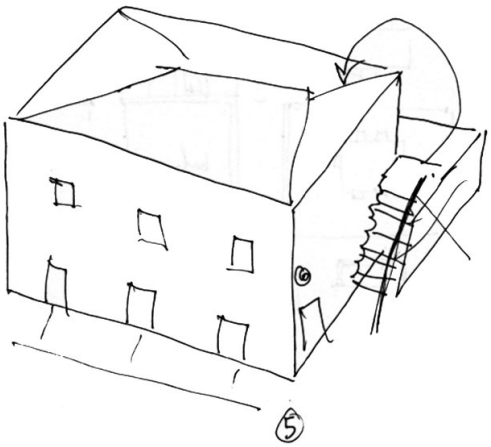
[27] SIZA VIEIRA, Álvaro. (2019). "Oito pontos", in *01 textos*. Parceria A. M. Pereira. Lisboa. P. 27

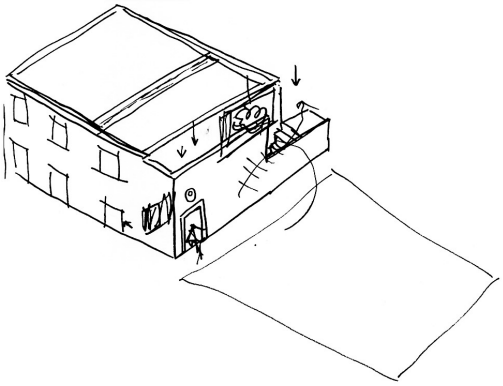
i50 _ revisita a brincadeira de criança e à maquete da casa dos avós projetada em papel quadriculado.

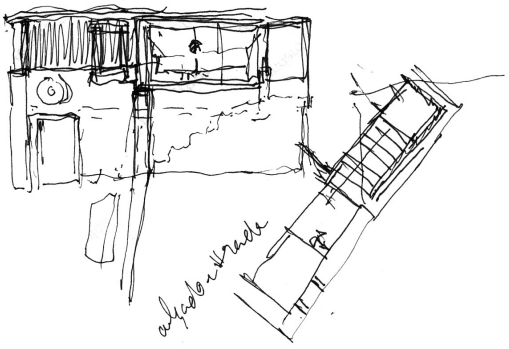


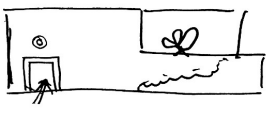


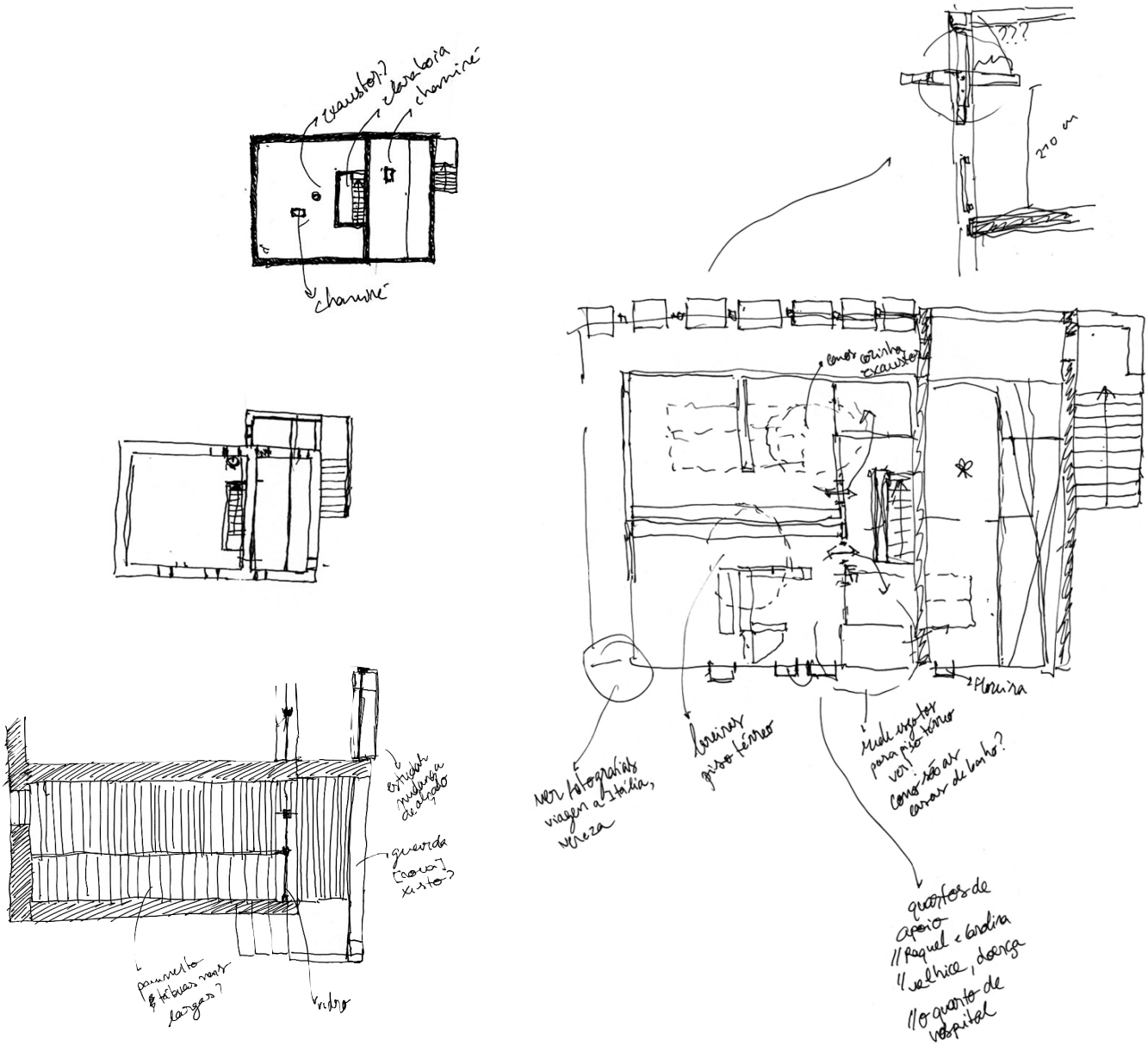
"entrada", talvez o paço simbólico
fogo, lareira, convívio, dormir na
zona mais fria da casa
abertura de janela simbólica,
ver o fogo, espaço acolhedor, estar
reunido, estar à lareira // com sala
de verão



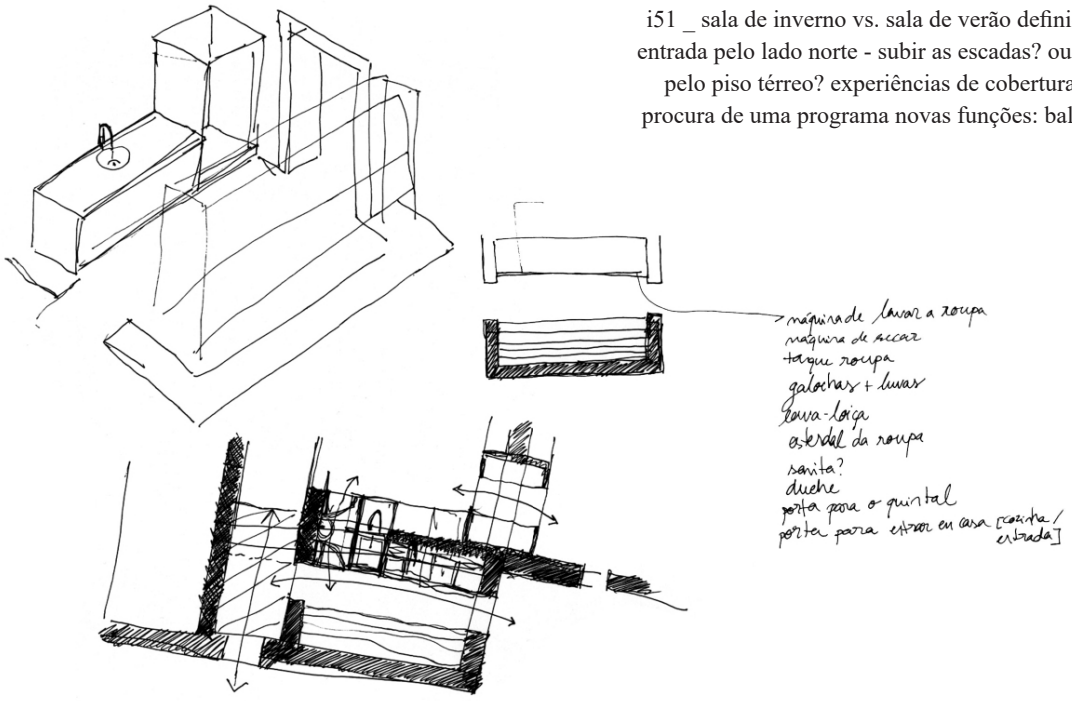


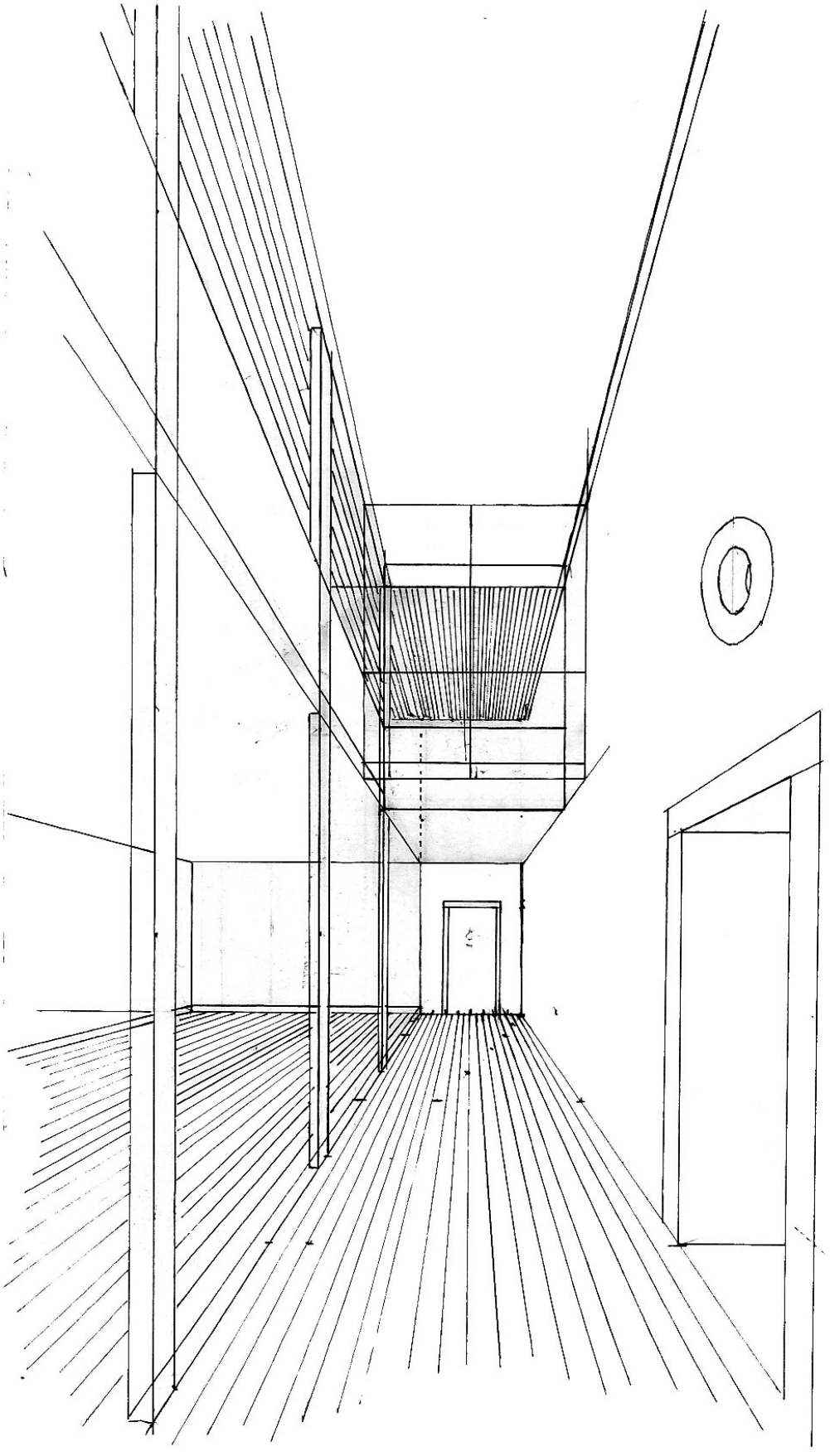






i51 _ sala de inverno vs. sala de verão definição de entrada pelo lado norte - subir as escadas? ou entrar pelo piso térreo? experiências de cobertura plana procura de uma programa novas funções: balneário





A palavra 'lar' translada-nos imediatamente a todo o calor, proteção e amor da nossa infância, e quiçá nossas casas da idade adulta apenas sejam procura inconsciente do lar perdido da meninez. Contudo, a memória do lar também desperta todos os medos e as angústias que podemos ter experienciado na infância.

"Uma casa constituí um corpo de imagens que dá à humanidade provas e ilusões de estabilidade", afirma Bachelard, quem sustem: "A casa é um instrumento para enfrentar o cosmos". Aqui Bachelard fala do lar, de uma casa vivida, de uma casa preenchida com a essência da vida pessoal. A casa é uma coleção e uma concretização das imagens pessoais de proteção e intimidade que permitem o singular reconhecer e recordar da sua própria identidade. [28]

Neste contexto, a casa dos avós representa o regresso a um passado feliz, a uma origem, um regresso à casa de infância que resiste nas memórias de seus herdeiros. A casa mãe, expressão de uma identidade partilhada, que dá sentido às suas vidas, que acolhe e lhes oferece conforto, refúgio e segurança para ser e estar no mundo.

Porque todo o sonho é uma construção, todo o sonhador tem um projeto guardado que deseja materializar. E o fundo de seu sonho está feito por um desejo de estar em outro, no outro, o que não se encontra aqui…

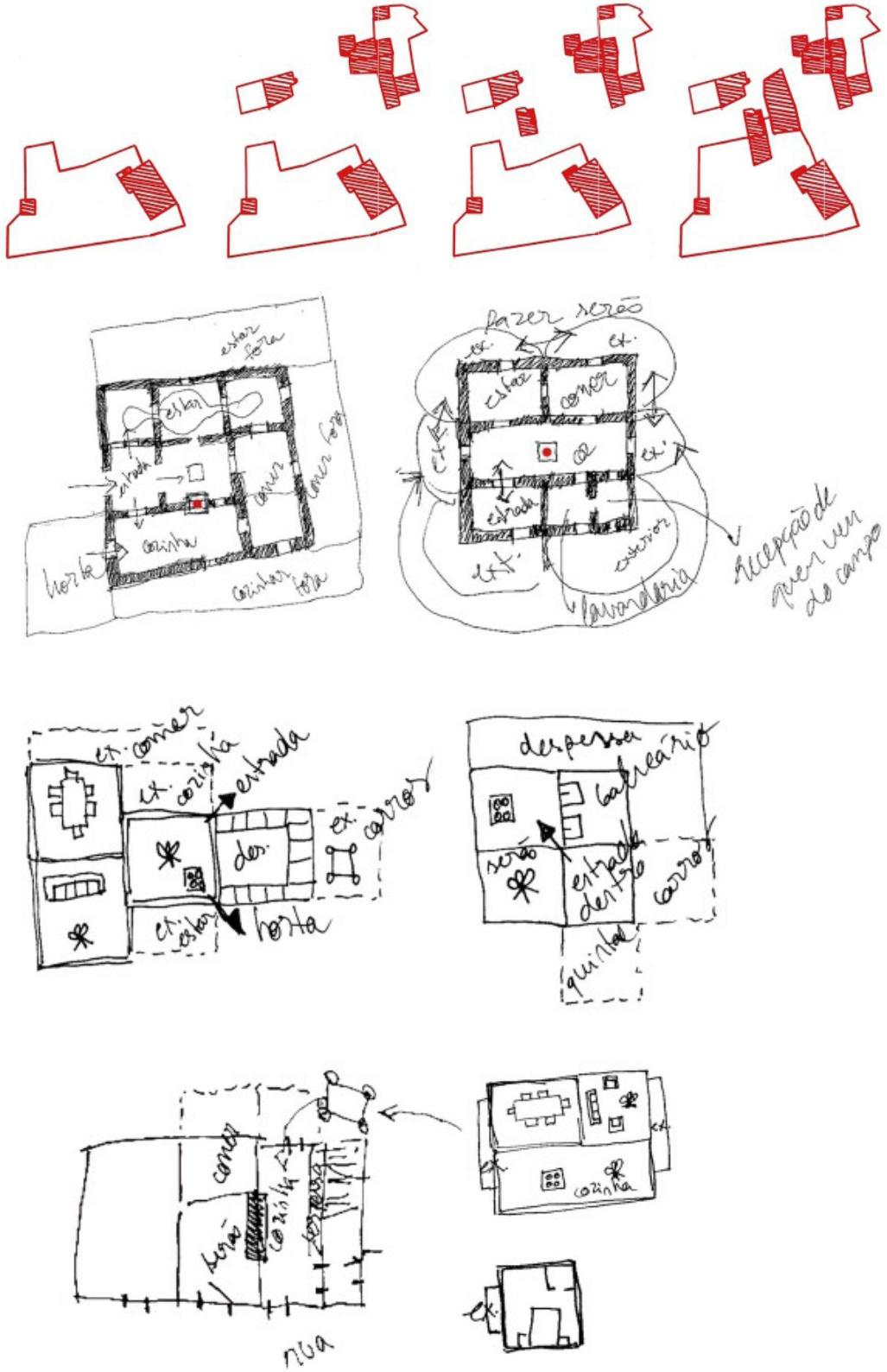
E é por isso que a arte arquitetónica entra em pleno no âmbito desta energia do desvaneio que sempre se projeta; porque o seu propósito é trazer o outro, entrar no outro, acapará-lo; é esse precisamente seu grande tema metafísico: o da interseção de um no outro… [29]

Do mesmo modo, a casa é expressão de todos os seus sonhos, que se rodeiam de gostos, necessidades e custos. Sonhos cor-de-rosa. Sonhos coloridos. Sonhos negros. Sonhos tenebrosos. Sonham de forma consciente ou inconsciente. Sonham um futuro, um querer e querer mais ou melhor. Mas por que o sonho é também projeto dos nossos medos e ânsias, por vezes, ganha limites, pelo próprio, que constrói os primeiros muros.

Sair de um sonho é um alívio ou um desgosto. É o regresso a casa (casa sonhada, possuída ou adoptada). Sonhos despertos ou involuntários, negros ou doirados, inesquecíveis, a cores, rapidamente esvanecidos ou nem mesmo registados, a não ser onde depois os sonhos nascem. Escuridão transformada em penumbra, ao sair de um sonho: regressa o tecto, os ângulos das paredes em perspectiva, cúpulas rectilíneas. Depois o quadro, os objectos sobre a cómoda, a porta entreaberta. Chão, paredes, tecto, tranquilidade. Por isso ter casa é o sonho universal, uma casa com tubos que ligam ao céu e à terra, com luz, com porta e com armários, corredor, átrio. Casa refúgio e casa aberta. Casa com jardim. Casa com ascensor. Casa não portátil, ramo em piso 16 ou base de caule. Casa gruta e casa árvore. Casa boia. Outro lado do vento. [30]

[28] PALLASMAA, Juhani. (2019). *Habitar*. 1ª ed., Gustavo Gili. Barcelona. P. 21
[29] SANTA-MARIA, Luis Martínez. (2004). *Intersecciones*. Rueda. Madrid.
[30] SIZA VIEIRA, Álvaro. (2019). "Sair de um sonho", in *01 textos*. Parceria A. M. Pereira. Lisboa. P. 291

i52 _ primeiros desenhos | perspespetiva do pátio de entrada



i53 _ esquema representativo dos limites explorados em projeto | i54 _ esquemas de associação de funções programáticas

No projeto eis a nossa casa!, também sonhado, aos sonhos impôs-se-lhes condicionantes reais. Não deixámos, todavia, de pensar uma hipotética aquisição e transformação de casas e terrenos vizinhos. O esquema seguinte ajuda, neste sentido, na representação de quatro possíveis variantes dos limites de uma eventual intervenção.

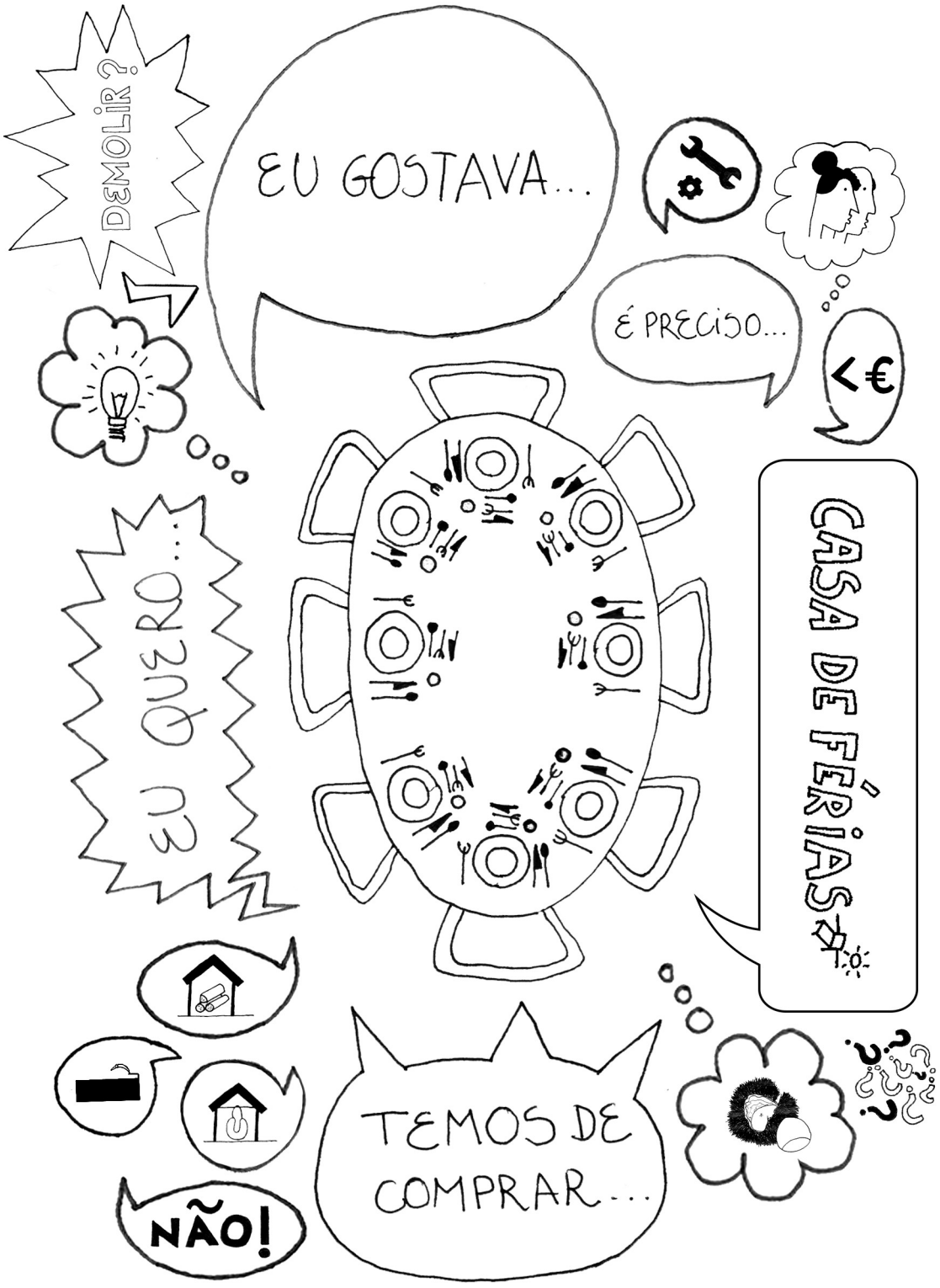
Como ponto de partida para a construção de um hipotético programa de intervenção, no desenho da página seguinte reunimos o quanto possível um conjunto de desejos, vontades, gostos e intensões, que à conversa com a família fomos estabelecendo.

> *Daqui se infere que o homem tem de tomar uma atitude ao criar qualquer forma, quer até porque não é obrigado a obedecer passivamente à circunstância, quer até porque esta pode apresentar aspectos terrivelmente negativos e seria uma posição cobarde cultivar tais aspectos em lugar de os combater, além de que o homem sabe, igualmente, que ao criar formas cria circunstância e a circunstância que ele cria pode agravar esses aspectos ou pode melhorá-los.*
>
> *A dificuldade da posição a tomar está exactamente em saber que porção da circunstância haverá que seguir e que porção haverá que esquecer ou mesmo contrariar; há, neste caso, duas posições limite e, porque limites, porventura inexistentes; ou seguir totalmente a circunstância ou negá-la totalmente.* [31]

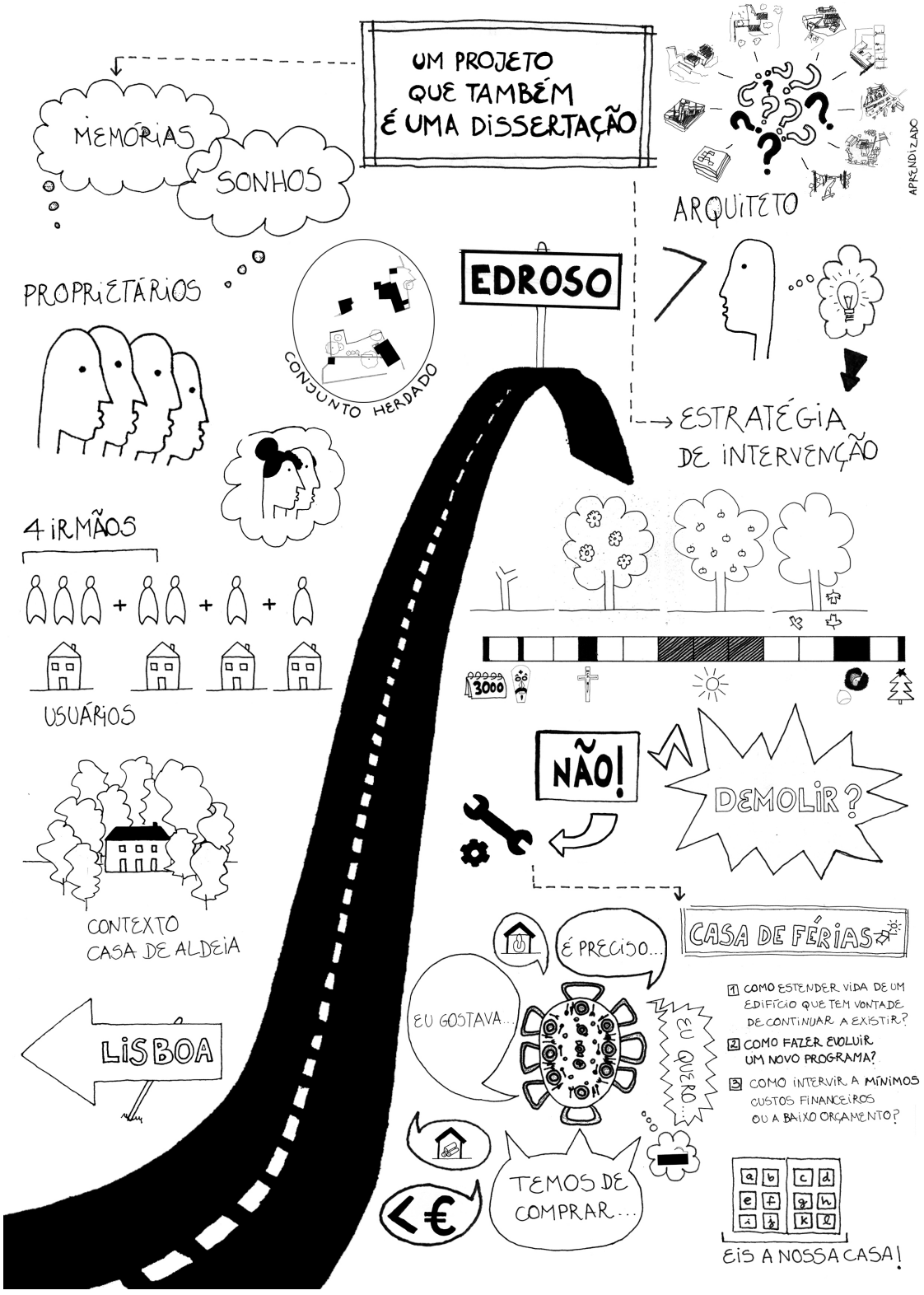
Observemos o esquema representativo do momento em que esclarecemos melhor o problema formulado a partir do desenho do projeto. Com o objetivo de encontrar unidade e medida para o desenvolvimento de um projeto e, consequentemente, do desencadear da presente dissertação, apresentamos um conjunto de requisitos que definem a ação interventiva. A fuga de Lisboa e o retiro para Edroso, deram ênfase à possibilidade de um eventual projeto de uma casa de férias para o reencontro de uma família compósita, que vive, ainda, de memórias de um lugar. A vontade de continuar a viver aquele edifício herdado condicionou, neste sentido, o desenho da proposta. De igual modo, importou salientar os custos e, nomeadamente, custos mínimos na materialização hipotética do projeto *eis a nossa casa!*.

[31] TÁVORA, Fernando. (2006). *Da organização do espaço*. FAUP publicações. Porto. P. 24

i55 _ esquema representativo da análise dos resultados do inquérito escrito à família



i56 _ esquema representativo do momento em que esclarecemos melhor o problema formulado a partir do projeto



projeto

Construir uma casa tornou-se uma aventura.

É preciso paciência, coragem e entusiasmo.

O projecto de uma casa surge de formas diferentes. Subitamente, por vezes, às vezes lenta e penosamente. Tudo depende da possibilidade e da capacidade de encontrar estímulos – bengala difícil e definitiva do arquitecto.

O projecto de uma casa é quase igual ao de qualquer outra: paredes, janelas, portas, telhado. E contudo é único. Cada elemento se vai transformando, ao relacionar-se.

Em certos momentos, o projecto ganha vida própria.

Transforma-se então num animal volúvel, de patas inquietas e de olhos inseguros.

Se as suas transfigurações não são compreendidas, ou dos seus desejos é satisfeito mais do que o essencial, torna-se um monstro. Se tudo quanto nele parece evidente e belo se fixa, torna-se ridículo. Se é demasiadamente contido, deixa de respirar e morre.

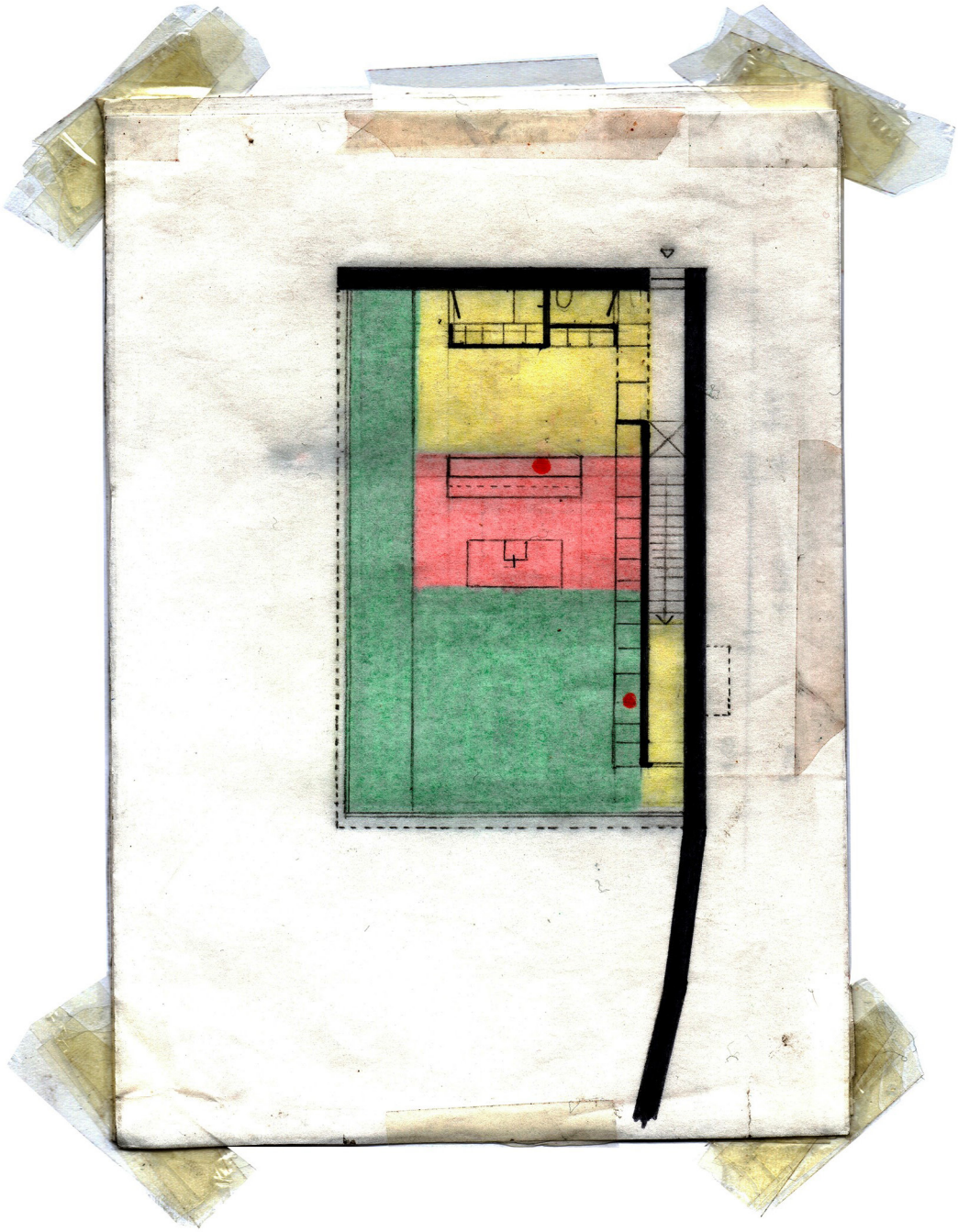
O projecto está para o arquitecto como o personagem de um romance está para o autor: ultrapassa-o constantemente. É preciso não o perder.

O desenho persegue-o.

Mas o projecto é um personagem com muitos autores, e faz-se inteligente apenas quando assim é assumido, é obsessivo e impertinente em caso contrário.

O desenho é o desejo de inteligência.[32]

[32] SIZA VIEIRA, Álvaro. (2019). "Construir", in *01 textos*. Parceria A. M. Pereira. Lisboa. P. 25 e 26



argumento(s) e estratégia(s) de projeto

Da oportunidade de dinamizar um projeto para a casa dos avós que potencie a sua materialização e obra, quis-se fazer dissertação. Foi, por isso, importante encontrar unidade e medida para criar condições para o desencadear do projeto. Neste sentido, a construção da presente dissertação-projeto – produto mix, interseção, cruzamento – pretende, com o projeto, refletir sobre vários tipos de atitude perante um edifício que tem vontade de continuar a existir. Remexendo num passado vivo com carinho, inquietou-nos pensar um seu futuro. Em boa verdade, mais do que priorizar a qualidade de execução do projeto, é nosso propósito fazer dinamizar um exercício de projeto, na qualidade de futuro-arquiteto, que através do desenho, lança diferentes estratégias de intervenção na procura e ensaio do problema-solução.

Por esta razão, salientamos, de novo, o papel fundamental do desenho, no desenvolvimento do projeto, com o objetivo de problematizar uma hipotética transformação da casa dos avós. Sem privilegiar a sua qualidade, destacamos a importância do desenho para quem escolhe fazer arquitetura, para o desenrolar e aprofundamento, a diferentes níveis e escalas, das questões relativas ao nosso processo de investigação, permitindo-nos imaginar, pensar, criar, comunicar, transformar e, por isso, fazer arquitetura.

Confrontados com os problemas do projeto, o desenvolvimento desta estação estruturou-se a partir de duas questões-chave que possibilitaram a definição de requisitos para o presente exercício de projeto. Como estender a vida de um edifício que tem vontade de continuar a existir?; Como fazer evoluir um novo programa?

Paralelo à caracterização do objeto de estudo, procurámos, sem pretensão teórica, aproximar-nos da construção de um problema de projeto de uma dissertação a partir da leitura e análise de alguma bibliografia. Destacam-se duas obras: Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa e Rehabitar en nueve episodios. A primeira, de Xavier Monteys e Pere Fuertes, foi-nos pertinente uma vez incidir sobre a forma de habitar a casa, dando prioridade a aspetos como os usos, mais que à forma ou construção, a partir de um conjunto de pequenos textos e imagens que os acompanham. Assim se constrói a casa, como se de uma collage se tratasse. A segunda, um catálogo de uma exposição de arquitetura, quase sem arquitetura, onde se procurou reunir rostos, notícias, anúncios, receitas, que dando ênfase às pessoas, tem como objetivo explicar o que significa [re] habitar e, especialmente, o sentido atual da palavra.

Fixadas e objetivadas as premissas, correspondentes às variáveis fundadoras, decorrentes do desenho do projeto, num primeiro momento apresentamos dois ensaios, que tentam responder às questões-chave e que tanto problematizam como clarificam o projeto. Pareceu-nos, aqui, pertinente, destacar o estudo de alguns arquitetos e obras de arquitetura que, em função dos argumentos definidos, de alguma forma, nos ajudaram a problematizar e construir o nosso projeto. Chamamos, por isso, a atenção para a convocatória de referências – coisa complexa, mais difusa e distante, que tanto se agarra como se liberta rapidamente – que sem a pretensão de serem cópias, são antes redescobertas por acaso, que informam e levantam questões, com o objetivo de montarmos a nossa arquitetura.

i57 _ série de folhas em papel vegetal sobrepostas | desenhos do projeto

Neste sentido, memória e identidade surge como resposta à pergunta: Como estender vida de um edifício que tem vontade de continuar a existir? Expomos, por isso, elementos e símbolos que caracterizam uma eventual identidade da casa. Em boa verdade, importa, aqui, compreender de que forma a pré existência pode ser valorizada, e quais as componentes que permitem sua continuidade. Em função da premissa definida em projeto, pareceu-nos pertinente destacar o estudo das seguintes obras: a *Casa Alcino Cardoso*, de Álvaro Siza Vieira e a *Casa da Quinta da Cavada*, de Fernando Távora.

Reconhecida a insuficiência do volume pré existente para responder às necessidades atuais, gostos e intensões de uma família, hoje, compósita, que vive de memórias de uma anterior casa, em programa procurámos delimitar e fazer evoluir um projeto de uma casa de férias. Neste sentido, interessou-nos, por isso, repensar a casa, aos olhos de uma visão crítica, que reconhecendo problemas e oportunidades da pré existência, procura acrescentar e potenciar novos espaços, novos usos, novos materiais e métodos construtivos, entre outros aspetos. Em função da premissa definida em projeto, pareceu-nos pertinente destacar o estudo das seguintes obras: *Villa Mairea*, de Alvar Aalto e *Upper Lawn Pavilion,* de Alison e Peter Smithson.

De igual modo, nesta terceira estação expomos o quanto possível, algumas notas sobre a evolução do projeto, de forma a esclarecer o(s) problema(s), sempre em teste, com que nos confrontamos e, de modo, a dar pistas para o que será uma hipotética estratégia de intervenção para o edifício existente. Mais que querer evidenciar uma solução final, interessa-nos apresentar antes a história do projeto. Da mesma forma, interessa-nos perceber o projeto e as suas variantes, o que estava em causa no desenho de cada uma das soluções e como cada problema identificado foi ultrapassado no desenho seguinte.

Por último, apresentamos os conflitos e problemas de projeto levantados relativa à transformação proposta de uma casa de família com história. Aproximamo-nos, aqui, da casa em construção e do desenho dos seus diferentes espaços interiores e exteriores: entrar em casa, cozinha: coração da casa, lugar do fogo, subir e descer escadas, dormir, exterior: o quintal são os títulos que introduzem os desafios e oportunidades que contribuíram para o desenho da nossa casa.

Como possível síntese, em eis a nossa casa! expomos o projeto, ainda em aberto, através de colagens que nos dão uma expetativa de futuro e imagem daquilo que poderá vir a ser a nossa casa. Do projeto, da análise e da identificação de problemas, aproximamo-nos, aqui, do desenho de uma estratégia de intervenção que procura despertar a vida da casa dos avós.

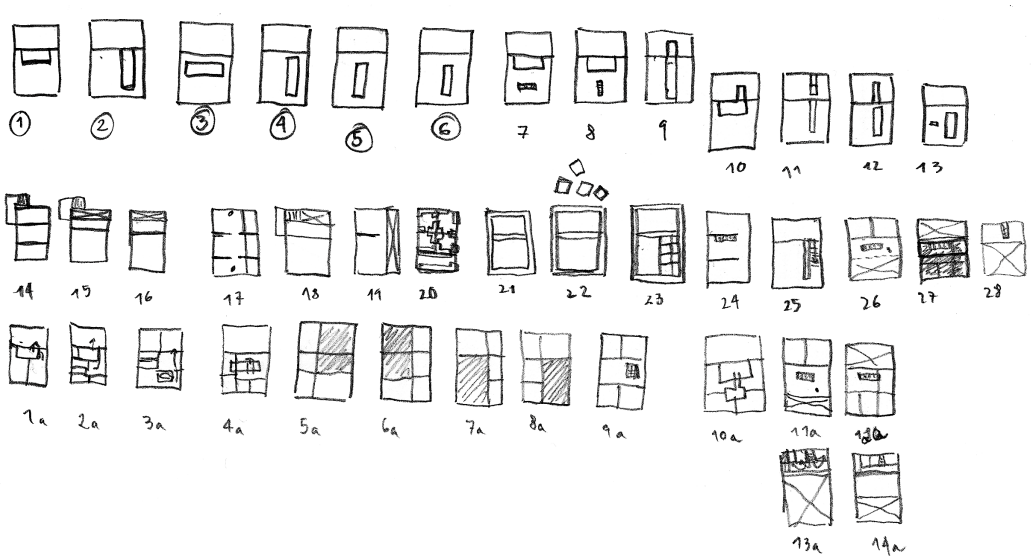
Os tempos e as dimensões mudaram… A realidade é mais diversa, mais rica e mais variada. Não é possível, por agora, dar receitas, classificar com soberania, hierarquizar com exactidão. O Mundo apresenta-se aos nossos olhos e ao nosso espírito como complexo, perturbador, insólito. Conhece-se melhor o homem, começam a desvendar-se os fenómenos da sociedade e, paralelamente, tudo se complica. Aumentaram os contactos, novas culturas entram em jogo, os conceitos relativizam-se, alarga-se o campo das ciências e das técnicas, numa palavra, o homem e o Mundo florescem em aspectos inesperados. Sente-se que o momento é de pesquisa e de dúvida, de reencontro, de drama e de mistério. Como, portanto, concluir com clareza? [33]

Evidenciadas as diferentes peças do jogo, nesta terceira estação, recuamos de novo às questões iniciais, para, agora, nos aproximarmos mais seguros e conscientes. Que atitude devemos tomar perante o edifício? Com que dinâmicas se concretiza um eventual pedido de transformação da casa dos avós? É demolir? É demolir parcialmente? É construir uma casa ao lado? É demolir e voltar a construir a casa original? É demolir as paredes interiores? Ou é mudar os móveis de lugar? Ou pintar as paredes? Ou pintar paredes de cor diferente? É mudar caixilhos das janelas? É alterar o telhado? É fechar as varandas? É viver o piso térreo?

Regressados os filhos a casa, depois de verem o país e o mundo, em Edroso assiste-se a uma espécie de aceleração do tempo e a uma enchente de novas casas. Quanto às casas pré-existentes, desde as mais rudimentares, quase todas são alvo de pequenas e grandes transformações. É comum, o tijolo e o betão integrarem o reportório dos novos materiais utilizados, no reforço da estrutura destas casas, devido ao seu fácil manuseamento e baixo preço, ao invés do uso do xisto ou granito. Da mesma forma, a desgastada telha vã é substituída por telha marselha ou por chapa de zinco ou de fibrocimento. Ver-se-á, por todo o lado, a substituição do uso da madeira na composição das varandas e janelas, para o uso corrente de alumínio ou PVC. Como se formando uma manta de retalhos, assim, convivem os velhos e novos materiais.

Se considerarem a casa-mãe insuficiente, os seus habitantes, na maioria dos casos, adaptá-la-á às suas aspirações e sonhos. Ver-se-á, geralmente, dentro, espaços mais amplos e confortáveis, ao nível do primeiro andar, permanecendo este como piso de habitação. Já no piso térreo, as anteriores lojas, são reaproveitadas como espaço para garagem ou outras funções completares ao piso, como abrigo de lenha ou armazém de produtos agrícolas, se assim se justificar. Outras vezes, projetam uma cozinha com lareira, onde se veem os potes de ferro herdados e escanos restaurados, simulando uma suspensão do tempo. Em detrimento do espaço da cozinha, a sala converte-se, deste modo, no espaço de aparato da casa. Algumas casas são, assim, recuperadas à luz de uma imagem de modernidade, camuflada numa rusticidade que, alguns, fazem questão de transmitir, numa procura ambígua de autenticidade. Por vezes, esta insistente procura de identidade, leva a soluções um tanto anacrónicas, uma vez serem representação teatral de uma casa tradicional da região, levando-nos à problemática das casas-museu, muitas vezes associada aos interesses

[33] TÁVORA, Fernando. (1963). *(desdobrável), in Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: Fernando Távora : minha casa.* FIAJMS. Porto. 2015. P. 344



i58 _ variações da proposta desenhada | estratégias de intervenção quanto desenho do espaço interior da casa

e proveitos turísticos, que envolve outro tipo de considerações.

Regressados maioritariamente de França ou Suíça, os emigrantes desta aldeia, uma minoria em progressiva expansão, multiplicam as famílias deste lugar. Trazem com eles imagens de outras que casas que lhes tomaram o gosto, quase sempre extravagantes. Entre partilhas, herdam terrenos, já fora do povo, sem construção, que logo muram, para aí construírem o seu palácio. Ver-se-á uma mescla de formas, telhados profundamente inclinados e, por vezes, tal como nas casas anteriores referidas, elementos e símbolos que procuram salientar um dita identidade herdada, como por exemplo a projeção continuada do chupão, ou o uso ou referenciação de materiais como o xisto. Tudo isto, fruto de uma ascensão social, em que o modelo trazido de fora torna-se no modelo a imitar, em detrimento da casa tradicional, que para os próprios, é símbolo da sua anterior pobreza.

Apesar de todas as considerações que possam ser feitas relativas a estas novas casas, é nos particularmente importante compreender estas arquiteturas, de melhor ou pior gosto, uma vez ser-nos certo que os seus habitantes se reveem nelas. Sonhadas, estas casas são fruto de uma linguagem e percurso individuais, e, por isso, projetadas e construídas para os seus habitantes, que conscientes de si, afirmam o seu ser no mundo.

> *E aqui se situa o cerne da questão: a Casa do Emigrante partilha com a actual Casa Popular a vontade de ser parte de uma História alternativa, de um Passado imaginário, mas o facto é que, por ser excepcional, não se sobrepõe na paisagem (salvos em Lugares ou aldeias fortemente marcamos pela emigração) à Casa Popular sua contemporânea: esta permanece como a Regra, a casa do emigrante como a Excepção. Na actualidade, sendo que a generalidade das edificações populares recorrem ao dito "modelo histórico imaginado", será de assumir que num futuro não muito distante, toda a nossa paisagem rural seja composta por estes modelos feios de falsidade e imaginação delirante. Nessa altura alguém dirá que aquela é a casa "típica" portuguesa, e mais grave, assumir-se-á que antes daquele Tipo, todas as casas eram também como aquela, dado que essa mesma casa era "à antiga portuguesa".* [34]

De regresso à casa dos avós e de frente para uma hipotética transformação desta, somos confrontados com a dúvida. Se da casa herdada, fruto de múltiplas, pequenas e grandes, transformações ao longo do tempo, é possível identificar conflitos quanto ao desenho dos espaços, estruturas e sistemas entre outros aspetos, é igualmente possível identificar um conjunto de vontades de uma família, que tem em vista a reparação e manutenção do edifício.

> *O arquitecto, pela sua profissão, é por excelência um criador de formas, um organizador do espaço; mas as formas que cria, os espaços que organiza, mantendo relações com a circunstância, criam circunstância e havendo na acção do arquitecto possibilidade de escolher, possibilidade de selecção, há fatalmente drama.*[35]

[34] Revista arquitectura ibérica #20 rehabitar P. 18

[35] TÁVORA, Fernando. (2006). *Da organização do espaço*. FAUP publicações. Porto. P. 73

Expressão de uma identidade partilhada, a casa dos avós, obra de diferentes autores, representa para nós todo o sentido das coisas. Da dimensão pessoal e condição afetiva, a casa é projeto de vida e património de uma família com história que regressa a um passado feliz, a uma origem, que os acolhe e lhes oferece conforto, refúgio e segurança para ser e estar no mundo. Da mesma forma, a casa é expressão de todos os seus sonhos. Sonham um futuro, um querer e um querer mais e melhor.

Por essa razão, ao invés de demolir ou de assumir a manutenção com vista a preservação e conservação do edifício existente, assumimos uma estratégia de intervenção que vem, sobretudo, questionar o interior da casa. Entre experiência e experimento, será o desenho do projeto a indicar aquilo que se quer ver permanecer e aquilo que se quer promover ao transformar a casa, com o intuito de uma sua atualização, tanto quanto a funções programáticas como noções de conforto e sociabilização. Ao invés da tabula rasa, ensaiamos antes uma intervenção que procura manter a estrutura existente como princípio projectual, assumindo, por isso, o continente, como se fosse uma caixa quase intocável.

Montado o tabuleiro de jogo, o conflito está no diálogo entre o antigo e o novo e na reinterpretação da casa-mãe. Proposto o redesenho do interior da casa, o exercício de projeto implicará um olhar critico sobre o edifício existente que, naturalmente, impõe condicionantes ao desenvolvimento de uma estratégia. Sem deixar de assumir novos movimentos, procuramos o ensaio de uma intervenção que visa prolongar e dar continuidade àquilo que caracteriza e define uma identidade familiar.

> *Para nós é extremamente importante considerar que trabalhamos na cidade existente e que, portanto, a tabula rasa não é uma alternativa. Inclusive o plano urbano já não é pertinente. Hoje em dia, a arquitetura deveria ser um ponto inicial do planeamento urbano e não ao contrário. Mais que nunca é necessário encontrar respostas inteligentes a situações problemáticas, em vez de começar a demolir uma boa parte da cidade simplesmente porque não consegues resolver os seus problemas e logo propor alguns arquitetos para redigir distintos projetos em novos lotes vazios. Não acreditamos em absoluto nesta abordagem porque parece-nos totalmente disparatado: nem é económico, nem generoso, nem permite alcançar a máxima qualidade na qual apostamos. Ao invés, cremos mais inteligente começar pela cidade existente, pelos seus problemas e qualidades, que dever-se-iam transformar em oportunidades e situações excitantes, e depois estudar se se pode acrescentar algo baseado na ideia de habitar que pode apoiar esse desenvolvimento orgânico da sociedade. Pensamos que é mais valioso começar a partir de dentro, a partir da situação do habitante e logo desenvolver espaço à sua volta a diferentes escalas.* [36]

[36] VASSAL, Jean Philippe. (2015). "Desde dentro", in *Lacaton & Vassal: 1993-2015* (177-178). Croquis. Madrid. P. 18

JPV: Para nosotros es extremadamente importante considerar que trabajamos en la ciudad existente y que, por tanto, la tabula rasa no es una alternativa. Incluso el plan urbano ya no es pertinente. Hoy en día, la arquitectura debería ser el punto inicial del planeamiento urbano y no al revés. Más que nunca se hace necesario encontrar respuestas inteligentes a situaciones problemáticas, en vez de comenzar demoliendo una parte de la ciudad simplemente porque no puedes resolver sus problemas y luego proponer algunos arquitectos para redactar distintos proyectos en los nuevos solares vacíos. No creemos en absoluto en este

Sobre esta perspetiva, a partir de um certo registo autobiográfico, do projeto, da análise e identificação de problemas através do desenho procuramos encontrar estratégias e validar argumentos para aquilo que possa vir a ser o projeto da nossa casa. Reinterpretada a casa-mãe, acreditamos que a presente dissertação-projeto contribuí, não só para o desenvolvimento de proposta de intervenção de um projeto que pode culminar na sua materialização, mas também para uma reflexão critica sobre arquitetura. Entre realidade e sonho, ensaiamos a flexibilidade do volume, sempre em teste, desdobrando-se em diferentes formas de apropriação do espaço, com base na experimentação e diálogo entre as partes. Sem pretensão de uma solução final, a ela invariavelmente chegaremos, o projeto traduz a história de como fomos revelando a casa, questionando-a quanto às premissas colocadas.

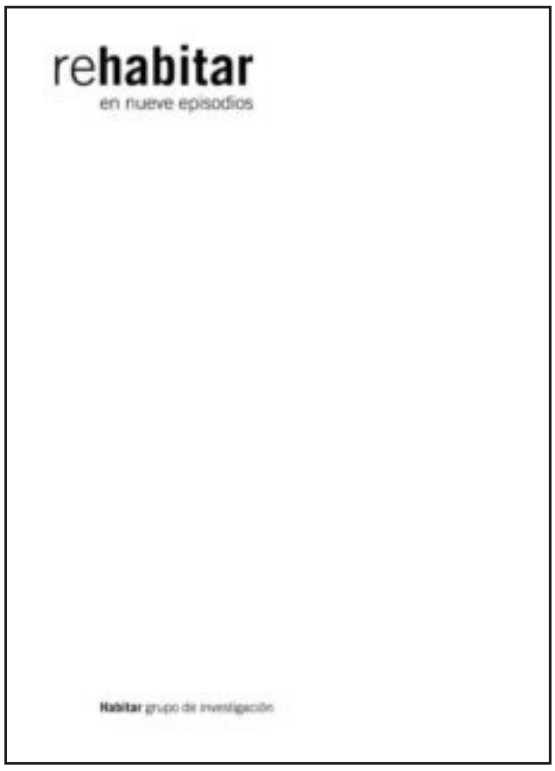
> *Rehabitar supõe uma abordagem distinta do projeto de arquitetura. Pelo menos sempre que consideramos, claro está, o projeto como a ferramenta por excelência para a formalização de uma nova proposta. A nossos olhos, resulta interessante que umas leves modificações numa casa possam resultar mais acertadas que uma casa projetada de novo como uma casa ideal. Porque é que conseguimos melhores resultados melhorando um edifício, mesmo que pontualmente, do que quando o projetamos de novo?* [37]

---

enfoque porque nos parece totalmente disparatado: ni es económico, ni generoso, ni permite alcanzar la máxima calidad por la que nosotros apostamos. En cambio, creemos más inteligente comenzar por la ciudad existente, por sus problemas y cualidades, que deberían transformarse en oportunidades y situaciones excitantes, y luego estudiar si se puede añadir algo basado en la idea de habitar que pueda apoyar ese desarrollo orgánico de la sociedad. Pensamos que es más valioso comenzar desde dentro, desde la situación del habitante y luego desarrollar espacio a su alrededor a diferentes escalas. Se trata de ser extremadamente inteligente procurando desarrollar multitud de pequeños fragmentos de proyectos, primero desde el dormitorio, a continuación el baño, luego otra vivienda y el resto de las plantas, después el edificio entero; y más adelante, dos de ellos, o más; y luego, otra escuela, un espacio público, y finalmente más cosas, en una serie infinita de espacios. La ciudad se compondría, entonces, de muchos fragmentos conectados y solapados unos con otros. Esta alternativa consiste en desarrollar transformaciones de la ciudad existente, densificándola con el máximo de delicadeza, conservando los edificios, los árboles, los jardines; conservando, en definitiva, la vida que ya está ahí, y la memoria de los espacios o de los vecinos que ya no están más allí.

[37] MONTEYS, Xavier (2012). "Reparación dinámica", in *Rehabitar en nueve episodios*. Lampreave. Madrid. P. 11

Rehabitar supone un abordaje distinto del proyecto de arquitectura. Por lo menos siempre que consideremos, claro está, el proyecto como la herramienta por excelencia para la formalización de una nueva propuesta. A nuestros ojos, resulta interesante que unas leves modificaciones en una casa puedan resultar más acertadas que una vivienda planteada de nuevo como una casa ideal ¿Por qué conseguimos mejores resultados mejorando un edificio, aunque sea puntualmente, que cuando lo proyectamos de nuevo?



i59 _ MONTEYS, Xavier (2012). *Rehabitar en nueve episodios.* Lampreave. Madrid. | capa

i60 _ MONTEYS, Xavier. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. GG. Barcelona. | capa

memória e identidade

> *Nos meus projectos pretendo materializar o que outras pessoas desejam e imaginam. Para tal, há que dar tempo aos trabalhos, às construções, para que não pareçam uma obra de teatro. Interessa-me que transpareça uma certa densidade da obra. A arquitectura é como uma pena de pássaro se não têm densidade. Por isso gosto de intervir em edifícios existentes, não no sentido estrito da recuperação ou reabilitação, mas numa visão ampla de arquitecto. Na verdade, todos os projectos são reabilitações. Se se trata de um espaço vazio reabilitamos o espaço vazio, e se se trata de um edifício reabilitamos o edifício. Trata-se sempre de arquitectura. O extraordinário de um trabalho é que possa acontecer como uma flor. Uma flor não se discute, produz-se com absoluta determinação, algo cuja solução tem um certo grau de fatalidade. Para atingir isto há trabalhar com persistência.*[38]

Questionados sobre a possível demolição do edifício existente e depois de admitido o volume casa-mãe determinante para o desenvolver do projeto da nossa casa, nesta primeira paragem, título primeiro ensaio, expomos elementos e símbolos que caracterizam uma identidade casa. Em boa verdade, importa compreender de que forma a pré-existência pode ser [re]valorizada e quais as componentes que permitem dar continuidade a um modo de habitar e espaços próprios. Interessou-nos, por isso, repensar a casa, através do projeto, que reconhecendo problemas e oportunidades na memória e história desta casa pré-existente, procuramos dar continuidade no projeto de uma futura casa. Chamamos a atenção para a convocatória de duas obras de arquitetura, Casa Alcino Cardoso e Casa da Quinta da Cavada, redescobertas que nos ajudaram a problematizar e a tirar partido da pré-existência e de todo um conjunto de princípios e valores herdados.

Como estender a vida de um edifício que tem vontade de continuar a existir? Como dar continuidade a um edifício existente? Porque se quer continuar a viver este edifício? Quais os aspetos que permitem esse prolongar? O que manter?

Se a casa dos avós, erguida da tradição popular, é hoje resultado de múltiplas intervenções realizadas com o intuito de a fazer responder às necessidades e desejos de uma família. É também produto resultante de um contínuo processo de resignificação, procurando-se manter o volume continente como marca e presença de um passado identitário. Atualmente na posse dos filhos, irmãos, a casa, banal, é representação de uma memória viva, constante e transversal, símbolo indispensável à vida desta família.

Os primeiros desenhos denunciam, desde logo, a vontade de estender a vida do volume existente, num desmontar mais ou menos incisivo. Neste contexto, aproximamo-nos, aqui, a uma eventual intervenção, que mantendo o respeito pela história de uma família e pela pré-existência, quer dar lugar e continuidade a aspetos que contribuem para a definição de uma identidade familiar. Por essa razão, o presente ensaio estrutura-se da seguinte forma:

[38] TÁVORA, Fernando. (2002). (entrevista, JMSM), Porto, in Fernando Távora: as raízes e os frutos, palavra, desenho, obra, 1937-2001. Tomo I.I, o meu caso, arquitectura, imperativo ético do ser. Porto. FIMS. 2020. P. XXXVIII

casa-mãe, [re]valorizar a pré-existência, das componentes imateriais: casa-família e das componentes materiais: casa-edifício, títulos que introduzem o problema sobre continuidade - intervir num edifício que tem vontade de continuar a existir.

casa-mãe

Expressa em dois polos ambíguos a casa dos avós revela-se-nos entre casa de infância e casa de sonhos. Representação de um regresso a um passado feliz, a uma origem, um regresso à casa de infância que resiste nas memórias de seus herdeiros. A casa-mãe é, por isso, expressão de uma identidade partilhada, que dá sentido às suas vidas, que acolhe e lhes oferece conforto, refúgio e segurança para ser e estar no mundo. Do mesmo modo, a casa dos avós é expressão de todos os seus sonhos, que se rodeiam de gostos, necessidades e custos. Sonham de forma consciente ou inconsciente. Sonham um futuro, um querer e querer mais e melhor. Mas porque o sonho é também projeto dos nossos medos e ânsias, por vezes, ganha limites, pelo próprio, que constrói os primeiros muros.

[re]valorizar a pré-existência

A TRADIÇÃO

Não é copiar nem muito menos utilizar – continuar no mesmo sentido - se os antigos usavam fogão de lenha porque havemos nós de continuar a usá-lo? Se usavam fornos a [des.]porque havemos de continuar a usá-los nós? etc.

Seguir a tradição não é copiar nem estilizar – repara que grande parte das construções modernas que procuram seguir a tradição são em grandes quarteis [?] que nada têm com a saborosa e grande [?] tradição portuguesa -

- Seguramente não iremos, para manter a tradição, embarcar em caravelas como nossos antepassados, ou refazermos um exército para conquistar Ceuta ou voltar ao arado que lavrava, ou… e portanto ninguém deve lembrar-se de recomendar aos portugueses que vivam em casas iguais às dos seus antepassados.

Claro… apenas daqui não se deduza que através da história portuguesa não seja possível dizer qualquer coisa de permanente e é esse permanente (a invariante) que devem procurar e continuar

- o regionalismo, seu valor na totalidade e para o caso presente[39]

Certos do valor da casa-mãe para esta família, e de uma eventual condição de memória e regresso, não significa, por isso, uma recuperação do passado nostálgico, que recordamos com saudade, caindo numa representação teatral e projeto anacrónico. Em boa verdade, seguir a tradição, valorizando determinados aspetos não deverá passar unicamente por uma atitude de proteção-conservação, mas antes por uma intervenção que procura ativamente qualquer coisa de permanente essencial, que dá ao projeto unidade, coesão e equilíbrio. Neste sentido, a arquitetura deverá existir para melhoria da circunstância pré-existente,

[39] ibidem. P. 31

num processo de redefinição do lugar.

> *Mas, porque o espaço é contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível, isto é, dada a marcha constante do tempo e de tudo o que tal marcha acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi, donde ainda a afirmação de que o espaço está permanentemente em devir.* [40]

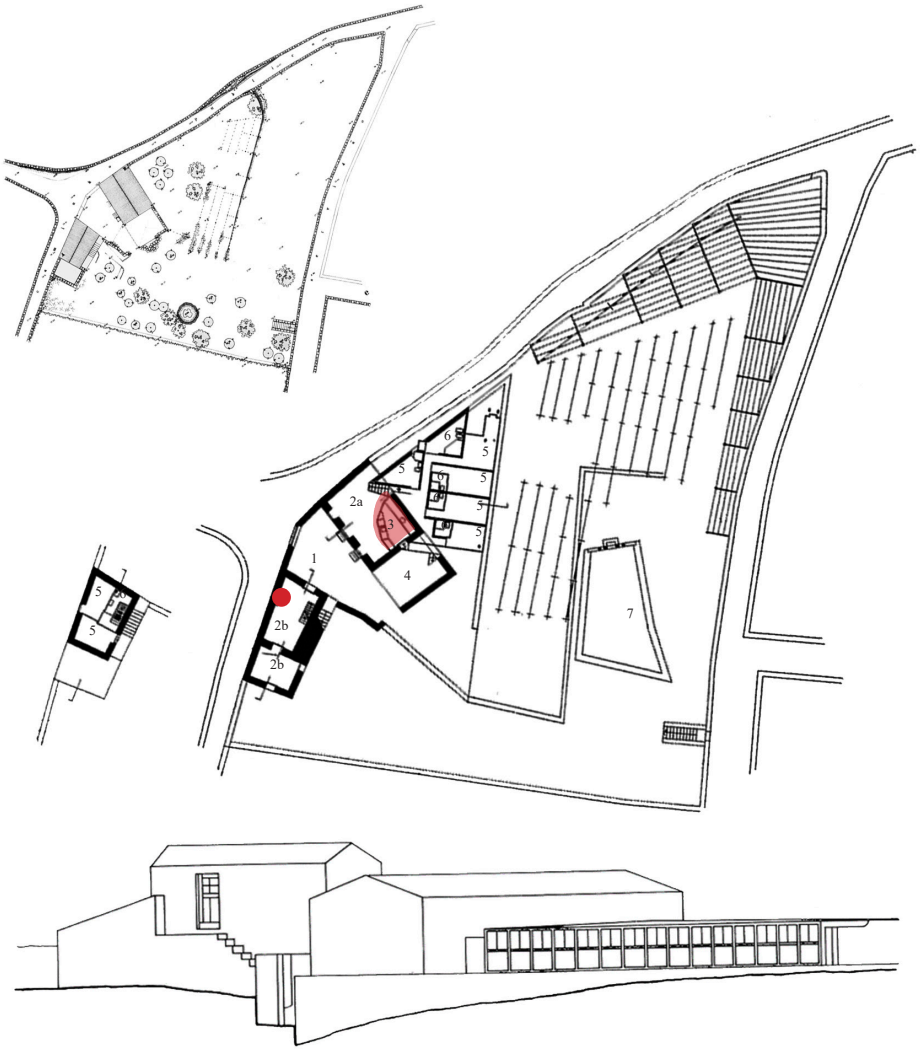
De regresso a casa, *da circunstância deverá ele contrariar os aspectos negativos e valorizar os aspectos positivos*. Neste sentido, decorrente do desenho do projeto, instrumento que nos indica aquilo que queremos fazer prevalecer e aquilo que queremos inovar ou criar de novo, o volume casa-mãe transporta consigo diferentes componentes [i]materiais, que eventualmente constituem uma identidade da casa. Distinguimos casa-família de casa-edifício. A valorização destes aspetos não significa uma recuperação do passado, mas uma oportunidade para repensar a tradição.

As componentes imateriais, casa-família relacionam-se com os valores, princípios e tradições herdadas. Diz, por isso, respeito às vivências e ao modo de habitar daquela família e aquela casa. Aspetos que contribuem para o prolongar da vida daquele edificio. Destacamos a profunda relação com a terra e a ainda confeção do fumeiro tradicional. As componentes materiais relacionam-se com a matéria, com a construção do edifício. Diz, por isso, respeito à pré-existência e seus materiais e métodos construtivos.

[40] TÁVORA, Fernando. (2006). *Da organização do espaço*. FAUP publicações. Porto. P. 19

Atentemos a duas obras de arquitetura, Casa Alcino Cardoso e Casa da Quinta da Cavada, redescobertas, que nos ajudaram na construção do projeto da nossa casa, na medida em que transportam consigo a mesma problemática – intervir num edifício que tem vontade de continuar a existir.

i61 | i62 _ SIZA VIEIRA, Álvaro. (1970-1973). *Casa Alcino Cardoso*. Lugar da Gateira, Moledo do Minho, Caminha, Portugal.

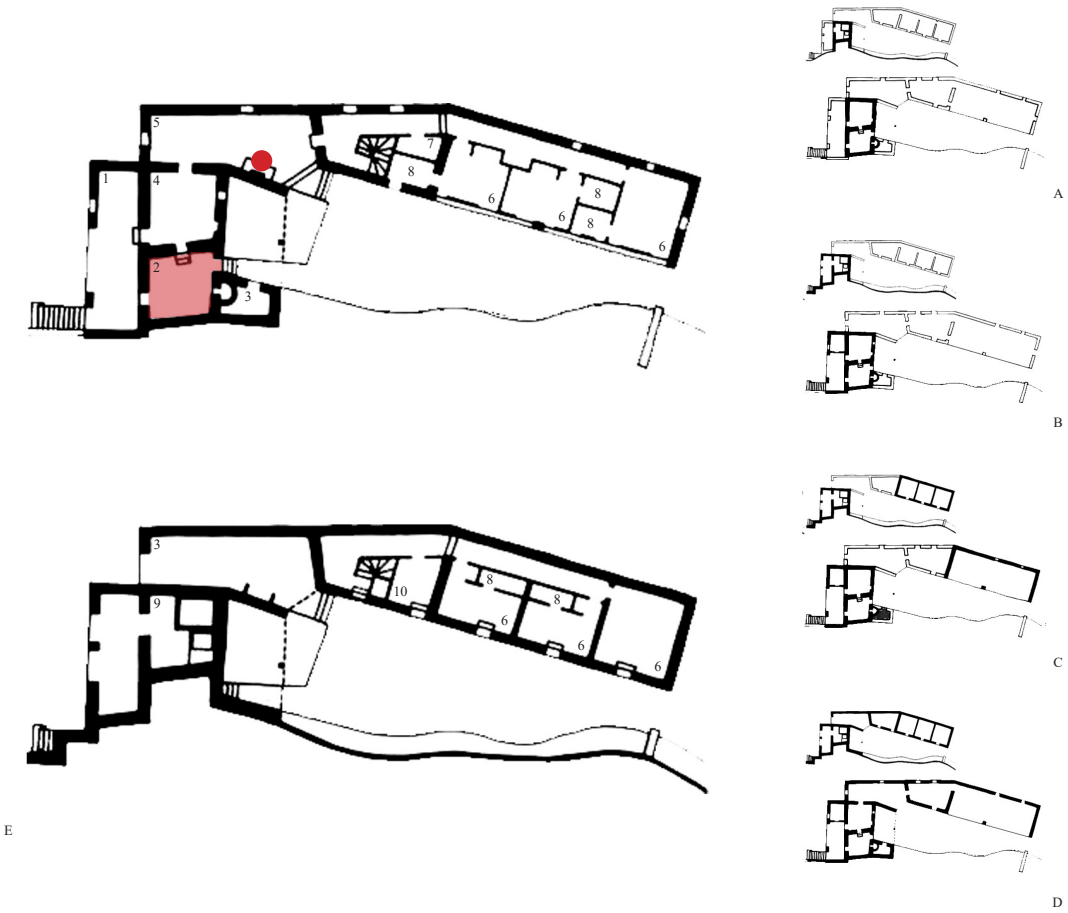


i63 _ SIZA VIEIRA, Álvaro. (1970-1973). *Casa Alcino Cardoso*. Lugar da Gateira, Moledo do Minho, Caminha, Portugal. | planta do levantamento topográfico | plantas do piso térreo e piso superior | 1 entrada | 2a sala de estar | 2b sala de estar | 3 cozinha | 4 coberto | lavandaria | 5 quartos | 6 casas-de-banho | 7 piscina | alçado sul

i64 | i65 _ TÁVORA, Fernando. (1989-1990). *Casa da Quinta da Cavada.* São Salvador de Briteiros, Guimarães, Portugal.

Bom, qual é o problema que se põe? O problema que se põe é de fazer aqui uma casa. As pessoas querem fazer aqui uma casa. Bom, querem fazer uma casa, têm todo o direito! E nós fazemos o melhor que podemos, não é? De um modo geral, isto não levanta problema nenhum na adaptação, desde que se aceite que o espigueiro passa a ser um conjunto de quartos. Um, dois, três, quatro quartos, não é? Coisa que não é muito grave, podia ser muito pior, podia, por exemplo, deitar-se aquilo abaixo. Não se deita! Seria magnífico manter o espigueiro, claro, mas o milho hoje é outro. Já ninguém está interessado em cultivar este milho e, portanto, esse milho, não é o milho já desse campo, é outro milho, que vem provocar, no fundo, esta continuidade de outra maneira destas coisas. É um corte grande, mas é assim. Bom, aqui são os sanitários, não tem problema. Há uma escada aqui, que liga para baixo, e o objeto está feito. O mais importante, acho eu, de fazer este projeto é perceber bem o respeito e a história disto, e o respeito que isto merece, não é?

Fernando Távora



i66 _ TÁVORA, Fernando. (1989-1990). *Casa da Quinta da Cavada.* São Salvador de Briteiros, Guimarães, Portugal. | A _ 1ª fase | planta do piso térreo | planta piso superior | B _ 2ª fase | planta do piso térreo | planta piso superior | C _ 3ª fase | planta do piso térreo | planta piso superior | D _ 4ª fase | E _ planta do piso térreo | planta piso superior | 1 varanda | 2 cozinha | 3 arrecadações | 4 sala de jantar | 5 sala de estar | 6 quartos | 7 sanitário | 8 casas-de-banho | 9 adega | 10 lavandaria

programa

> *O problema mais importante para um arquiteto em todo o seu trabalho é, naturalmente, o programa. É o "P" primário de [três] factores, como me dizem: programa, pessoa e pagamento. Eu acredito que o próprio programa, neste caso, é muito mais pobre do que a solução que me propuseram; mas este pobre programa foi propositadamente selecionado porque na vida real, na vossa prática diária futura, vós nunca ireis ter um bom programa ou, devo dizer, se têm um programa de todo, o vosso primeiro trabalho será combater o programa. Eu penso que o nosso problema hoje contém exatamente esse programa – um programa que tem de ser combatido.* [41]

Reconhecidos os problemas na organização interior dos espaços do volume pré-existente para responder às necessidades atuais, gostos e intensões de uma família, hoje, compósita, que vive de memórias de uma anterior casa, neste segundo paragem, titulo segundo ensaio, procuramos delimitar e fazer evoluir um novo programa - uma casa de férias. Interessou-nos, por isso, repensar a casa, através do projeto, que reconhecendo problemas e oportunidades da pré-existência, procura atualizar e potenciar novos espaços, novos usos, novos materiais e métodos construtivos, entre outros aspetos. De igual modo, chamamos a atenção para a convocatória de duas obras de arquitetura, Villa Mairea e Upper Lawn Pavilion, redescobertas, que tanto informam como levantam questões, com o objetivo de construirmos a nossa casa.

Adensa-se o problema: Afinal, o que quer ser esta casa? Como fazer evoluir um novo programa? Quais os aspetos que se querem ver atualizados? Em que consiste uma atualização da casa? Quais os espaços e novos usos potenciar?

Se a casa dos avós foi residência permanente dos seus habitantes com uma relação profunda com a terra. No projeto da nossa casa as alterações introduzidas surgem pela necessidade de adaptação ao conforto de vida atual de uma família compósita, que faz da casa-mãe o lugar de refúgio para férias, alterando-se o paradigma e modo de habitar a casa.

Os primeiros desenhos denunciam alguma indefinição da ideia de projeto, fruto da incerteza de um eventual novo programa. Neste contexto, aproximamo-nos, aqui, a diferentes espaços da casa, que reconhecendo desafios e oportunidades, procurámos ver reajustados a uma nova realidade. Por essa razão, o presente ensaio estrutura-se a partir da aproximação à casa: *casa-de-família(s), casa de férias* e *turismo rural* são os títulos que introduzem o problema quanto ao programa com que nos confrontámos no decorrer do projeto da nossa casa.

---

[41] AALTO, Alvar. (1998). *Alvar Aalto in his own words*. Nova Iorque. Random House Incorporated. P. 225 e 226. *The most important problem for an architect in every building job is, naturally, the program. It is the primary "P" of four factors, as I am told: program, person, and payment. I believe that the program itself in this instance is much poorer than the solution that you have offered me; but this poor program was purposely selected because in real life, in your daily future practice, you will never have a good program or shall I say, if you have a program at all, your first job will be to fight that program. I think our problem today contains just such a program – a program that must be fought.*

casa-de-família(s)

Face à existência de uma família compósita, que a cada geração, introduziu sucessivas transformações na casa-mãe, podemos compreender a flexibilidade do volume, sempre em teste, desdobrando-se em diferentes formas de apropriação do espaço. Desta forma, é possível reconhecer a casa como o lugar de encontro e reunião de uma família, que transporta consigo uma memória e símbolos identitários de um modo de habitar próprio.

Num primeiro tempo, a casa acedida por umas escadas exteriores de pedra, do lado norte, permitia subir ao piso superior habitável. Antecedida por uma varanda coberta, a entrada propriamente dita realiza-se pela cozinha onde existia uma lareira sem chupão, pelo que o fumo era apenas libertado por pequenas aberturas no telhado. Paralelo a este espaço, virada para a rua, entravamos para a sala de refeições de uso quotidiano, que possibilitava o acesso a uma pequena despensa e, consequentemente, o acesso ao piso térreo. Do lado oposto, um corredor central permitia o acesso a quatro quartos, virados para o quintal, e a um outro quarto e salão de festas, de maiores dimensões, virados para a rua. Ao fundo do corredor, do lado contrário à cozinha, uma outra varanda coberta rematava o volume. No piso térreo, composto por cinco lojas, abrigavam-se porcos, cavalos, vacas e coelhos, assim como, produtos agrícolas, na loja de maiores dimensões, onde também existia a tulha[42] para o armazenamento do centeio.

Em 1977, com a divisão da propriedade pelos seus herdeiros, na casa são introduzidas alterações com vista a sua atualização. No piso superior é projetada a primeira casa-de-banho e o acesso vertical no interior da casa, que ocupam parte do anterior espaço da cozinha, alterando o lugar e desenho da lareira, com o aparecimento do chupão que sobe para lá da cobertura. De igual forma, são reforçadas as estruturas das varandas e substituídas as janelas de guilhotina e vidro simples do lado da rua. Ao nível do piso térreo, numa das lojas existentes, é projetado o lagar do vinho, em substituição da anterior dorna[43]. Reduzida a produção do centeio, o espaço da tulha desaparece.

Entre esta segunda e uma terceira fase, com maior expressão em 1992, aquando do licenciamento da obra na casa dos avós, na casa são reforçadas as lajes dos pisos, embebidas em betão, e substituídas as paredes divisórias de tabique por paredes em tijolo. De igual forma, é reorganizado o espaço interior da casa com o desenho de uma segunda casa-de-banho e de três novos quartos, dois de menores dimensões, virados para o quintal, e um último virado para a rua. No remate do topo sul, são projetadas as salas de estar e de jantar, que permitem o acesso à segunda varanda existente.

Atualmente, a casa desocupada mantém mais ou menos o mesmo desenho, sendo a cozinha o espaço onde melhor se identificam as alterações introduzidas, com a substituição da anterior lareira por o uso de uma salamandra, assim como, pela substituição do seu anterior mobiliário.

---

[42] casa ou compartimento onde se depositam e guardam os cereais

[43] recipiente de abuela, largo e sem tampa para pisar as uvas para fazer vinho ou onde fermenta o mosto

casa de férias

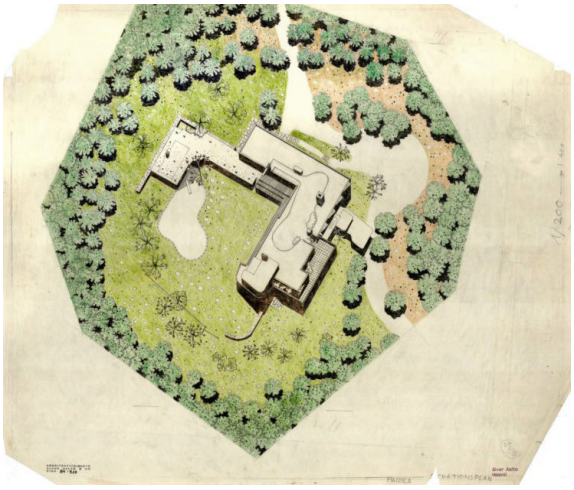
Se a casa dos avós foi residência permanente dos seus habitantes com uma relação profunda com a terra. No projeto da nossa casa as alterações introduzidas surgem pela necessidade de adaptação ao conforto de vida atual de uma família compósita, que faz da casa-mãe o lugar de refúgio para férias, alterando-se o paradigma e modo de habitar a casa. Regressados os filhos a Edroso, fugidos de Lisboa e depois de verem o país e o mundo, reúnem-se nas épocas festivas ou quando a responsabilidade sobre o conjunto predial herdado assim o exige, nomeadamente em novembro e dezembro, mês da apanha da castanha e da azeitona, respetivamente.

turismo rural

Recordamos a avó contar que depois do falecimento de seu pai, da casa herdou parte e comprou outras aos irmãos, excepto um que fez questão de ter um quarto, ocupando ocasionalmente aquando do seu regresso a Edroso. Da mesma forma, recordamos as suas histórias de menina, tempo em que pela casa pernoitavam trabalhadores agrícolas vindos de outras aldeias. Não sendo, por isso, estranho o acolhimento de vizinhos, no início do projeto, ainda com um programa indefinido, preocupou-nos pensar a casa para uso turístico, nomeadamente através do desenho de um espaço de usufruto independente do resto da casa.

Contudo, com o desenrolar do projeto este espaço é esquecido no interior do volume casa-mãe, surgindo na reabilitação de outras habitações do conjunto herdado. Com a estabilização de uma eventual proposta de intervenção, este programa é completamente abandonado, sendo, porém, projetado um espaço no novo volume que se estende ao longo do quintal, que permite receber ocasionalmente visitas.

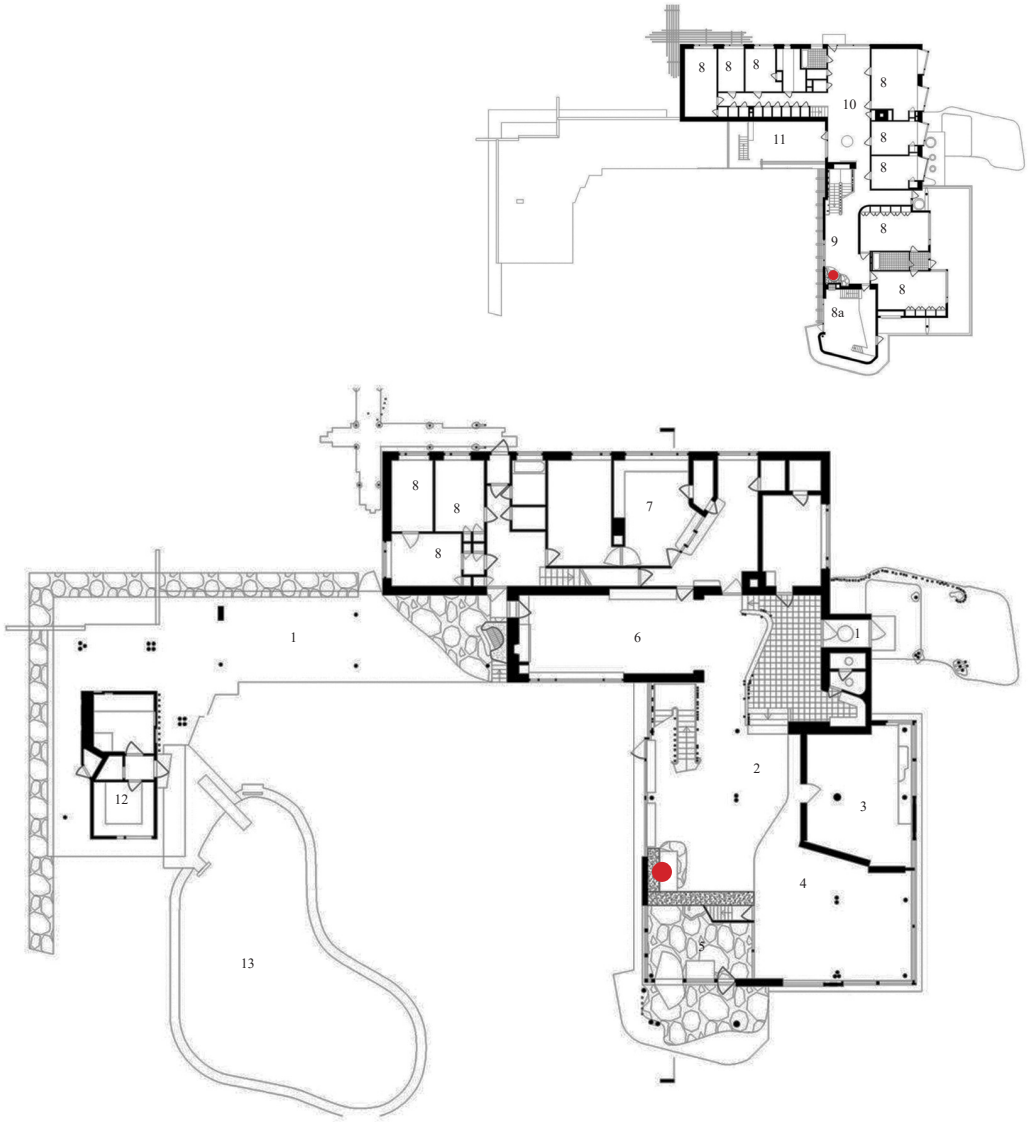
Observemos dois exemplos de arquiteturas que nos ajudam a aproximar a uma ideia da nossa futura casa e, nesse sentido, contribuírem para a construção de uma casa de férias:



i67 | i68 _ AALTO, Alvar. (1937-1939). *Villa Mairea*. Noormarkku, Finlândia

O piso térreo da casa, embora seja uma casa grande, eu projetei-o como uma única sala, mas uma muito grande. O tamanho desta sala única da casa tem 250 metros quadrados. Neste piso nobre instalarei paredes móveis. As paredes têm de ser grossas e ocas, cerca de dois ou três pés, como caixas. Poderá posicioná-las como quiser. Elas não estão de maneira nenhuma agarradas, mas são como caixas móveis separadas. Deslizando sobre bases de feltro macio. As próprias paredes podem-se abrir em múltiplos lugares por finas, leves portas. Dentro das paredes existem prateleiras especiais. Sendo, ao mesmo tempo, armários para armazenamento da coleção. O exterior das paredes é destinado à exposição de uma seleção de obras. Desta forma é mais fácil para o anfitrião ou anfitriã trabalhar com a coleção, tirar obras, colocá-las na parede, e trocá-las novamente. É como uma biblioteca de obras, onde algumas delas são exibidas para o exterior e outras são armazenadas dentro.

Alvar Aalto

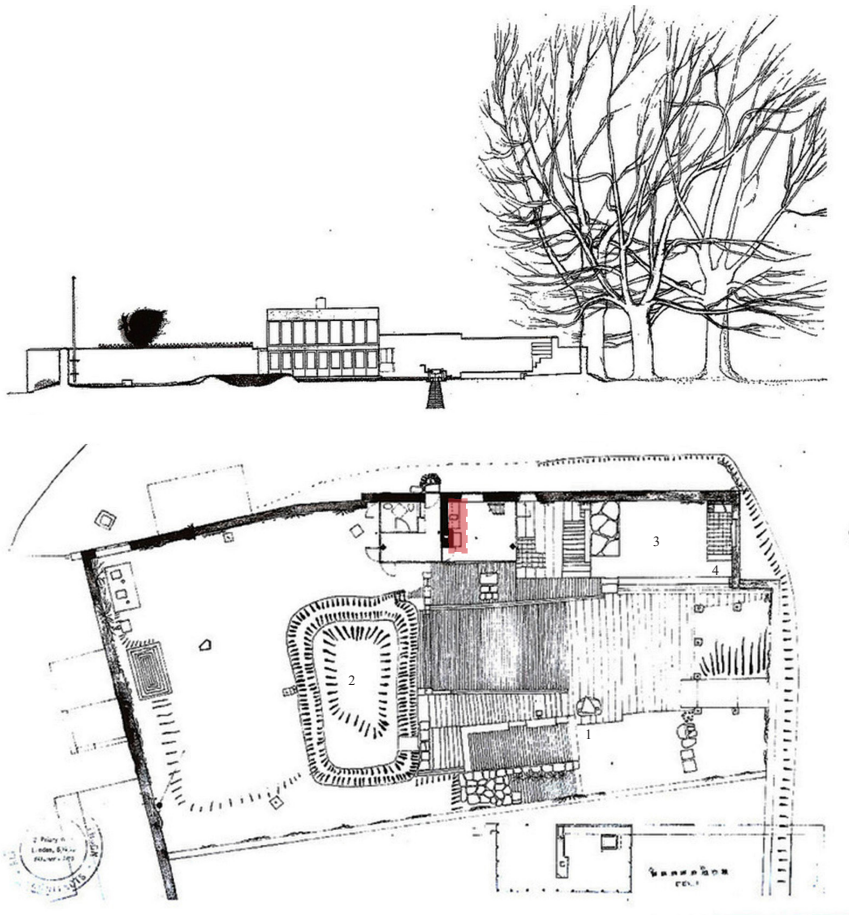


i69 _ AALTO, Alvar. (1937-1939). *Villa Mairea*. Noormarkku, Finlândia | piso térreo | piso superior | 1. entrada | 2 sala de estar | 3. biblioteca | 4. sala de música | 5. jardim de inverno | 6. sala de jantar | 7. cozinha | 8. quartos | 8a. estúdio | 9. sala de família | 10. sala de jogos | 11. Terraço | 12. sauna | 13. piscina

i70 | i71 _ SMITHSON, Alison e SMITHSON, Peter. (1961-1962). *Upper Lawn Pavilion.* Finca Fonthill, Tisbury, Wiltshire, Inglaterra, Reino Unido | Sergio Bates, 2001

O pavilhão foi projetado como um aparato cujo esquema de habitabilidade poderia variar com o tempo... uma distribuição de casas e pequenos espaços de jardim que iriam sintonizando com o decorrer das estações, com as mudanças na utilização familiar, com as variações na sensibilidade própria. Upper Lawn era um aparato com que experimentar coisas consigo mesmo.

Peter Smithson



i72 _ SMITHSON, Alison e SMITHSON, Peter. (1961-1962). *Upper Lawn Pavilion.* Finca Fonthill, Tisbury, Wiltshire, Inglaterra, Reino Unido | alçado sul | planta piso térreo | planta piso superior | 1. poço | 2. lago | 3. mesa de betão | 4. abrigo lenha

sobre a evolução do projeto

Nas páginas seguintes expomos, cronologicamente, o quanto possível, algumas notas sobre a evolução do projeto, em 20 fases, de forma a esclarecer o(s) problema(s), sempre em teste, com que nos confrontamos e, de modo, a dar pistas para o que será uma hipotética estratégia de intervenção para o edifício existente. Aproximamo-nos, aqui, da casa em construção e do desenho dos seus diferentes espaços interiores e exteriores: entrar em casa, cozinha: coração da casa, lugar do fogo, subir e descer escadas, dormir, exterior: o quintal são os títulos que introduzem os desafios e oportunidades que contribuíram para o desenho da nossa casa.

Nos primeiros desenhos, não deixámos de ser condicionados por soluções que se registam neste território com o desenho do espaço da **garagem** ao nível do piso térreo, transformando as lojas desocupadas. Da proposta 2a. à proposta 2c. ensaiámos o desenho de uma casa dentro de casa, ainda muito agarrados ao volume pré-existente, como se a estrutura exterior de xisto fosse uma **caixa quase intocável**, surgindo o desenho de um pano de vidro como segundo alçado. O desenvolvimento destas soluções surge da tentativa de definição de um espaço exterior de entrada, **sala de verão**, vs. um espaço interior de entrada, **sala de inverno**. Ao mesmo tempo, ensaiámos o desenho de um espaço que eventualmente pudesse ser arrendado. As propostas seguintes, 3a. e 3b., são reflexo de um conjunto de preocupações quanto ao uso das escadas e dificuldade de sua utilização quando nos encontramos debilitados. Ensaimos o desenho de uma **rampa e elevador** no exterior da casa. A quarta proposta assinala um momento de viragem na estratégia de intervenção no interior da casa-mãe, alterando a porta de entrada e o desenho dos espaços comuns da casa e das salas com pé-direito duplo. Salienta-se o desenho de uma sala de família em ***mezzanine*** no piso superior que se distancia do piso térreo, mas que nem por isso deixa de dialogar. Na proposta seguinte voltamos a transformar a dinâmica e desenho do espaço interior da casa com o desenho de **dois maiores espaços no centro da casa** e de outros como cozinha e casas-de-banho no **alargamento da espessura das paredes**. A proposta 6., no seguimento da anterior, ensaia o desenho de dois maiores espaços e de outros seis pequenos **habitáculos móveis**, que podem ser trazidos para o exterior. De regresso ao edifício pré-existente, na proposta 7. são projetados três estúdios independentes ao nível do piso térreo com acesso direto à rua, com o intuito de usufruto da casa por cada um dos irmãos. **Estabilizado o desenho dos quartos no piso superior**, na proposta 8, preocupados em reduzir ao máximo os eventuais custos da obra, projetámos o **desenho de várias portas** com o objetivo de fazer ligar os espaços interiores da casa ao nível do piso térreo. No alargamento da espessura das paredes projetámos os espaços de serviço e de circulação. Da proposta 9. à proposta 14a. é clara a intensão de **desenho open space dos espaços comuns da casa ao nível do piso térreo**, assim como, a exploração da posição e desenho das escadas no interior da casa-mãe. Da proposta 10a. à proposta 11a., admitimos a **aquisição de terreno vizinho** e o desenho de uma **piscina no exterior da casa**, ao fundo do quintal, desenho que se prolonga no desenho de uma proposta de intervenção. Da proposta 11a. à proposta 14b. assumimos o projeto de outros espaços exteriores à casa-mãe como **outras habitações e dependências**. As propostas 13. e 14b. ensaiamos a **extensão da casa-mãe**, primeiro com o desenho e **prolongamento da varanda** da rua, depois com a acomodação de um novo volume que se estende ao longo do quintal, no remate no topo sul.

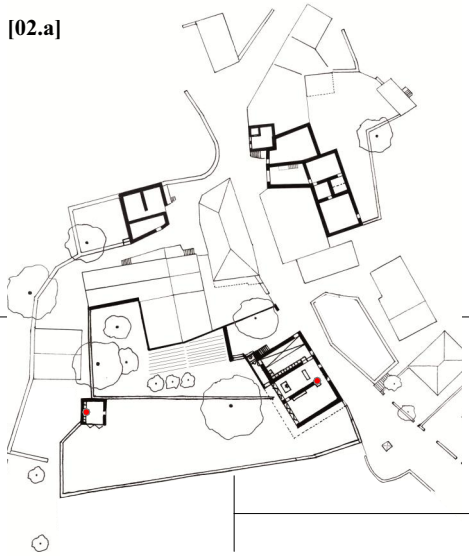
Sobre esta perspetiva, a partir de um certo registo autobiográfico, do projeto, da análise e identificação de problemas através do desenho procuramos encontrar estratégias e validar argumentos para aquilo que possa vir a ser o projeto da nossa casa. Reinterpretada a casa-mãe, acreditamos que a presente dissertação-projeto contribuí, não só para o desenvolvimento de proposta de intervenção de um projeto que pode culminar na sua materialização, mas também para uma reflexão critica sobre arquitetura. Entre realidade e sonho, ensaiamos a flexibilidade do volume, sempre em teste, desdobrando-se em diferentes formas de apropriação do espaço, com base na experimentação e diálogo entre as partes. Sem pretensão de uma solução final, a ela invariavelmente chegaremos, o projeto traduz a história de como fomos revelando a casa, questionando-a quanto às premissas colocadas.

introdução de novas funções programáticas - garagem, balneário, lavandaria

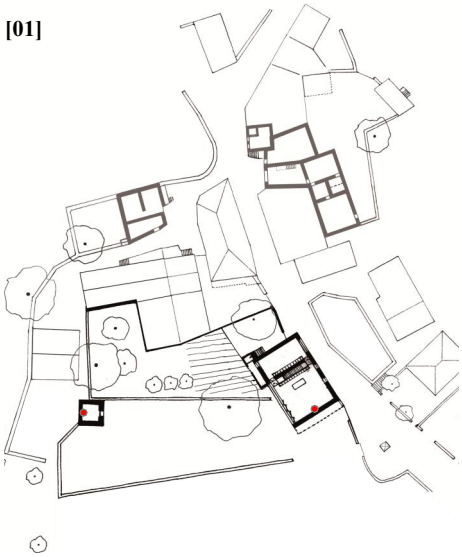
duplicação da entrada

definição de um espaço exterior de encontro - sala de ver

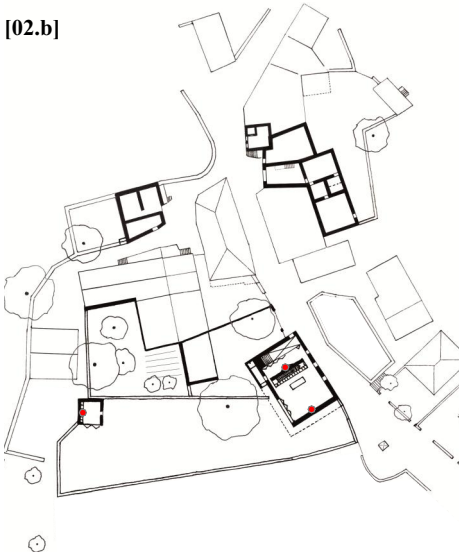
[02.a]



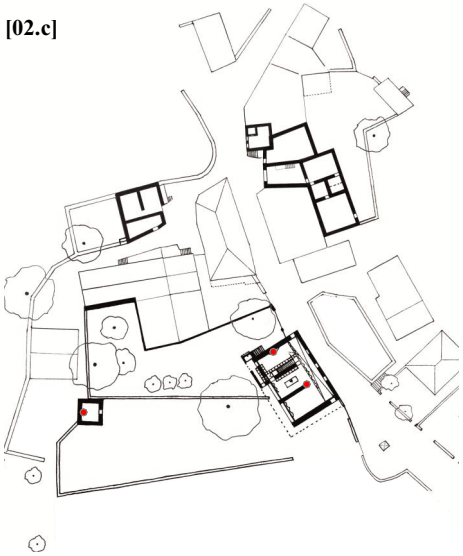
[01]



[02.b]



[02.c]



[01 _ chegar de carro] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Manutenção das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição das paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Tornar piso térreo habitável com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Introdução de novas funções programáticas - garagem, balneário. Diferenças de nível de pavimento do piso térreo. Abertura do piso térreo face ao quintal. Novo desenho de escadas no interior da casa de acesso ao piso superior dos quartos. Manutenção das duas varandas pré-existentes. Indefinição de programa, escadas exteriores de acesso a um quarto que pode ser arrendado. Reconstrução do anterior pombal, desenho de um espaço à luz de uma cozinha tradicional.

[02.a _ pátio] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Manutenção das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura e sua paralela. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo para um espaço exterior da casa, desenho de segundo alçado. Tornar piso térreo habitável com desenho tripartido dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Abandono da garagem no interior do volume casa-mãe. Diferenças de nível de pavimento do piso térreo. Abertura do piso térreo face ao quintal. Indefinição de programa, escadas exteriores de acesso ao piso superior e a um quarto que pode ser arrendado. União das duas varandas pré-existentes. Reconstrução do anterior pombal, desenho de um espaço à luz de uma cozinha tradicional.

[02.b _ pátio] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores pré-existentes. Manutenção de arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo para um espaço exterior da casa, desenho de segundo alçado. Tornar piso térreo habitável com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Nivelamento de pavimento do piso térreo à sua cota mais alta. Abertura do piso térreo face ao quintal. Novo desenho de escadas no interior da casa de acesso ao piso superior dos quartos. Indefinição de programa, novo desenho de escadas exteriores de acesso ao piso superior e a um quarto que pode ser arrendado. União das duas varandas pré-existentes. Reconstrução do anterior pombal, desenho de um espaço à luz de uma cozinha tradicional. Reaparecimento do espaço da garagem em novo volume exterior à casa-mãe.

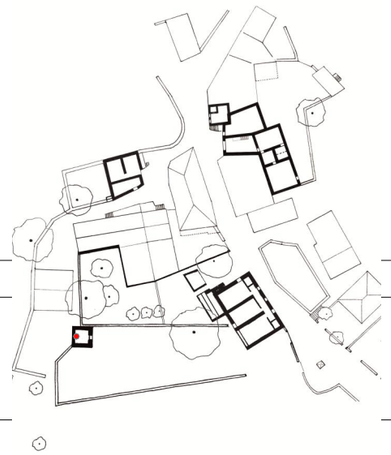
[02.c _ pátio] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Manutenção das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura e sua paralela. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo para um espaço exterior da casa, desenho de segundo alçado. Tornar piso térreo habitável com desenho tripartido dos espaços comuns da casa - cozinha,

demolição das escadas exteriores de pedra pré-existentes

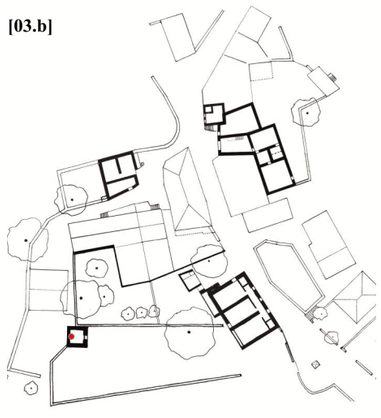
filhos dos filhos

duplicação do espaço da cozinha no interior da casa-mãe

prolongamento da(s) varanda(s)



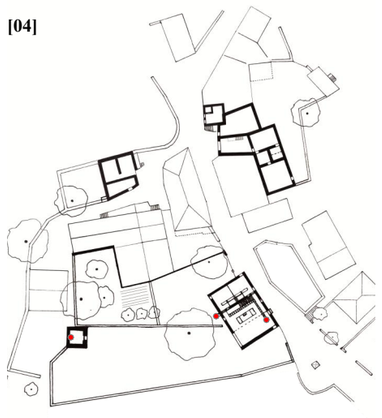
[03.b]



sala de estar e sala de jantar. Diferenças de nível de pavimento do piso térreo. Abertura do piso térreo face ao quintal. Novo desenho de escadas no interior da casa de acesso ao piso superior dos quartos. Indefinição de programa, escada exteriores de acesso a um quarto que pode ser arrendado. União das duas varandas pré-existentes. Reconstrução do anterior pombal, desenho de um espaço à luz de uma cozinha tradicional. Suspenso desenho do espaço da garagem.

[03.a _ rampa] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Manutenção das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura e sua paralela. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso superior com desenho open space dos espaços comuns da casa – cozinha, sala de estar e sala de jantar. Abertura do piso superior face ao quintal. Novo desenho de rampa no exterior da casa de acesso ao piso superior. Manutenção das duas varandas pré-existentes. Tornar piso térreo habitável, desenho

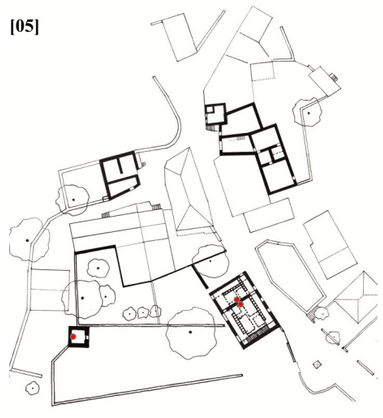
[04]



de três estúdios idênticos com acesso direto ao exterior. Reconstrução do anterior pombal, desenho de um espaço à luz de uma cozinha tradicional. Reaparecimento do espaço da garagem em novo volume exterior à casa-mãe.

[03.b _ elevador] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Manutenção das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura e sua paralela. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso superior com desenho open space dos espaços comuns da casa – cozinha, sala de estar e sala de jantar. Abertura do piso superior face ao quintal. Novo desenho de elevador no volume exterior da casa com acesso ao piso superior. Manutenção das duas varandas pré-existentes. Tornar piso térreo habitável, desenho de três estúdios idênticos com acesso direto ao exterior. Reconstrução do anterior pombal, desenho de um espaço à luz de uma cozinha tradicional. Reaparecimento do espaço da garagem em novo volume exterior à casa-mãe.

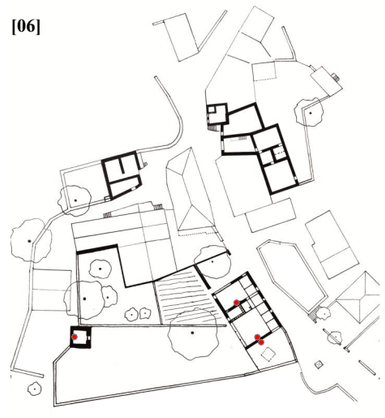
[05]



[04 _ mezzanine] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo, tornar piso habitável com desenho open space dos espaços comuns da casa – cozinha, sala de estar e sala de jantar, espaço das salas com pé-direito duplo. Abertura do piso térreo face ao quintal. Desenho de dois quartos ao nível do piso térreo do lado norte. Novo desenho de escadas no interior da casa de acesso ao piso superior com outros dois quartos e uma sala de família em mezzanine. Demolição das duas varandas pré-existentes. Reconstrução do anterior pombal, desenho de um espaço à luz de uma cozinha tradicional. Suspenso desenho do espaço da garagem. Extensão da parede central de xisto para o exterior do lado do quintal, desenho de uma lareira exterior.

[05 _ dentro da parede] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-

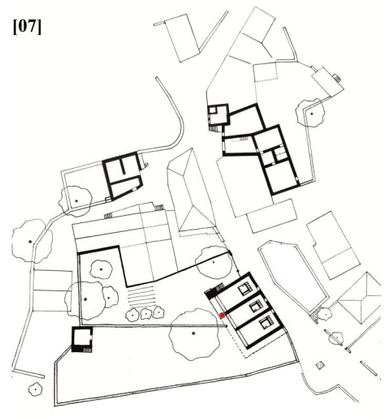
[06]



-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo, tornar piso habitável com desenho open space dos espaços comuns da casa – cozinha, sala de estar e sala de jantar, espaço das salas com pé-direito duplo. Abertura do piso térreo face ao quintal. Desenho de dois quartos ao nível do piso térreo do lado norte. Novo desenho de escadas no interior da casa de acesso ao piso superior com outros dois quartos e uma sala de família em mezzanine. Demolição das duas varandas pré-existentes. Reconstrução do anterior pombal, desenho de um espaço à luz de uma cozinha tradicional. Suspenso desenho do espaço da garagem. Extensão da parede central de xisto para o exterior do lado do quintal, desenho de uma lareira exterior.

[06 _ casa habitáculo] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura.

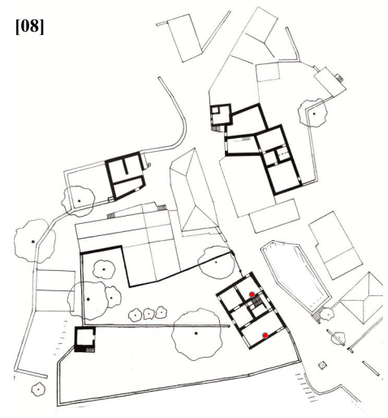
[07]



Demolição de paredes interiores do piso superior. Demolição das lajes do piso superior e do piso de cobertura. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho open space e pé-direito alto dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Abertura do piso térreo face ao quintal. Desenho de seis pequenos habitáculos móveis que podem funcionar como quartos. Demolição das duas varandas pré-existentes. Novo desenho de uma lareira no exterior, no topo sul da casa. Reconstrução do anterior pombal, desenho de um espaço à luz de uma cozinha tradicional. Suspenso desenho do espaço da garagem.

[07 _ casa estúdios] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Manutenção das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura e sua paralela. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso superior com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Abertura do piso superior face ao quintal. Desenho de três

[08]

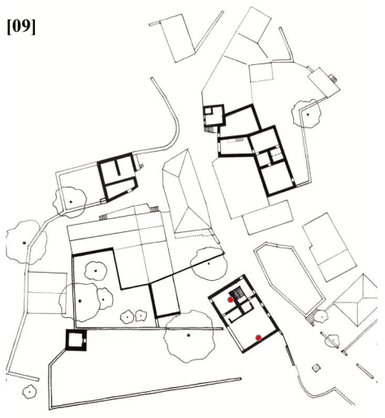


estúdios independentes ao nível do piso térreo com acesso direto ao exterior. Abertura do piso térreo face ao quintal. União das duas varandas pré-existentes. Reconstrução do anterior pombal, desenho de dois espaços adicionais da casa. Suspenso desenho do espaço da garagem.

[08 _ compartimentação] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Manutenção de paredes interiores de xisto ao nível do piso térreo. Demolição parcial de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho compartimentado dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Abertura de portas entre os diferentes espaços. Nivelamento do piso térreo. Desenho dos espaços de serviço e circulação - casas-de-banho e escadas - na espessura da parede. Novo desenho de escadas no interior da casa com acesso ao piso superior dos quartos. Demolição das duas varandas pré-existentes. Reconstrução do anterior pombal, desenho de dois espaços adicionais da casa. Suspenso desenho do espaço da garagem.

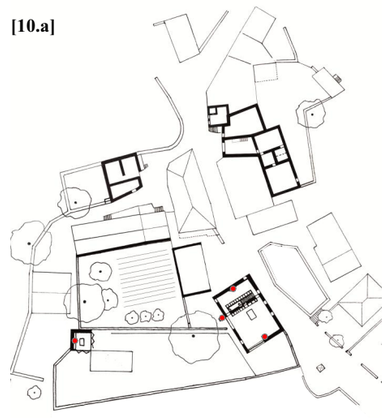
desenho de piscina no exterior

[09]



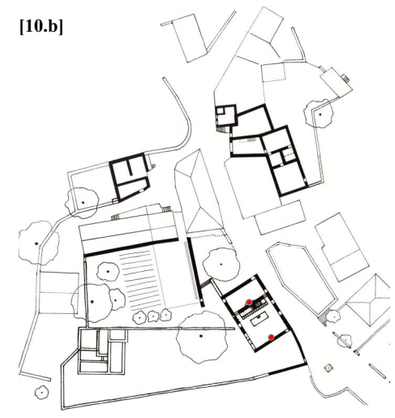
[09 _ posição escadas] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Nivelamento do piso térreo. Abertura do piso térreo face ao quintal. Novo desenho de escadas no interior da casa com acesso da entrada ao piso superior dos quartos. Demolição das duas varandas pré-existentes. Reconstrução do anterior pombal, desenho de dois espaços adicionais da casa. Suspenso desenho do espaço da garagem.

[10.a]



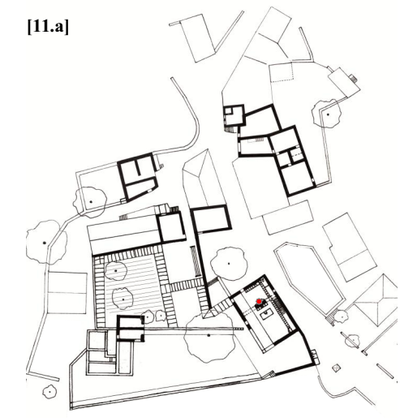
[10.a _ piscina] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Diferenças de nível do piso térreo. Abertura do piso térreo face ao quintal. Novo desenho de escadas no interior da casa com acesso da entrada ao piso superior dos quartos. Demolição das duas varandas pré-existentes. Reconstrução do anterior pombal, desenho de um espaço à luz de uma cozinha tradicional. Aquisição de terreno vizinho. Reaparecimento do espaço da garagem em novo volume exterior à casa-mãe, do lado norte. Desenho de uma piscina ao fundo do quintal, do lado sul. Desenho de uma sala exterior de encontro vicinal no topo sul da casa. Extensão da parede central de xisto para o exterior do lado do quintal, desenho de uma lareira exterior.

[10.b]



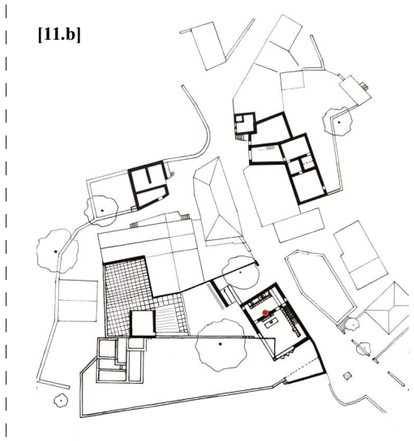
[10.b _ piscina] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Diferenças de nível do piso térreo. Abertura do piso térreo face ao quintal. Novo desenho de escadas no interior da casa com acesso da entrada ao piso superior dos quartos. Demolição das duas varandas pré-existentes. Demolição do anterior pombal. Aproveitamento das pedras de xisto e granito para reconstrução do muro sul. Aquisição de terreno vizinho. Suspenso desenho do espaço da garagem. Desenho de uma piscina ao fundo do quintal, do lado sul. Desenho de uma sala exterior no topo sul da casa, que se fecha para a rua. Desenho de um espaço exterior para estender a roupa ao sol.

[11.a]



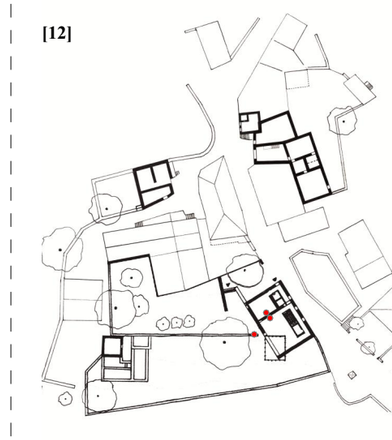
[11.a _ filhos dos filhos] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Diferenças de nível do piso térreo. Abertura do piso térreo face ao quintal. Novo desenho de escadas no interior da casa com acesso da entrada ao piso superior dos quartos. Desenho de três quartos no piso superior. Demolição das duas varandas pré-existentes. Demolição do anterior pombal. Aproveitamento das pedras de xisto e granito para reconstrução e reposicionamento do mesmo, desenho de dois espaços adicionais da casa. Aquisição de terreno vizinho. Desenho de novos espaços, *filhos dos filhos*. Suspenso desenho do espaço da garagem. Desenho de uma piscina ao fundo do quintal, do lado sul. Desenho de uma sala exterior no topo sul da casa, que se fecha para a rua. Desenho de um espaço exterior para estender a roupa ao sol. Desenho de parreiras que definem percursos no quintal.

[11.b]



[11.b _ filhos dos filhos] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Diferenças de nível do piso térreo. Abertura do piso térreo face ao quintal. Novo desenho de escadas no interior da casa com acesso da entrada ao piso superior dos quartos. Desenho de quatro quartos no piso superior. Demolição das duas varandas pré-existentes. Demolição do anterior pombal. Aproveitamento das pedras de xisto e granito para reconstrução e reposicionamento do mesmo, desenho de dois espaços adicionais da casa. Suspenso desenho do espaço da garagem. Desenho de uma piscina ao fundo do quintal, do lado sul. Desenho de uma sala exterior e abrigo da lenha no topo sul da casa, que se fecha para a rua. Desenho de um espaço exterior para estender a roupa ao sol. Reconstituição do anterior desenho das videiras.

[12]

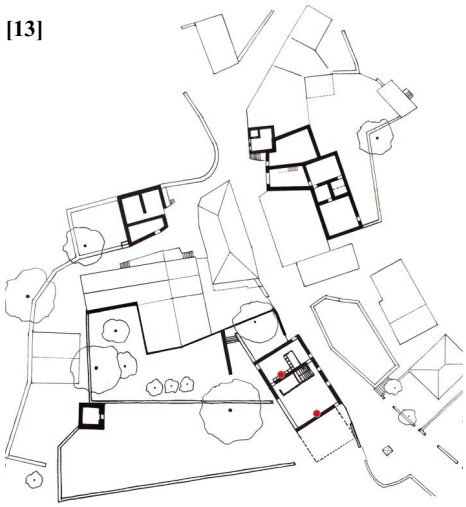


[12 _ casa da lenha] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição parcial de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Diferenças de nível do piso térreo. Novo desenho de escadas no interior da casa com acesso ao piso superior dos quartos. Demolição das duas varandas pré-existentes. Novo desenho de uma casa da lenha na extensão da casa-mãe. Reconstrução do anterior pombal, desenho de dois espaços adicionais da casa. Suspenso desenho do espaço da garagem.

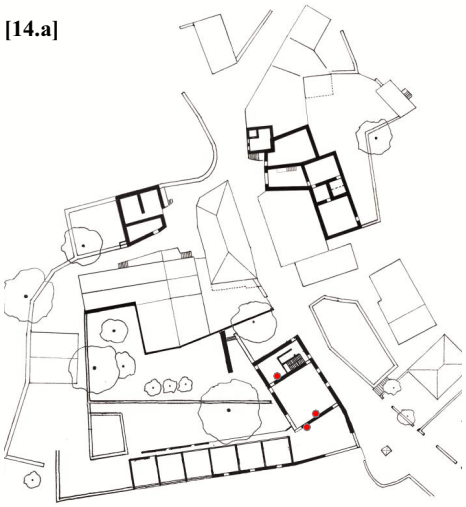
[13 _ varanda] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição parcial de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Nivelamento do piso térreo. Novo desenho de escadas no interior da casa com acesso ao piso superior dos quartos. Demolição das primeira varanda pré-existente. Prolongamento da varanda da rua. Suspenso desenho de piscina. Suspenso desenho de garagem.

extensão da casa-mãe

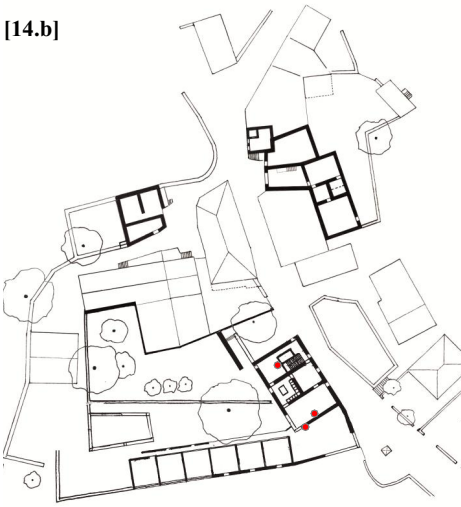
[13]



[14.a]



[14.b]

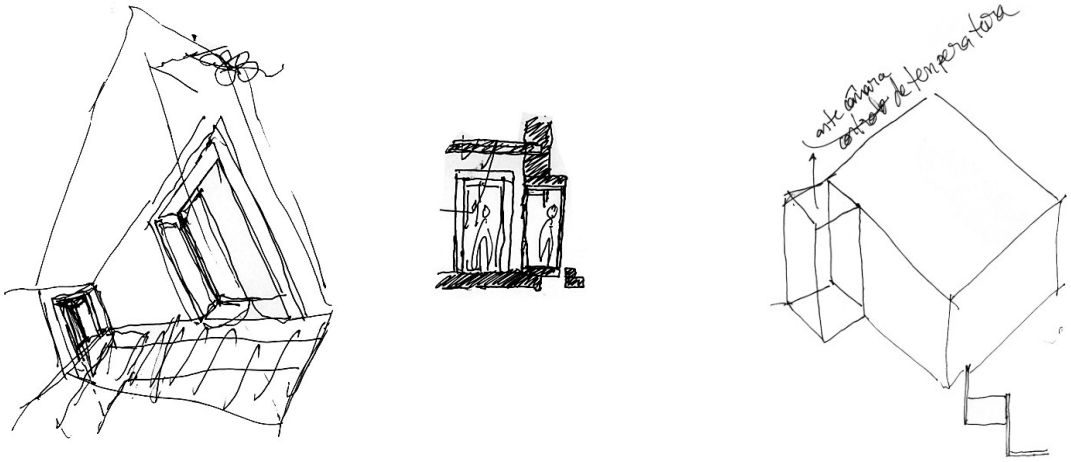


[14.a _ outras habitações] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Demolição de paredes interiores de xisto, com exceção da parede que sobe para lá da cobertura. Demolição parcial de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho open space dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Nivelamento do piso térreo. Novo desenho de escadas no interior da casa com acesso ao piso superior dos quartos. Demolição das primeira varanda pré-existente. Prolongamento da varanda da rua. Desenho de novo volume como remate do topo sul do quintal. Desenho de seis espaços. Novo desenho de piscina. Demolição do anterior pombal. Casa dos filhos dos filhos alocada ao anterior forninho e casa de cima. Novo desenho de garagem e casa do caseiro no anterior volume da casa do bisavô Inocêncio.

[14.b _ outras habitações] Manutenção da estrutura em xisto do edifício pré-existente. Demolição das escadas exteriores e arrumos pré-existentes. Manutenção de paredes interiores de xisto ao nível do piso térreo. Demolição parcial de paredes interiores do piso superior. Reorganização do espaço interior da casa. Entrar pelo piso térreo com desenho compartimentado dos espaços comuns da casa - cozinha, sala de estar e sala de jantar. Abertura de portas entre os diferentes espaços. Nivelamento do piso térreo. Novo desenho de escadas no interior da casa com acesso ao piso superior dos quartos. Demolição das primeira varanda pré-existente. Prolongamento da varanda da rua. Desenho de novo volume como remate do topo sul do quintal. Desenho de seis espaços. Novo desenho de piscina. Demolição do anterior pombal. Casa dos filhos dos filhos alocada ao anterior forninho e casa de cima. Novo desenho de garagem e casa do caseiro no anterior volume da casa do bisavô Inocêncio.

lugares do fogo

i73 _ sobre a evolução do projeto em 20 fases | planta do piso térreo do conjunto herdado



entrar em casa

Bata-se a uma porta, rica ou pobre, e sempre a mesma voz confiada nos responde:– Entre quem é! Sem ninguém perguntar mais nada, sem ninguém vir à janela espreitar, escancara-se a intimidade duma família inteira. [44]

Reconhecido o espaço e modo de entrar em casa como um dos maiores conflitos de projeto, visto não responder às necessidades atuais de uma família, nesta paragem aproximamo-nos a vários aspetos que nos permitem atualizar a casa pré-existente. Interessa-nos, por isso, repensar a casa a partir do piso térreo, que deixa de ser um piso dedicado a lojas em desuso, para começar a ser vivido, albergando os espaços comuns da casa, como a cozinha e as salas de estar e de jantar.

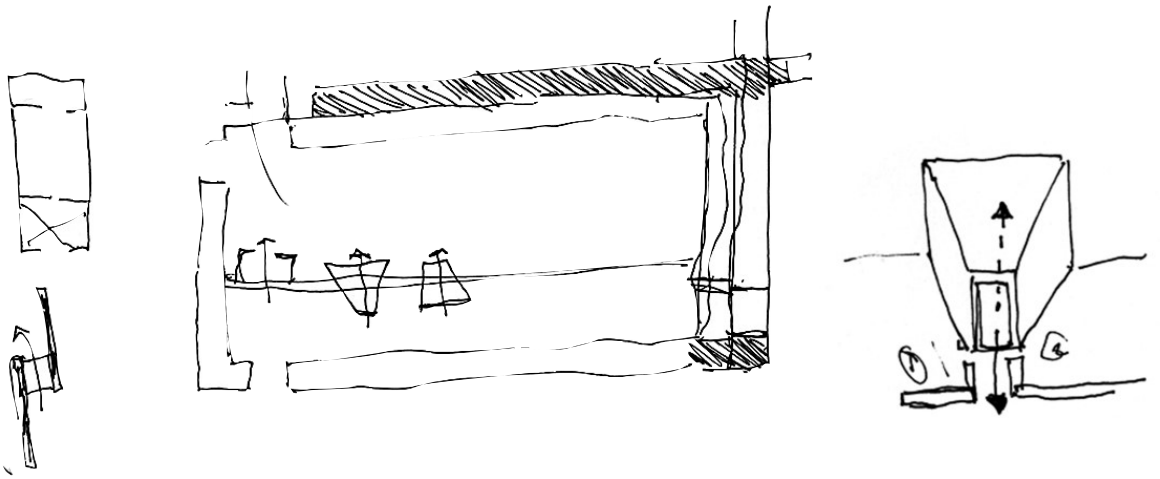
Levantam-se, por isso, algumas questões relativas ao modo como se entra em casa, tido como problema de desenho no projeto da nossa casa. Quais os problemas que podemos apontar relativos ao modo como se entra na casa existente? Quais os desafios e preocupações que queremos ver ultrapassados num eventual novo desenho? Qual a importância da porta de entrada?

Se o acesso à casa dos avós é realizado através do quintal, no topo noroeste, onde dois portões limitam o espaço público do espaço privado e o piso superior habitável é antecedido por umas escadas exteriores de pedra. No projeto da nossa casa procurámos ultrapassar desafios e preocupações que identificámos na circunstância pré-existente.

Neste contexto, nos primeiros desenhos, de certo modo, ainda muito agarrados ao volume existente, ensaiámos a entrada da casa propriamente dita a partir do espaço da cozinha, capaz de acolhimento e hospitalidade, antecedida por uma pequena varanda coberta e escada exterior. Contudo, o desuso generalizado do piso térreo, onde se projetam os espaços comuns da casa, veio alterar a dinâmica inicial da casa. Ora no piso térreo ora no piso superior, o desenho da entrada em casa explora as vantagens e desvantagens da sua posição, procurando, acima de tudo, relacionar-se com o quotidiano e forma de habitar desta família.

[44] TORGA, Miguel. (1945). *Novos Contos da Montanha*. 1ª ed., Edição do Autor. Coimbra.

i74 _ esquissos quanto ao modo de entrar em casa - antecâmara



Por essa razão, a presente paragem estrutura-se a partir da aproximação ao modo de entrar na casa: viver o piso térreo, chegar de carro, marcação vs. duplicação da entrada, entrar pela cozinha, e relação com a terra: entrar de botas sujas são os títulos que introduzem os problemas com que nos confrontámos no decorrer do desenho deste espaço.

viver o piso térreo

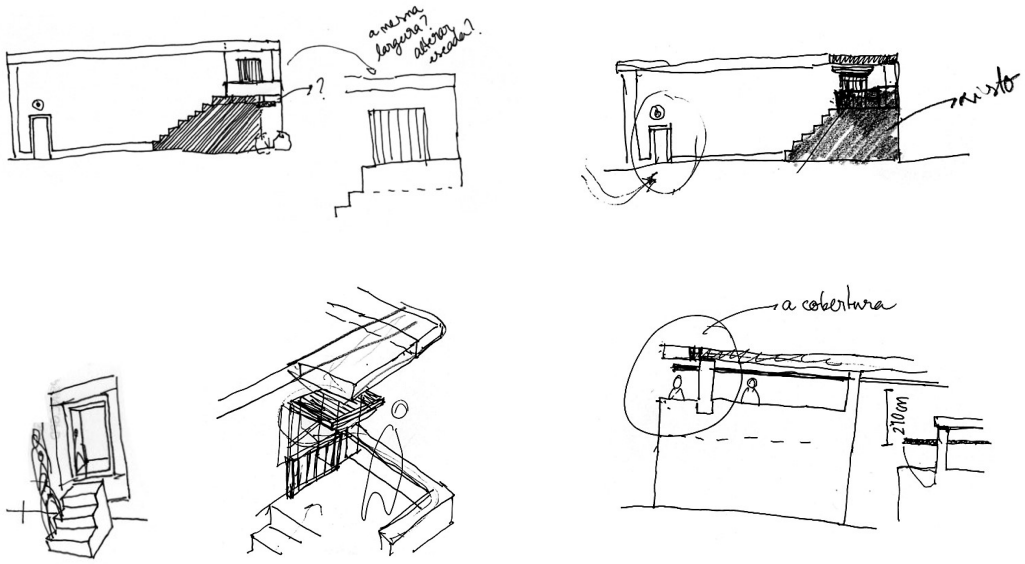
Se na casa dos avós, num primeiro tempo, o piso térreo era reservado a lojas, tanto para animais como para o armazenamento de produtos agrícolas, na casa atual, fruto de uma nova realidade, estes espaços encontram-se hoje vazios de atividade. Neste contexto, no projeto da nossa casa procurámos dar resposta ao desuso generalizado do piso térreo, tornando-o parte integrante da casa, e não apenas dependências.

Ora integrando os espaços comuns da casa, ora integrando os quartos dos habitantes da casa, no projeto procurámos, sobretudo, viver o piso térreo, que permite o potenciar de novas relações comunitárias e vicinais, assim como, de novas dinâmicas de interior-exterior. Neste sentido, foi determinante perceber de que forma é que pode ser redesenhado o espaço do piso térreo e que relação tem o seu interior com o espaço exterior público, nomeadamente a rua, como também com o espaço exterior privado, o quintal.

Com a consolidação de uma eventual proposta de intervenção, ao nível do piso térreo são projetados os espaços comuns da casa que se organizam, desde a sua entrada à sala de estar, do espaço mais público da casa, primeiro serão, ao espaço mais privado, terceiro serão, respetivamente, culminando no piso superior reservado aos espaços da intimidade familiar.

chegar de carro

Verificando-se o desuso generalizado das lojas do piso térreo das casas do presente território em estudo, assiste-se, com alguma frequência, à transformação destes espaços como lugar de garagem, uma vez reconhecido o uso do carro e consequente regresso a casa por este meio. Neste sentido, também no projeto da nossa casa, chegar de carro constituiu um problema quanto ao modo como se entra em casa.

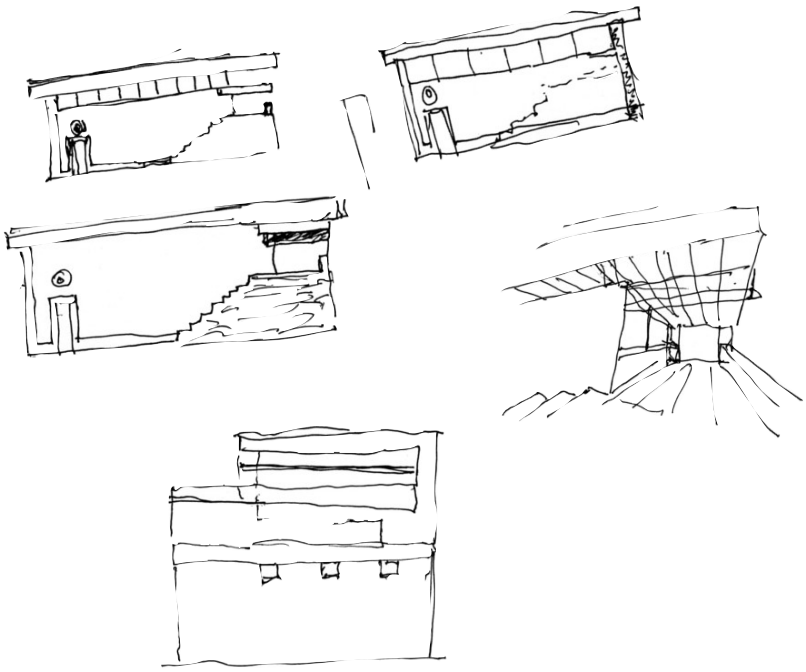


Se os primeiros desenhos revelam a intensão de alocar esta forma de entrar em casa, no volume casa-mãe, noutras propostas este espaço surge inserido num diferente e novo volume. Muitas vezes remate do topo noroeste da casa, o novo volume, nestes casos, permite a definição de um lugar exterior a que damos o nome sala de verão. Nestas soluções, a proximidade dos dois volumes possibilitaria encurtar distâncias aquando do transporte de pequenas e grandes mercadorias. Caso contrário, um eventual espaço de garagem é projetado no piso térreo da anterior casa do bisavô Inocêncio, capaz de abrigar três a quatro carros pertencentes a esta família compósita. Nestas soluções, prolonga-se a distância ao volume casa-mãe, ao mesmo tempo que se permite a aproximação de carro a partir da sala de verão.

marcação vs. duplicação da entrada

Uma porta apropriada protege e convida simultaneamente. Entre gestos de sigilo e acolhimento, cortesia e dignidade.

Se na casa dos avós a entrada realiza-se a partir de uma escada exterior de pedra que dá posterior acesso ao piso superior habitável. Com o desenrolar do projeto, atribuído ao piso térreo a alocação dos espaços comuns da casa e confrontados com um ensaio que dá continuidade as escadas existentes, coloca-se-nos o problema da duplicação da porta de entrada. Estabilizada uma eventual proposta de intervenção, desaparece o desenho das escadas exteriores existentes, assim como a varanda e loja do piso térreo, optando-se pela marcação da porta principal ao nível do piso térreo, no topo norte da casa. Não deixámos, contudo, de projetar outras portas de acesso ao exterior, como por exemplo a porta de uma eventual entrada terra, que apesar de tudo, não acarreta consigo o convite como a existência de uma escada exterior, que enfatiza e se distingue de outras portas.



entrar pela cozinha

Uma porta é simultaneamente um sinal de paragem e de convite. A porta da frente suporta o corpo pelo seu próprio peso, ritualiza a entrada e provoca antecipação dos espaços por vir. Abrir uma porta é um encontro íntimo entre a casa e o corpo; brilhante como uma patena pela força do uso, oferece um aperto de mãos como boas-vindas.

Nos primeiros desenhos ensaiámos diferentes soluções em que a cozinha se posiciona na entrada, prolongando a tradição deste lugar, de se entrar para casa por este espaço. Se por um lado, esta posição na casa pode causar algum desconforto e embaraço por ser, muitas vezes, considerado um espaço de serviço. Por outro lado, salienta-se o caráter convidativo e hospitaleiro da cozinha à porta de entrada.

Na casa dos avós o percurso de entrada culmina no espaço da cozinha. Quem entra demora-se no passo, ora junto da lareira, ora à mesa. No projeto da nossa casa procurámos, de igual forma, dar corpo e continuidade a este modo de habitar. Neste sentido, o espaço da cozinha é projetado como o lugar do primeiro serão, particularmente ligado às relações comunitárias e vicinais, onde dentro se recebe quem bate à porta. Em contraste com o espaço exterior a que demos o nome de sala de verão, este espaço interior da casa funcionará como sala de inverno, onde a existência de uma lareira convida à demora junto do fogo.

relação com a terra: entrar de botas sujas

Voltas a meio da manhã ou à hora do almoço. | Chegas a casa com um bom dia, | Tiras o chapéu, sacodes as botas, | Lavas as mãos com sabonete | E sentas-te à mesa. | No cimo da mesa! […]

i75 _ esquissos quanto ao modo de entrar em casa - ensaio do alçado norte

Voltas ao final da tarde, quando o sol se põe. | Entras em casa com um bom tarde, | Tiras o chapéu, sacodes as botas, | Lavas as mãos com sabonete | E sentas-te numa das varandas junto da avó. | Por onde andaste tu? [45]

Se anteriormente, quanto ao desenho do espaço da cozinha e sua relação com a terra, nomeadamente na ida à horta, e uma vez falarmos de uma casa de campo, no desenvolvimento do projeto da nossa casa procurámos ensaiar a possibilidade de se entrar em casa de botas sujas. Na casa dos avós, o percurso de entrada, que culmina no espaço da cozinha, funciona como filtro para o miolo da casa, permitindo o desenrolar de uma série de ações aquando da chegada. Neste contexto, nos primeiros desenhos, o espaço de balneário surge muito naturalmente, ainda muito agarrado ao volume pré-existente, como solução que permite aos habitantes desta casa descalçar as botas e despir os casacos de inverno.

Abandonado o desenho deste espaço, todo o piso térreo é pensado para receber quem vem do campo, projetando-se, contudo, um espaço de lavandaria e um sanitário, que aproveitando muitas vezes o vão das escadas, possibilitam a troca do calçado e, só depois, a entrada no piso superior. Com a estabilização de uma eventual proposta de intervenção, o espaço de balneário volta a surgir no desenho de um novo volume que se estende ao longo do quintal do lado sul e que se projeta em paralelo com uma piscina.

A Porta! A porta é todo um cosmos do Entreaberto. É pelo menos uma imagem do princípio, a origem de um devaneio onde se acumulam desejos e tentações, a tentação de abrir o ser nas suas profundezas, o desejo de conquistar todos os seres reticentes. A porta esquematiza duas possibilidades fortes, que classificam claramente dois tipos de devaneios. Às vezes, ei-la bem fechada, trancada, trancada a cadeado. Às vezes, ei-la aberta, ou seja, escancarada. [46]

[45] notas do autor

[46] BACHELARD, Gaston. (1957). *La poétique de l'espace*. PUF. Paris. P. 248
La Porte ! La porte, c'est tout un cosmos de l'Entr'ouvert. C'en est du moins une image princeps, l'origine même d'une rêverie où s'accumulent désirs et tentations, la tentation d'ouvrir l'être en son tré-fonds, le désir de conquérir tous les êtres réticents. La porte schémati-se deux possibilités fortes, qui classent nettement deux types de rêve-ries. Parfois, la voici bien fermée, verrouillée, cadenassée. Parfois, la voici ouverte, c'est-à-dire grande ouverte.

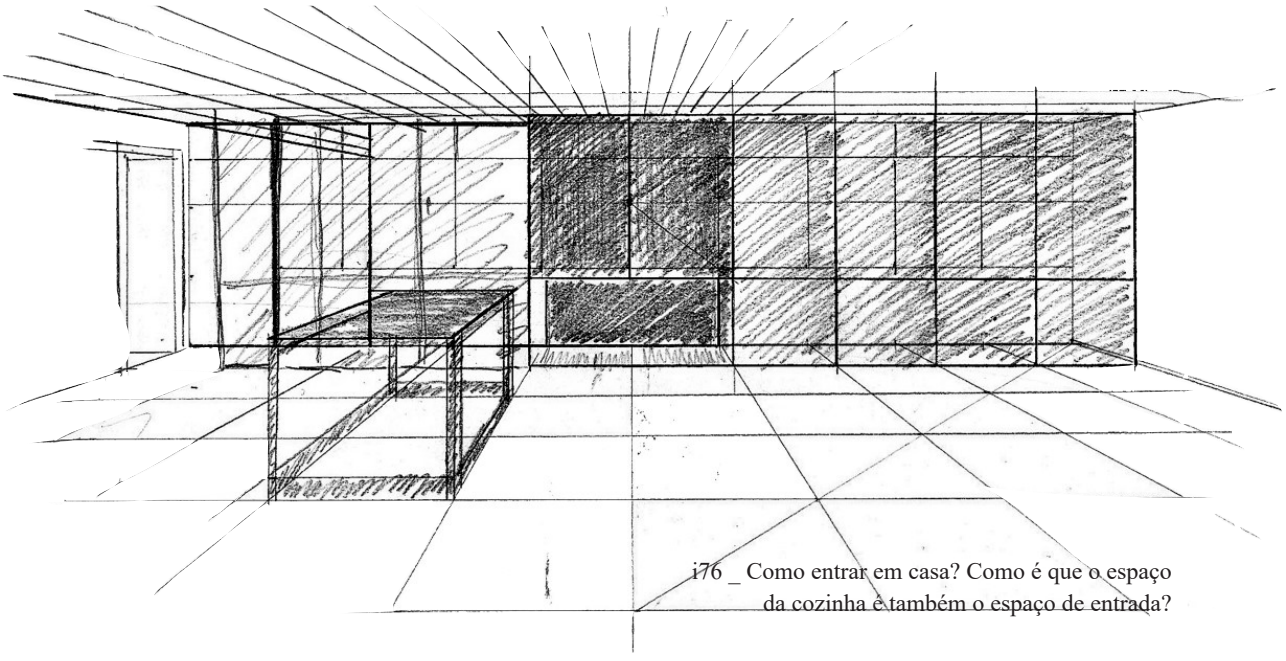
cozinha: coração da casa

> *Na cozinha, concorrem vários fatores que a convertem num elemento determinante na discussão sobre reabitar a casa. Um deles é, sem dúvida, que muitos arquitetos continuam a projetá-la como um espaço servidor, quando o uso que as pessoas lhe dão supera amplamente esta limitação. Outro fator é que a cozinha pode ser vista como uma porta da casa através da qual entram múltiplas transformações relacionadas com os hábitos de consumo ou de alimentação e com soluções técnicas que tornam irrelevante a discussão sobre problemas de vapores e odores. O cerne da questão não está no técnico, mas no cultural.* [47]

A cozinha foi um dos espaços que mereceu maior atenção no projeto desta casa. Palco e coração da casa, a cozinha traz consigo princípios e valores herdados, assim como, todo um conjunto de comportamentos e rituais. Em boa verdade, importa compreender a memória e a história do espaço da cozinha da casa, uma vez reconhecidos os seus pontos positivos, e como estes podem ter continuidade e ser potencializados no desenho de uma nova casa. Interessou-nos, por isso, nomear um conjunto de desafios e preocupações que contribuíram para a discussão em redor deste espaço.

---

[47] MONTEYS, Xavier (2012). "La cocina en el centro del debate", in *Rehabitar en nueve episodios*. Lampreave. Madrid. P. 15
En la cocina, concurren varios factores que la convierten en un elemento determinante de la discusión sobre rehabitar la casa. Uno de ellos es, sin duda, que muchos arquitectos la siguen proyectando como un espacio servidor, cuando el uso que le da la gente supera ampliamente esta limitación. Otro factor es que la cocina puede ser vista como una puerta de la casa a través de la cual entran multitud de cambios relacionados con los hábitos de consumo o de alimentación y con soluciones técnicas que hacen irrelevante la discusión sobre problemas de humos y olores. El quid de la cuestión no está en lo técnico sino en lo cultural.

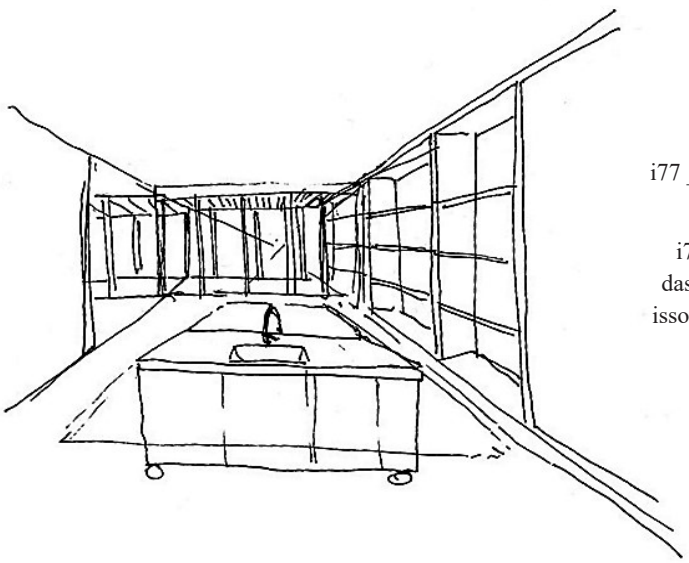


i76 _ Como entrar em casa? Como é que o espaço da cozinha é também o espaço de entrada?

Neste contexto, levantaram-se algumas questões relativas à cozinha como problema de desenho no projeto da nossa casa. Quais os problemas que podemos apontar relativos ao desenho e utilização da cozinha existente? Quais os desafios e preocupações que queremos ver ultrapassados num eventual novo desenho da cozinha? Qual o desenho desta nova cozinha? Que posição e relevo tem na casa?

Se, tradicionalmente, nas casas transmontanas, a cozinha ocupa o espaço da entrada no piso superior habitável. A casa dos avós não é exceção: dentro, a cozinha ganha destaque. Afirma-se como espaço de entrada para a casa propriamente dita e como lugar de encontro, reunião, convívio e partilha da intimidade familiar. Neste espaço, a salamandra ocupou o lugar da lareira e existe ao centro uma mesa que se monta e desmonta a gosto. Com o desuso generalizado dos pisos térreos, assistimos com frequência nas casas da aldeia à readaptação destes e, neste sentido, à duplicação do espaço da cozinha. As soluções registam, assim, duas cozinhas distintas: uma que surge no espaço das anteriores adegas ou lojas no piso térreo, onde se veem elementos que convocam a cozinha tradicional como a lareira, o escano ou os potes de ferro; e uma segunda que reformulada a partir da original, é mais impessoal, onde dominam os armários equipados e toda a tecnologia corrente da cozinha atual e onde no espaço da anterior lareira há agora uma salamandra.

Os primeiros desenhos denunciam alguma indefinição quanto à posição da cozinha, ora no piso térreo ora no piso superior. Da mesma forma, debatemos a importância deste espaço e a possibilidade da sua duplicação, assim como, a relação da cozinha com a memória e história vivas desta casa. Neste contexto, apresentamos aqui diferentes aspetos que informam e problematizam o desenho do espaço da cozinha. Por essa razão, a presente paragem estrutura-se a partir da aproximação ao espaço da cozinha: cozinha tradicional, entrar pela cozinha, relação com a terra: ir à horta e à mesa são os títulos que introduzem os aspetos problematizados no decorrer do desenho deste espaço no projeto da nossa casa.



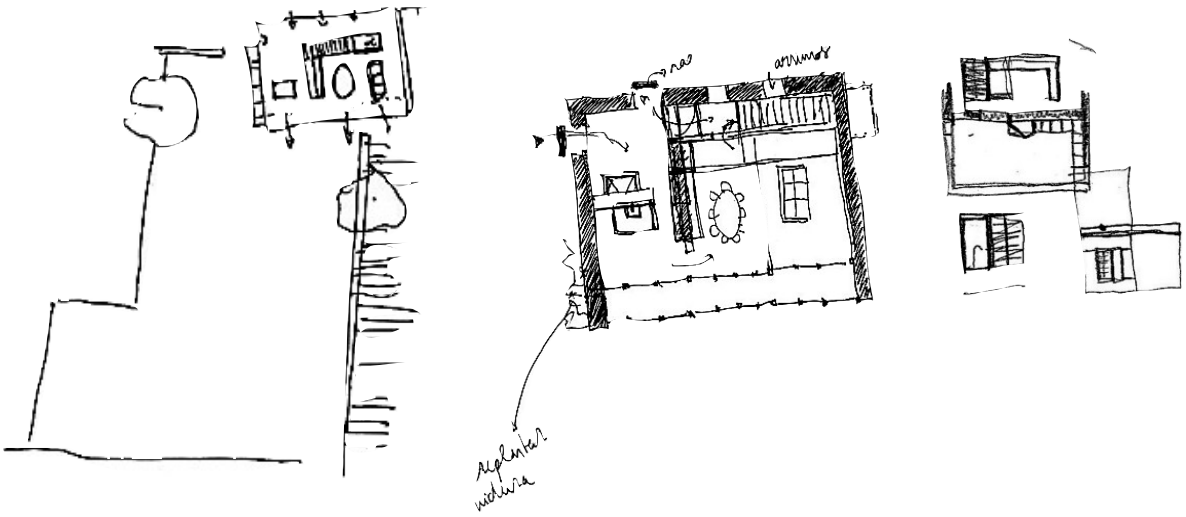
i77 _ diferentes desenhos quanto à posição do espaço da cozinha no piso térreo

i78 _ ensaio quanto à posição e desenho das escadas interiores condicionando, por isso, o desenho que se ensaia do espaço da cozinha

Se em algumas propostas ensaiámos o desenho de uma só cozinha, enfatizando-se a valor deste espaço, determinante nas dinâmicas e relações familiar e comunitária, não deixámos de ser influenciados por algumas soluções registadas neste território. Desta forma, também a questão da duplicação da cozinha foi uma das problemáticas do projeto quanto ao desenho deste espaço. Neste sentido, em algumas soluções procurámos dinamizar duas distintas atitudes a partir do binómio espaço servido e espaço de serviço: uma primeira cozinha tradicional versus uma segunda cozinha moderna.

Numa das propostas realizadas, em que se desenvolvemos três idênticos estúdios ao nível do piso térreo, a cozinha foi pensada consoante o uso individual da casa por parte de cada habitante, permitindo a cada irmão o usufruto de uma parcela exclusiva da casa. No interior de cada um destes espaços, a existência de um móvel equipado permite satisfazer e acomodar dietas mais ligeiras. Uma quarta cozinha ganha maior dimensão e sentido no projeto de uma casa de família, como espaço de serão à mesa e à lareira, no piso superior comum com acesso a partir das escadas exteriores pré-existentes.

Noutras propostas, em que um dos pisos é dedicado aos espaços comuns da casa, e o outro reservado aos espaços de intimidade, a cozinha posiciona-se no centro da casa. Nestes casos, nas suas alas são desenvolvidos dois distintos espaços: um dedicado aos espaços de serviço, do lado norte, como os sanitários, a despensa e a lavandaria, assim como, em algumas propostas, a garagem, nas soluções em que a cozinha se resolve no piso térreo. Nas propostas em que a cozinha se projeta no piso superior, do lado norte é projetado um espaço para receber à mesa quem vem do campo e dos trabalhos agrícolas. Eventualmente, um ambiente à luz da cozinha tradicional com lareira. Na ala sul da casa, surgem as salas de estar e de jantar dos domingos e dias festivos.



cozinha tradicional

> *Ver-se-á a lareira acesa, um escano junto dela, uma mesa com uma cesta de fruta. O corpo acender-se-á de cheiros e paladares. Bebe-se, come-se e alguém nos diz: Bom proveito!* [48]

Como anteriormente referenciado, algumas soluções com origem na problemática quanto à duplicação do espaço da cozinha conduziu-nos ao desenho de dois espaços com distintas atitudes, a partir do binómio espaço servido e espaço de serviço. Condicionados pelo valor da tradição, princípios e costumes herdados que tanto caracterizam o lugar, como a casa e seus habitantes, a cozinha tradicional surge muito naturalmente no projeto. Neste espaço, nada impedirá que ali se permaneça sentado à lareira ou à mesa, que ali se assem castanhas ou se façam alheiras e se entre de botas sujas ou carregados de lenha. Já, a projetada cozinha moderna aparece no desenho de forma a dar resposta aos costumes, hábitos e modo de habitar atual. Espaço onde surgem todos os equipamentos e eletrodomésticos que nos facilitam as tarefas domésticas diárias.

Não temos dúvida que a cozinha tradicional seria maioritariamente utilizada no inverno, prolongando-se o serão à lareira noite dentro. E que a segunda nessas alturas, não seria mais que uma sala de apoio ou uma sala de máquinas se assim a quisermos chamar. No quotidiano, todavia, talvez o uso desta segunda cozinha fosse mais pragmático.

Se a cozinha na casa dos avós viu-se alterada ao longo do tempo, com o intuito de uma sua atualização, verificou-se, de igual modo, o seu transporte para outros espaços do conjunto herdado, para que não se perde-se, e neste sentido, se dê-se continuidade, a todo um conjunto de atividades em redor de uma primeira cozinha, nascida da tradição. Por esta razão, nesta paragem aproveitamos para destacar algumas considerações quanto ao desenho deste espaço da casa, intrinsecamente ligado ao lugar do fogo.

Estabelecendo a utilização de materiais convencionais, como o xisto e a madeira, a cozinha tradicional vive, de igual modo, de outros aspetos, nomeadamente quanto ao desenho e existência de certos dispositivos arquitetónicos, que se constituem como manifestação das vivências que ocorrem no interior deste espaço. Neste contexto, e de forma a compreender melhor o desenho de uma cozinha tradicional como problema no projeto da nossa casa, aproximemo-nos ao ato de fazer alheiras, uma das principais atividades desenvolvidas no interior deste espaço, em que o desenho de dispositivos como a lareira surgem como resposta direta a um modo de habitar próprio desta família, que traz consigo memórias da tradição.

> *Recordo-me de entrar na casa do bisavô. De subir, dois degraus. No interior, recordo o fogo alto, vivo debaixo do chupão. De pingarem, no chão de pedra, as alheiras penduradas. Recordo-me do escano, de frente para a lareira, e de como, dentro, fazia calor.* [49]

[48] notas do autor
[49] ibidem

Se por vezes o espaço da cozinha tradicional é projetado no miolo da casa-mãe, com o objetivo de acolher quem bate à porta, em algumas propostas este espaço ganha destaque no exterior do volume continente, uma vez identificarmos diversos problemas quanto ao uso de uma lareira aberta, nomeadamente quanto à concentração de fumo. Ora inserida num novo volume que remata o topo norte do quintal, ora localizada numa das outras casas pertencentes ao conjunto familiar herdado, nomeadamente no forninho, na cozinha tradicional projetada ver-se-ão os potes de ferro arrumados junto da lareira, que aberta, permite ao fogo e fumo cozinhar as alheiras, penduradas no varal imediatamente acima. Aqui, mais do que a recuperação nostálgica do desenho deste espaço da casa, importa a reabilitação de uma tradição viva e seu futuro.

entrar pela cozinha

> *Uma porta deve saudar. Deve ser mais do que apenas um plano fechado dividindo dois diferentes reinos; deve expandir-se para se tornar um lugar, um lugar cuja própria forma evoca o acolhimento e a despedida, um lugar que convida a uma pausa, na verdade, a demorar-se.* [50]

Quanto à sua posição na casa, nos primeiros desenhos ensaiámos diferentes soluções em que a cozinha se posiciona na entrada, prolongando a tradição deste lugar, de se entrar para casa por este espaço. Se por um lado, esta posição na casa pode causar algum desconforto e embaraço por ser, muitas vezes, considerado um espaço de serviço. Por outro lado, salienta-se o caráter convidativo e hospitaleiro da cozinha à porta de entrada. Vários fatores contribuem para este ambiente acolhedor.

Na casa dos avós o percurso de entrada culmina no espaço da cozinha. Quem entra demora-se no passo, ora junto da lareira, ora à mesa. No projeto da nossa casa procurámos, de igual forma, dar corpo e continuidade a este modo de habitar. Neste sentido, o espaço da cozinha é projetado como o lugar do primeiro serão, particularmente ligado às relações comunitárias e vicinais, onde dentro se recebe quem bate à porta. Neste espaço, mais do que a sua dimensão e disposição do mobiliário, importa a existência de uma lareira, de um escano e de uma mesa, que permitem reconhecer e prolongar a memória de uma anterior cozinha, com o intuito de dar ênfase ao caráter hospitaleiro que se quer deste espaço.

relação com a terra: ir à horta

Na casa dos avós, uma vez ser o piso superior o piso habitável, o acesso da cozinha à horta é realizado por umas escadas exteriores de pedra, as mesmas que concretizam o momento de entrada na casa. Neste contexto e de forma a dar uma resposta mais adequada às necessidades e intenções da família, no projeto da nossa casa procurámos ensaiar a relação do espaço da cozinha com a terra, até porque, em algumas ocasiões, não se chega

[50] STRAUVEN, Francis. (1998). *Aldo van Eyck: the shape of relativity.* Architectura & Natura.P. 358.
A door must be greeting. It must be more than just a closed plane dividing two different realms; it must expand to become a place, a place whose very form evokes welcoming and seeing-off, a place that invites one to pause, indeed to tarry.

a ir à horta e fica-se apenas pela adega no piso térreo, espaço onde se guardam frutas e legumes que já estão prontos a consumir, como as batatas as cebolas ou os tomates.

Interessou-nos, por isso, repensar a cozinha, nomeadamente quanto à sua posição na casa. Ora no piso térreo, ora no piso superior acedido por escadas. Se posicionada no piso superior, a cozinha apresentaria as mesmas desvantagens que a cozinha atual: a difícil ligação ao exterior e, consequente, acesso à horta e a um eventual e desejado espaço para comer no quintal. Se posicionada no piso inferior, a cozinha, no projeto, ganha novo sentido não só por facilitar o acesso ao exterior privado, mas também por potenciar novas relações comunitárias.

Distinguindo-se da entrada principal da casa, ensaiámos no espaço da cozinha uma segunda entrada, filtro para quem entra em casa de botas sujas. Mais sobre este espaço é desenvolvido em relação com a terra: entrar de botas sujas, quando falamos do modo de entrar em casa.

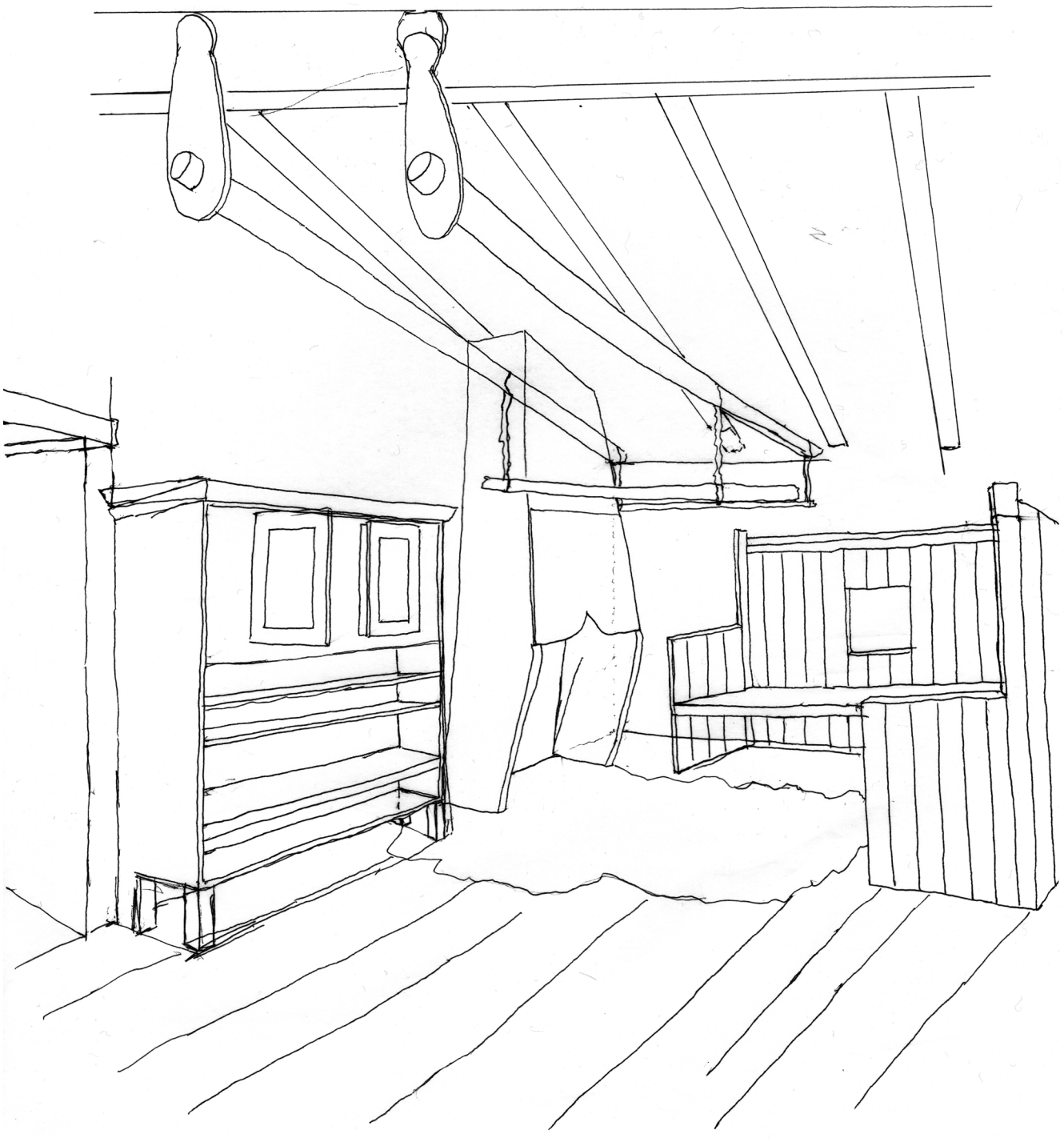
à mesa

> *A função estruturante e o papel simbólico da mesa também se perderam em grande medida na arquitetura contemporânea. ... uma vez mais recordo a mesa pesada e sem pintura do meu avô agricultor. A recordação da mesa é mais forte do que o próprio espaço. Cada qual tinha o seu lugar à mesa, e o meu avô ocupava a cabeceira mais recolhida; a cabeceira oposta, mais perto da entrada, deixava-se vazia, e só a ocupavam as visitas ocasionais. A mesa era o palco das comidas, da costura, dos jogos, dos deveres do colégio e da conversa com os vizinhos e estranhos. A mesa era o centro que organizava a vida no campo, que marcava a diferença entre os dias da semana e o domingo, os laborais e os festivos.* [51]

A mesa é um móvel particularmente especial. O seu desenho no espaço, potencia o encontro, reunião e partilha. Se por um lado, à mesa desenvolvemos uma forma de convívio e hospitalidade próprios, também são estabelecidos comportamentos e hierarquias, definidores das relações de poder e familiar. Muitas vezes associada ao desenho do espaço da cozinha, nas várias soluções ensaiadas, a mesa recebe quem entra em casa, tendo um importante papel na organização deste espaço. Projetada para o uso quotidiano, à mesa juntar-se-ão família e vizinhos, que chegam do campo de botas sujas, reconhecida a cozinha como espaço de entrada na casa. Pelo contrário, a mesa da sala de jantar, menos desenhada, representa os dias de festa. À mesa juntar-se-ão família e amigos. Ver-se-á a loiça e o faqueiro mais finos que concedem formalidade à cena e ao espaço.

[51] PALLASMAA, Juhani. (2019). "La mesa", in *Habitar*. 1ª ed., Gustavo Gili. Barcelona. P. 32 e 33
La función estructuradora y el papel simbólico de la mesa también se han perdido en gran medida en la arquitectura contemporánea. ... una vez más, recuerdo la mesa pesada y sin pintar de mi abuelo granjero. El recuerdo de la mesa es más fuerte que la propia estancia. Cada cual tenía su sitio en la mesa, y mi abuelo ocupaba la cabecera más recogida; la cabecera opuesta, más cerca de la entrada, se dejaba vacía, y solo la ocupaban las visitas ocasionales. La mesa era el escenario de las comidas, la costura, los juegos, los deberes del colegio y la charla con vecinos y extraños. La mesa era el centro que organizaba la vida en el campo, lo que marcaba la diferencia entre los días de diario y el domingo, los laborables y los festivos.

i79 _ série de fotografias da família à mesa



lugar do fogo

É evidente a importância que a lareira ou a salamandra têm na sensação de lar. A imagem do fogo na casa combina a experiência mais arcaica com as necessidades mais contemporâneas. O poder simbólico da lareira reside na sua capacidade de fundir as imagens arcaicas do fogo que alimentaram a vida do homem primitivo e as experiências intemporais de bem-estar pessoal com os símbolos de comunidade e estatuto social. [52]

No desenvolvimento do projeto da nossa casa, a presença do fogo foi determinante e ponto de partida para o redesenho do espaço interior da casa, uma vez se querer prolongar tradições culturais e familiares. São, por isso, ensaiadas diferentes soluções em que o lugar do fogo ocupa o centro simbólico da casa. Em boa verdade, importa compreender a memória e a história do lugar do fogo desta casa e como estas podem ter continuidade e ser potencializadas no desenho de uma nova casa. Interessou-nos, por isso, nomear um conjunto de desafios e preocupações, quanto à posição, desenho, uso e outros aspetos, que contribuíram para a discussão em redor deste lugar.

Quais os problemas que podemos apontar relativos ao desenho e utilização do lugar do fogo existente? Quais os desafios e preocupações que queremos ver ultrapassados num eventual novo desenho deste lugar? Qual o desenho deste novo lugar do fogo? Que posição e importância tem na casa?

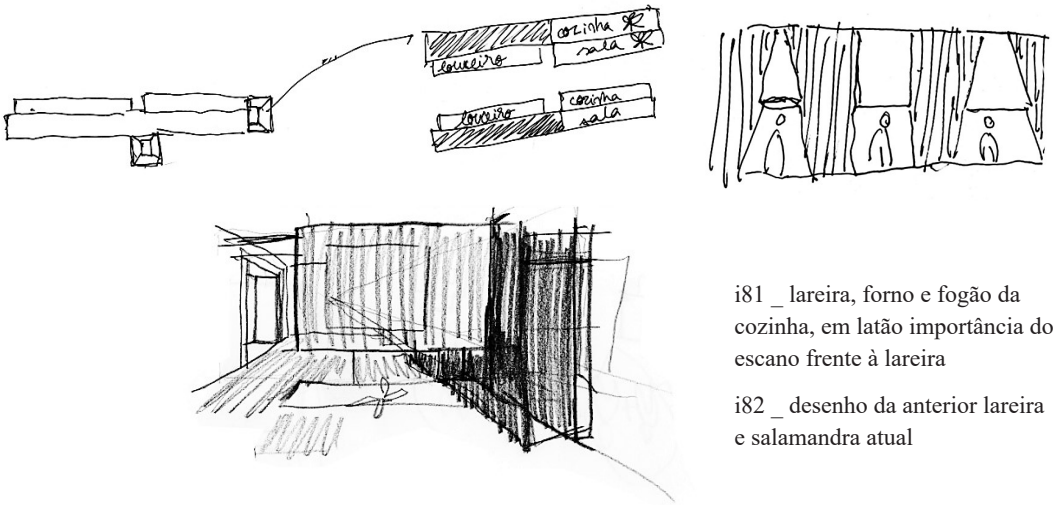
Na casa, a lareira surge como um dispositivo fundamental para entendermos o espaço como lar. Acesa, convida à permanência e à reunião em seu redor. Como fonte de luz, fonte de calor ou meio de cozinhar, a lareira como a conhecemos na casa dos avós, encena em si toda um conjunto de rituais, ritmos e rotinas. Atualmente, no interior de algumas casas deste território, assim como, na casa dos avós, assistimos à substituição da lareira tradicional por recuperadores de calor no lugar da primeira, a par da duplicação da cozinha no piso térreo.

Os primeiros desenhos denunciam a existência de um único fogo, ora no espaço da sala de estar ora no espaço da cozinha, mas depressa se abandona este desenho, multiplicando-se os lugares do fogo no projeto da nossa casa, que se distinguem pelo desenho e uso. Por essa razão, a presente paragem estrutura-se a partir da aproximação ao lugar do fogo: cozinha e fumeiro e o escano são os títulos que introduzem duas problemáticas com que nos confrontámos no decorrer do desenho deste lugar no projeto da nossa casa. De igual modo, é convocado o projeto e obra, Robie House, de Frank Lloyd Wright, aproximando-nos do espaço inglenook como centro da composição da casa.

---

[52] PALLASMAA, Juhani. (2019). "La chimenea y el fuego", in *Habitar*. 1ª ed. Gustavo Gili. Barcelona. P. 31. *La importancia que la chimenea o la estufa tienen en la sensación de hogar es evidente. La imagen del fuego en la casa combina la experiencia más arcaica con las necesidades más contemporáneas. El poder simbólico de la chimenea reside en su capacidad de fusionar las imágenes arcaicas del fuego que alimentaba la vida del hombre primitivo y las experiencias intemporales de bienestar personal con los símbolos de comunidad y de estatus social.*

i80 _ desenho do interior da casa do bisavô Inocêncio



i81 _ lareira, forno e fogão da cozinha, em latão importância do escano frente à lareira

i82 _ desenho da anterior lareira e salamandra atual

Se nas primeiras propostas é evidente a procura do lugar na casa para os vários lugares do fogo, entre o espaço da cozinha, o espaço da sala de estar ou no exterior. É também evidente a estabilização de uma eventual proposta final para a nossa casa, através do desenho do muro interior que sobe até à cobertura como dispositivo, aqui, fundamental na organização do espaço interior da casa, capaz de agregar em si o bloco vertical, como as escadas ou as chaminés.

Não deixámos de ensaiar o desenho de uma lareira exterior que permite pensar uma zona de churrasco no exterior diferente daquele que aproveitava a estrutura do anterior pombal. Na maioria das propostas, este lugar do fogo é projetado junto das paredes exteriores de xisto da casa-mãe, estendendo o calor do interior para lá do continente.

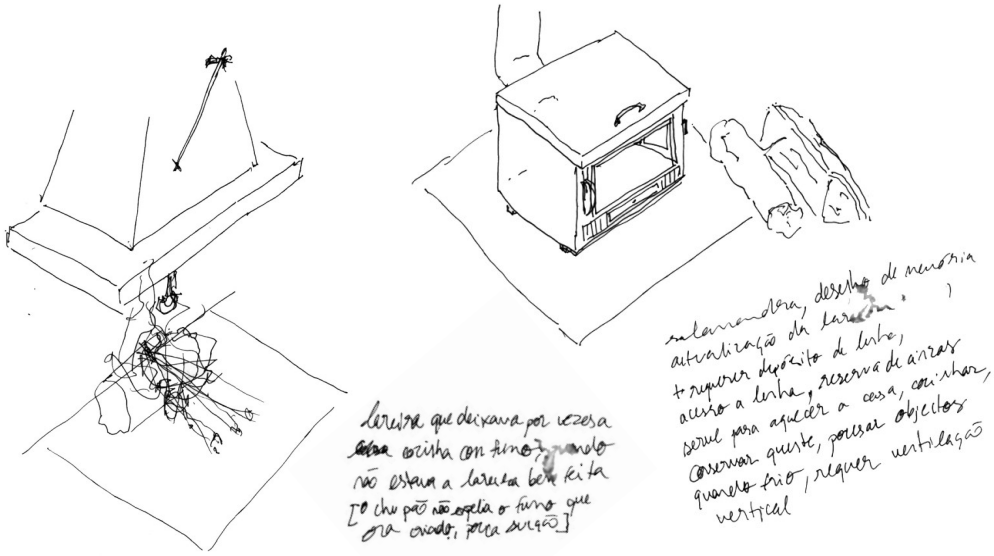
cozinha e fumeiro

- *Se os antigos usavam fogão de lenha porque havemos nós de continuar a usá-lo?* [53]

Como anteriormente referenciado, quanto ao desenho de uma cozinha tradicional preocupou-nos dar resposta a um espaço onde se pudesse dar continuidade ao costume herdado de confeção do fumeiro regional. Fundador do espaço doméstico, o lugar do fogo carrega em si o simbolismo de protecção da chama sagrada, vinculada à ação de habitar. Entre outros aspetos, o domínio humano do fogo permitiu fazer cozinha, determinante na definição de uma identidade e cultura.

Se por um lado, foi-nos facilitado a preparação e confeção das refeições, através do uso de fornos e fogões a gás ou elétricos. Por outro, e cada vez mais, nos afastámos da capacidade agregadora do fogo, e, consequentemente, dos costumes e tradições potenciadas por esta cultura. Mais do que um regresso nostálgico, interessa-nos a condição de reunião, encontro, partilha, comunidade e hospitalidade inerentes ao lugar do fogo e ao ato de cozinhar.

[53] TÁVORA, Fernando. (2002). (entrevista, JMSM), Porto, in Fernando Távora: as raízes e os frutos, palavra, desenho, obra, 1937-2001. Tomo I.I, o meu caso, arquitectura, imperativo ético do ser. Porto. FIMS. 2020. P. 31



Nos primeiros desenhos, este espaço toma o lugar do anterior pombal, que se converte numa casa de fumeiro na época dele e numa zona de churrasco nos períodos mais quentes do ano. Numa certa estabilização de uma eventual proposta de intervenção, o lugar do fumeiro, um dos lugares do fogo da casa, é projetado no espaço do anterior forninho, que pelas suas características permite acomodar, sem grandes reparos, esta tradição.

o escano

> *[...] o bom acabamento dos escanos transmontanos, onde é vulgar aparecerem como respeitáveis peças de marcenaria, mesmo em casas modestas. [...] é frequente [...] serem munidos de mesas de baixar, umas descendo em direcção perpendicular ao assento, e girando em dobradiças firmadas no alto do espaldar, outras baixando a todo o comprimento do banco. Existem também bancos mais leves, de feitura por vezes muito rudimentar, que podem substituir o escano, quando este falta.* [54]

O desenho do escano no projeto da nossa casa aparece frequentemente associado ao espaço da cozinha tradicional, intrinsecamente ligada ao lugar do fogo. Se originalmente este banco alto estava associado a serões prolongados junto à lareira, no projeto da nossa casa procurámos de igual modo dar continuidade a este desenho. Ora como peça de mobiliário móvel, ora como peça de mobiliário fixo. O escano surge como elemento fundamental na organização do espaço interior dos serões à lareira. Se na casa dos avós o escano foi substituído por um sofá junto da lareira, na procura de maior conforto, no projeto da nossa casa existe a vontade de regressar ao uso deste banco de costas altas, organizador do espaço.

Atentemos à obra de arquitetura, Robie House, de Frank Lloyd Wright, que nos ajuda a aproximar do espaço inglenook, e do fogo domesticado, como compositor e organizador do espaço da casa e, neste sentido, a compreender a importância do escano junto da lareira.

[54] OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando. (2003). *Arquitectura tradicional portuguesa*. 5ª ed., Dom Quixote. Lisboa.

[inglenook] Robie House de Frank Lloyd Wright

Em 1908 Frederick Robie comprou um terreno, do lado sul de Hyde Park, perto da Universidade de Chicago, para aí construir a sua futura casa. O projeto foi atribuído ao arquiteto Frank Lloyd Wright que desenhou a casa que hoje conhecemos como Robie House.

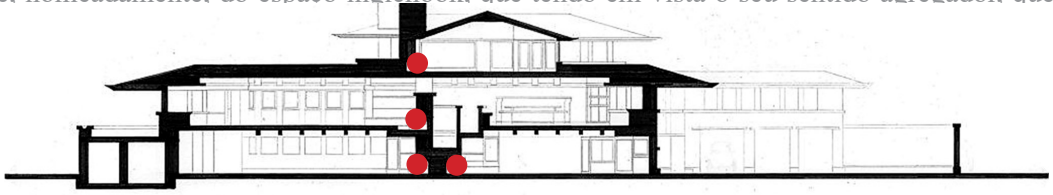
O volume alongado deve-se, sobretudo, aos limites do lote que condicionaram logo à partida a sua forma. Do exterior, enfatizou-se a leitura horizontal dos volumes construídos, através do desenho de coberturas mais baixas, que se estendem para lá das paredes da casa. Também as aberturas do lado sul foram pensadas para melhor aproveitar a vista, anteriormente, desimpedida.

A aproximação à casa inicia-se a partir de um caminho que nos conduz até à entrada propriamente dita. Frente à porta, somos acolhidos num espaço exterior coberto, que marca a transição entre o espaço exterior e o espaço interior da casa. Dentro, somos recebidos no hall de entrada que dá acesso a diferentes espaços da casa.

No piso térreo são projetadas duas salas, a sala de bilhar e a sala de jogos, viradas a sul, que se organizam à volta da lareira – inglenook 55 - como centro da composição da casa. Também neste piso, mas virados a norte, localizam-se os espaços de serviço e garagem. Uma escada em U central, sobre o mesmo bloco vertical das lareiras, permite o acesso ao piso superior principal, a partir do hall de entrada.

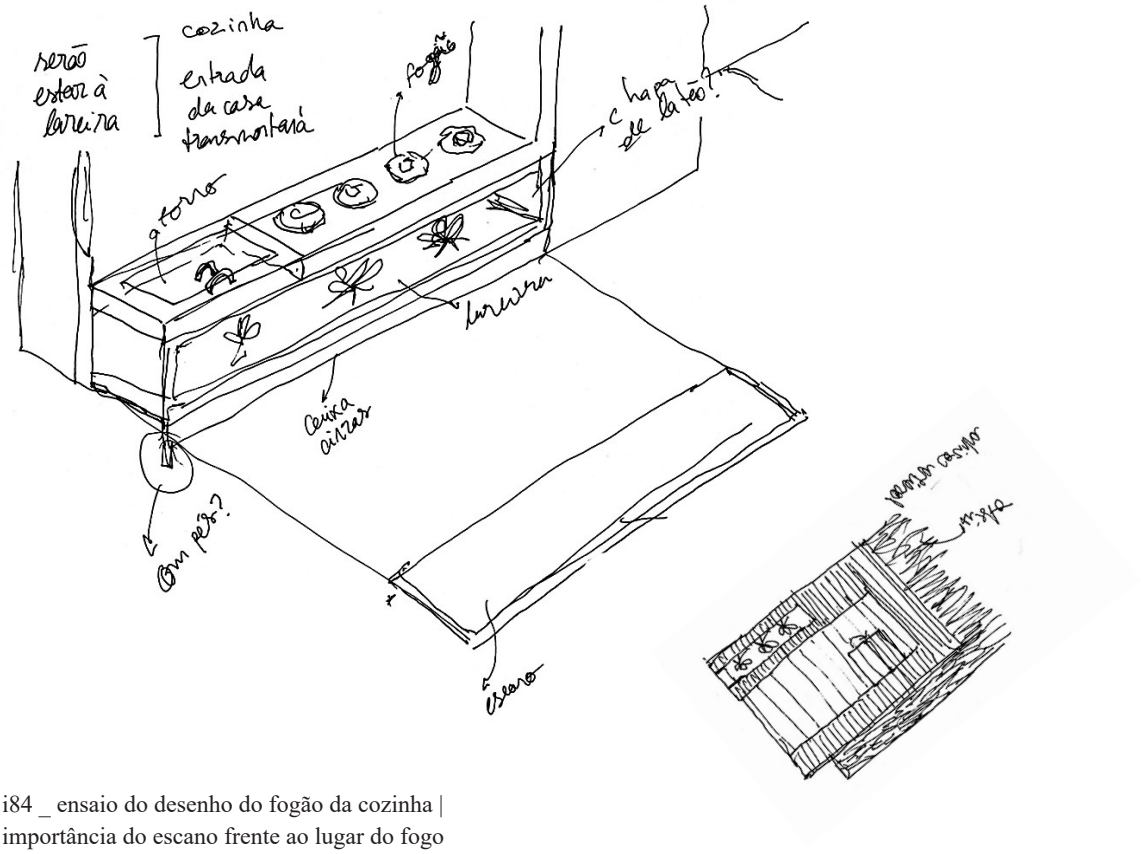
No primeiro piso, são projetados os espaços principais da casa: a sala de estar, a oeste da lareira central; a sala de jantar, do lado este e a cozinha, no corpo virado a norte, assim, como, os quartos dos empregados, com acesso independente ao espaço de serviço no piso térreo. É também projetado um quarto de hóspedes, neste piso, localizado, imediatamente, sobre o hall de entrada. Entre o espaço da cozinha e o quarto de hóspedes são ainda desenhadas outras escadas que permitem o acesso a um último piso de quartos.

Sendo um dos principais temas de desenho o lugar do fogo no projeto da nossa casa, do estudo da obra de arquitetura Robie House interessou-nos, sobretudo, a organização do espaço em redor da existência de um fogo central. Com destaque para o desenho das lareiras e, nomeadamente, do espaço inglenook, que tendo em vista o seu sentido agregador, que



[55] a partly closed space by a large open fireplace built so that you can sit close to the fire disponível em https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/inglenook

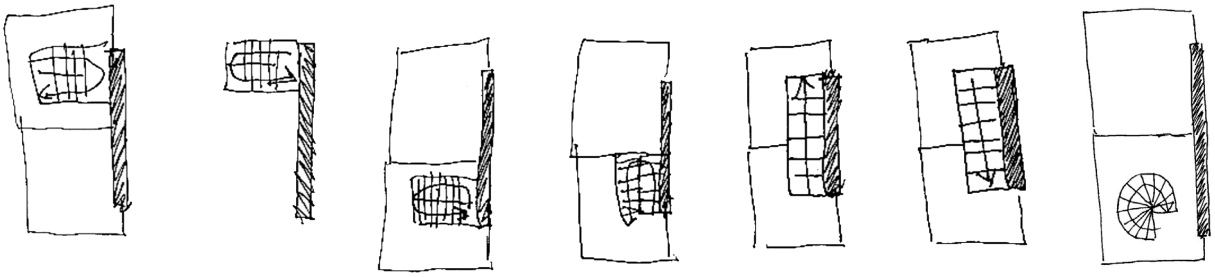
i83 _ esquissos quanto ao modo de entrar em casa - alçado norte



i84 _ ensaio do desenho do fogão da cozinha | importância do escano frente ao lugar do fogo

Além disso, cabana e fogo, construção e combustão, estão inextricavelmente ligados na história da habitação, uma combinação única de construída ordem e combustível desordem. A energia traz a arquitetura para o mundo dos processos e vida. Mas também concede à arquitetura consumo, fugacidade e tempo irreversível. A arquitetura reúne fogo e cabana, caos e organização. [56]

[56] FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis. (2000). *Fire and memory: on architecture and energy*. MIT Press. P. 8 *Moreover, hut and fire, construction and combustion, are inextricably linked in the history of habitation, a unique combination of constructed order and combustible disorder. Energy brings architecture into the world of processes and life. But it also bestows architecture with consumption, fugacity, and irreversible time. Architecture brings together fire and hut, chaos and organization.*



subir e descer escadas

Quando a conhecemos descobrimos as suas facetas, como gosta de se posicionar, que forma adopta, quais são os seus degraus; como a subimos, com pressa, correndo, erguidos, apoiados apenas na ponta do pé; como a descemos, devagar, mirando para longe, rapidamente e com cuidado, mirando os degraus para não cair.

A escada. Caminhamos e subimos. Caminhamos e descemos.

A escada. Concreta, material, corpórea, com dimensões próprias, com forma. Com um corpo que se submete à geometria e às normas, que se submete ao tempo e à história.

A escada: um desafio, uma provocação, um artefacto cujo traço requere aprendizagem. Temos de aprender as suas leis, os seus mecanismos; temos de aprender a desenhá-la.

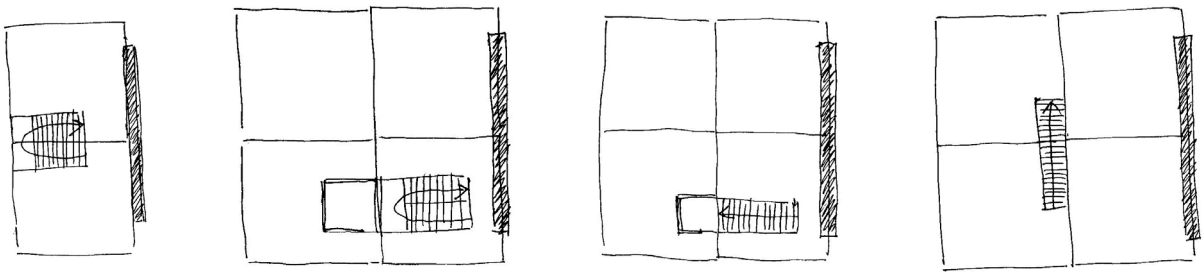
A escada encerra um volume que se esvazia, um corte no espaço.

A escada: uma diagonal, um buraco, uma descontinuidade na estrutura horizontal. [57]

Geralmente associada à adaptação à topografia do terreno, a escada tem na casa um papel fundamental. Para além de permitir vencer um ou mais pisos, a escada concentra em si um conjunto de desafios e preocupações vários. Se na casa dos avós a escada exterior de pedra enfatiza e marca a entrada na casa, distinguindo o piso térreo do piso superior habitável, no seu novo desenho procuramos inicialmente dar resposta à circulação interior entre os mesmos.

[57] CARREIRO, María. (2007). *El pliegue complejo: La escalera.* Netbiblo, S. L. P. 2
La escalera no es un elemento formado y dispuesto al azar, ni un mueble que busca un sitio y se habitúa; quizás ya se haya pensado su lugar, aunque esté aún vacío. Cuando la conocemos, descubrimos sus facetas, cómo le gusta colocarse, qué forma adopta, qué son sus peldaños; cómo la subimos, apurados, corriendo, erguidos, apoyando apenas la punta del pie; cómo la bajamos, despacio, mirando a lo lejos, deprisa y con cuidado, mirando los escalones para no caer. La escalera. Caminamos y ascendemos. Caminamos y descendemos. La escalera. Concreta, material, corpórea; con dimensiones propias, con forma. Con un cuerpo que se somete a la geometría y a las normas, que se somete al tiempo y a la historia. La escalera: un desafío, un reto, un artefacto cuyo trazo requiere aprendizaje. Hemos de aprender sus leyes, sus mecanismos; hemos de aprender a dibujarla. La escalera encierra un volumen que se vacía, un corte en el espacio. La escalera: una diagonal, un hueco, una discontinuidad en la estructura horizontal.

i85 _ ensaio quanto ao desenho e posição das escadas no interior da casa

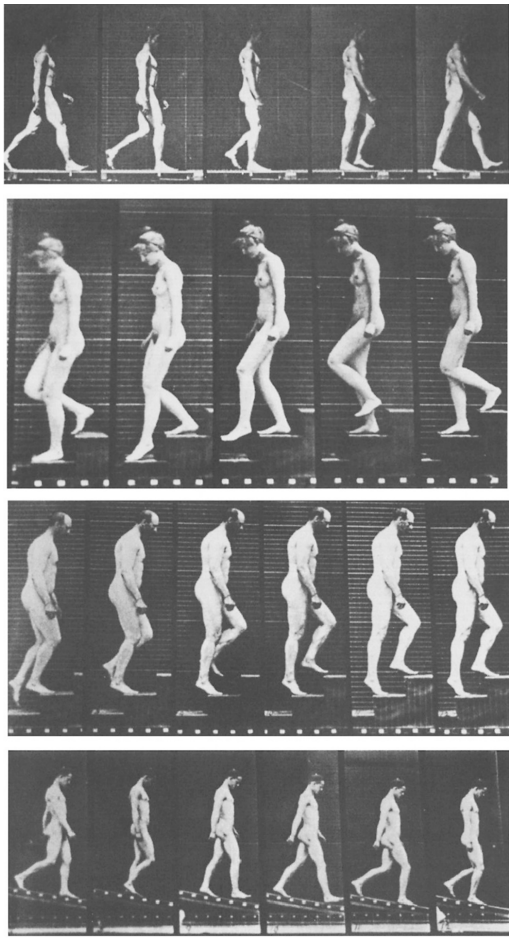


Levantam-se, por isso, algumas questões relativas às escadas como problema de desenho no projeto da nossa casa. Quais os problemas que podemos apontar relativos ao desenho e utilização da escada exterior existente? Quais os desafios e preocupações que queremos ver ultrapassados num eventual novo desenho das escadas? Qual o desenho desta nova escada?

Se os primeiros desenhos denunciam uma intervenção muito agarrada ao volume, o projeto evolui na tentativa de fazer ligar dois espaços do interior da casa, um no piso térreo e outro no piso superior, que apesar de próximos, distinguem-se pela atmosfera que subir uma escada transporta. Por essa razão, a presente paragem estrutura-se a partir da aproximação ao espaço das escadas: prevenção e gestão do risco: queda e outras formas de vencer o piso: a rampa e o elevador são os títulos que introduzem os problemas com que nos confrontámos no decorrer do desenho deste lugar no projeto da nossa casa.

Ora se nos primeiros desenhos damos continuidade ao uso do piso superior como o piso que concentra em si os espaços comuns da casa, como cozinha e salas de estar e de jantar, damos igualmente continuidade à escada exterior existente. Se, pelo contrário, estes espaços comuns são desenhados ao nível do piso térreo e, de igual modo, damos continuidade à escada existente, somos confrontados com soluções que registam duplicação da porta de entrada, em que a escada exterior nos conduz a um espaço interior que, eventualmente, pudesse ser usufruído de forma independente do resto da casa. Nas propostas em que, de igual modo, os espaços comuns são desenhados ao nível do piso térreo, em outras soluções, a escada existente desaparece, optando-se pelo desenho de uma escada no interior da casa, uma vez sobrepor-se a vontade de viver o piso térreo, reservando o piso superior ao lugar da intimidade familiar.

Neste sentido, no desenho da nova escada, o problema centrou-se na sua posição e forma, alterando-se a dinâmica de uso da escada: de espaço intermediário entre espaço público e espaço privado, para espaço intermediário entre espaços de convívio e sociabilização para espaços de intimidade e resguardo. Determinante no projeto, o muro central de xisto, que sobe para lá da cobertura, dispositivo fundamental, fez estabilizar uma eventual proposta de intervenção, contribuindo para a definição de um bloco vertical, dialogante entre dois e três pisos, e para o desenho e posição da escada no interior da casa.



Na maioria das propostas de desenho é aproveitado o vão das escadas para resolver espaços como a casa-de-banho, a lavandaria ou a despensa. Da mesma forma, não deixamos de ensaiar as escadas como peça independente e permeável, salientando o seu caráter de ascensão e verticalidade.

Observemos o conjunto de fotografias de Eadweard J. Muybridge na página anterior, que nos ajuda a introduzir uma das problemáticas com que nos confrontámos no decorrer do projeto da nossa casa, nomeadamente quanto ao uso das escadas:

Se na primeira série de fotografias, o movimento do corpo fluí naturalmente, com um pé à frente do outro, com os braços balançando ao ritmo da marcha e com o olhar direcionado para a frente; na segunda e terceira séries, descendo e subindo escadas, respetivamente, é visível o esforço físico para a realização de cada movimento. Verificando-se na descida a constante procura de equilíbrio sobre a perna de trás, que inicia uma queda controlada para a frente na direção do degrau imediatamente abaixo, que o olhar não deixa de fixar. Quanto mais alto for o degrau, mais o pé da frente é apontado. Já na subida o movimento do corpo é mais lento, verificando-se maior exigência física. O corpo inclina-se ligeiramente para a frente, a perna de trás deixa o solo com impulso e, equilibrados sobre a outra, trazemos a perna que antes estava atrás para a frente, alta o suficiente para alcançar o degrau imediatamente acima, para logo depois o empurrar com vigor, repetindo o movimento.

prevenção e gestão do risco: queda

> *As quedas são proeminentes entre as causas externas de lesões não intencionais. Codificadas como E880-E888 na Classificação Internacional de Doenças-9 (CID-9) e como W00-W19 na CID-10, que incluem uma ampla gama de quedas, incluindo aquelas no mesmo nível, nível superior e outras quedas não especificadas. […] Aproximadamente 28-35% das pessoas com 65 anos ou mais caem a cada ano (2-4), aumentando para 32-42% para aqueles com mais de 70 anos (5-7). A frequência de quedas aumenta com a idade e o nível de fragilidade.* [58]

Lembramo-nos dos avós. Considerados alguns aspetos como a segurança e conforto no uso da escada, ao desenho do projeto importou o ensaio da escada de um e dois tiros, e consequentemente, o desenho do patamar ou zona de descanso, assim como, a medida e proporção do degrau e desenho do corrimão. Observemos a segunda imagem da página anterior e atentemos à sua legenda publicitária:

[58] WHO Global report on falls prevention in older age disponível em https://extranet.who.int/agefriendlyworld/wp-content/uploads/2014/06/WHo-Global-report-on-falls-prevention-in-older-age.pdf
Falls are prominent among the external causes of unintentional injury. They are coded as E880-E888 in International Classification of Disease-9 (ICD-9), and as W00-W19 in ICD-10, which include a wide range of falls including those on the same level, upper level, and other unspecified falls. […] Approximately 28-35% of people aged of 65 and over fall each year (2-4) increasing to 32-42% for those over 70 years of age (5-7). The frequency of falls increases with age and frailty level.

i86 _ série de fotografias de Eadweard J. Muybridge

i87 _ publicidade Stannah

Elevadores escadas retas cadeira elevatória para escadas retas, interiores ou exteriores

Cadeira elevatória que se movimenta por um rail, disponível para interior e exterior.

Os comandos são simples de manusear e operam a partir do braço esquerdo ou direito.

O rail único está disponível em diferentes cores para harmonizar com a decoração/ pavimento.

Com cinto de segurança e acabamentos personalizados, os elevadores de escada retos da Stannah são uma solução prática e célere, já muito popular, para vencer as escadas. [59]

Atualmente, o uso de equipamentos e produtos maquinizados é cada vez mais uma realidade, na medida em que cada vez mais dependemos, enquanto seres humanos, de tecnologias que nos auxiliem nas tarefas quotidianas ou mesmo capacitando-nos de movimentos que o corpo já não quer fazer. Em boa verdade, mais do que querer equipar o desenho de uma nova escada de todas as mais valias relativas a segurança e conforto na sua utilização, importa compreender de que forma podem ser ultrapassados os desafios impostos pelo desenho de uma escada, que antes de uma solução que dificulta e pode ser obstáculo para aqueles com incapacidades motoras, contribuindo, neste sentido, para aspetos como o isolamento social destes indivíduos, a escada é contributo para o movimento dialogante e continuidade entre pisos.

outras formas de vencer o piso: a rampa e o elevador

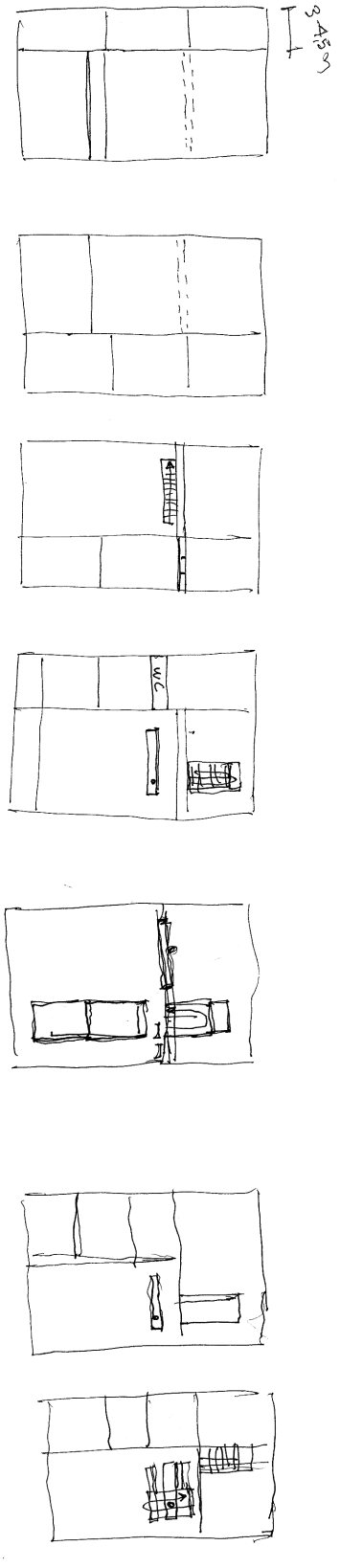
De igual forma, e uma vez estarmos preocupados em dar resposta a uma utilização universal das escadas pelas várias gerações da família, não deixámos de considerar soluções como a rampa ou o elevador. Apesar de reconhecidas as suas potencialidades na resposta à segurança e conforto na sua utilização, são rapidamente descartadas no desenho do projeto da nossa casa. A rampa por fisicamente ocupar maior área em comparação com o desenho de umas escadas, e o elevador por não se justificar o custo da instalação e do uso quotidiano.

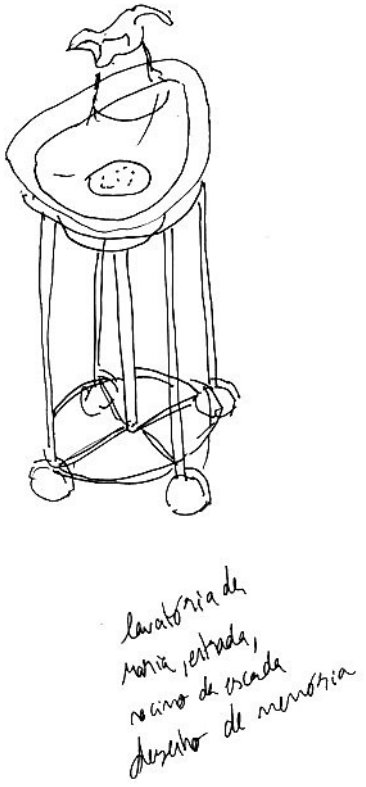
O menino de doze anos faz escalas de subida, ensaiando lances de três e de quatro degraus, tentando lances de cinco, mas gostando mais de subir de quatro em quatro. Subir uma escada de quatro degraus, que felicidade para os músculos! [60]

[59] publicidade www.stannah.pt

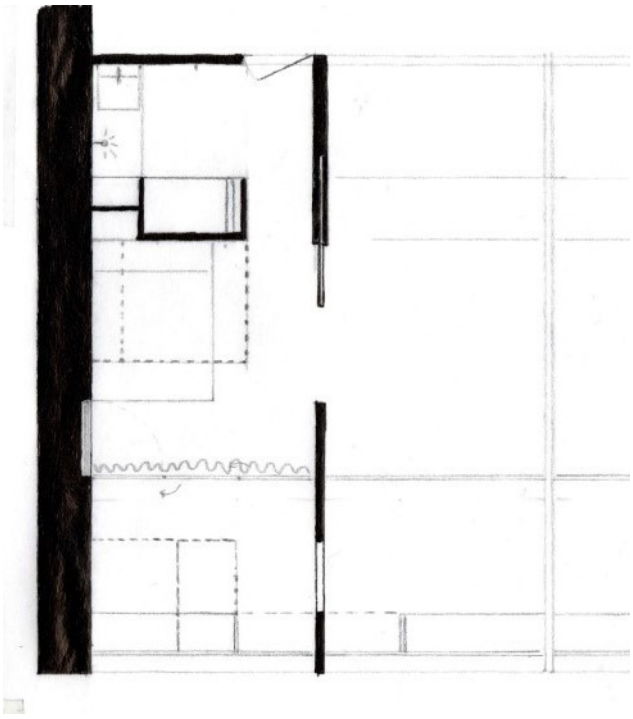
[60] BACHELARD, Gaston. (1983). *La poètique de l'espace*. 2ème. ed., Presses Universitaires de France. Paris. (Quadrige). P. 52

L'enfant de douze ans y fait des gammes de montée, faisant des tierces et des quartes, tentant des quintes, aimant surtout, quatre marches par quatre marches, faire ses enjambées





i88 _ experiência de desenho quanto ao espaço dos quartos



dormir

> *No entanto, geralmente a intimidade do lar é um espaço quase sagrado na nossa cultura. Temos uma sensação de culpa e vergonha se, por alguma razão, nos vemos obrigados a entrar na casa de alguém sem ser convidado quando o ocupante não está presente. Ver uma casa sem ser recebido é como ver o seu habitante nu ou em sua máxima intimidade.* [61]

No desenvolvimento do projeto da nossa casa, os quartos foram pensados de forma a dar resposta às necessidades atuais de uma família compósita. Em boa verdade, importa compreender de que forma é atualizado o espaço para dormir e qual o desenho e posição que têm na casa. Interessou-nos, por isso, repensar este espaço a partir de um conjunto de desafios e preocupações que contribuíram para este debate.

Quais os problemas que podemos apontar relativos ao desenho e utilização dos quartos existentes? Quais os desafios e preocupações que queremos ver ultrapassados num eventual novo desenho? Que posição tem na casa? Quantas pessoas dormem em casa?

Se na casa dos avós os quartos encontram-se no mesmo piso superior habitável e são acedidos a partir de um corredor que nos conduz aos espaços da intimidade familiar. No projeto da nossa casa procurámos separar os espaços comuns da casa dos espaços individuais.

Ora no piso térreo ora no piso superior, nos primeiros desenhos exploramos o número de quartos e a possibilidade da existência de um quarto independente que poderia eventualmente ser arrendado. Por essa razão, a presente paragem estrutura-se a partir da aproximação ao lugar da intimidade: cama e quarto e o terceiro são os títulos que introduzem os temas de desenho com que nos confrontámos no decorrer do desenho do espaço destinado à intimidade familiar no projeto da nossa casa. De igual modo, é convocado a obra, Ciência e Caridade, de Pablo Picasso, que nos ajuda a compreender desenho e uso do quarto.

Esquecida a possibilidade de projeto de um espaço independente que pudesse ser eventualmente arrendado e preocupados em dar a cada irmão o seu quarto, o projeto da nossa casa desenvolve-se com o desenho de três, quatro e cinco quartos, no miolo da casa-mãe. Numa das propostas realizadas, o desenho de três idênticos estúdios ao nível do piso térreo, solução ainda muito agarrada ao volume pré-existente, foram pensados consoante o uso individual por parte de cada habitante, permitindo a cada irmão o usufruto de uma parcela exclusiva da casa.

Noutras propostas e estabilizado o número de quartos no interior do volume continente, quanto à posição dos mesmos, ora no piso térreo, ora no piso superior, ora com frente

[61] PALLASMAA, Juhani. (2019). *Habitar*. 1ª ed., Gustavo Gili. Barcelona. P. 26
Sin embargo, generalmente la intimidad del hogar es un recinto casi sagrado en nuestra cultura. Tenemos una sensación de culpa y de vergüenza si, por alguna razón, nos vemos obligados a entrar en el hogar de alguien sin haber sido invitados cuando el habitante no está presente. Ver un hogar sin ser recibidos es como ver a su habitante desnudo o en su máxima intimidad.

para a rua, ora com frente para o quintal, ora no topo norte, ora no topo sul, os quartos são pensados de forma a ganharem a maior privacidade e recato possíveis em relação ao frenesim vivido nos espaços comuns da casa. Por essa razão, ao projeto da nossa casa privilegiamos as soluções em que os quartos se localizam no piso superior virados para o quintal.

Com a estabilização de uma eventual proposta de intervenção e uma vez confrontados com o projeto que os avós tinham para o terceiro, no piso de acesso à cobertura são projetos dois espaços mais recolhidos, que com um programa livre, permitem acolher os filhos e descendentes desta família. Da mesma forma, é projetado um espaço no novo volume que se estende ao longo do quintal, que permite receber ocasionalmente visitas.

cama e quarto

> *Sem dúvida, a cama é um móvel essencial no quarto. Em certo sentido, a cama com dossel pode considerar-se uma pequena câmara em si mesma. Cama ou divã, porque o quarto é a conquista de um espaço próprio, e nessa luta pela intimidade expressa um processo por o qual os indivíduos terão feito o seu lugar dentro da casa.* [62]

Recordamo-nos dos avós. De como, aos poucos, a escada se tornou num obstáculo e de como, já com dificuldade, o corpo seguia a vontade da mente. Do quarto retirou-se os tapetes e substituiu-se a cama por uma articulada.

Maioritariamente abandonado durante o decorrer do dia, à cama e consequentemente ao quarto recolhem-se quem, por vezes, nesta casa fica doente, permanecendo neste espaço por maiores períodos de tempo. Por esta razão, nos primeiros desenhos, associados aos quartos, é sempre pensado um pequeno espaço com uma cama, capaz de servir como quarto de apoio, mantendo a privacidade do primeiro. Com o decorrer do projeto esta alcova desaparece no desenho, para que, ao invés, se abram portas entre os quatro quartos projetados.

Em algumas propostas, o desenho de uma pia e, por vezes, de uma casa de banho em cada quarto surgem para dar resposta, e de novo lembrando a estadia prolongada durante um período de maior fragilidade no mesmo espaço, a todo um conjunto de comportamentos de higienização, que devem e são tomados em ambiente hospitalar, quando lidamos com a doença. Se procurámos dar ao desenho do espaço do quarto o melhor conforto do corpo físico, procurámos de igual modo dar resposta a um conjunto de preocupações da mente. Neste sentido, ao projeto da casa e nomeadamente quanto aos quartos importou a sua relação com o espaço exterior. Ora da janela, ora da varanda, do nosso quarto veremos o mundo à nossa volta.

---

[62] MONTEYS, Xavier (2014). *La habitación más allá de la sala de estar*. Gustavo Gili. Barcelona. P. 78
Sin duda, la cama es un mueble esencial en la habitación. En cierto sentido, la cama con dosel puede considerarse una pequeña cámara en si misma. Cama o divan, porque la habitación es la conquista de un espacio propio, y en esa lucha por la intimidad expresa un proceso por el cual los individuos se han hecho su lugar dentro de la casa.

i89 _ PICASSO, Pablo. (1897). *Ciência e Caridade*. Barcelona, Espanha. | o quarto é o espaço mais intímo da casa | lugar onde nos recolhemos num período de maior fragilidade

exterior: o quintal

O sentido de pertença a um lugar pode ocorrer mediante a posse de um pequeno pedaço de território: um pátio, um jardim dentro da casa ou um território maior que pertença a esta. [63]

Reconhecido o espaço exterior da casa como um dos temas de projeto no desenho da nossa casa, uma vez não responder às necessidades e sonhos de uma família compósita, nesta paragem aproximamo-nos a vários aspetos quanto ao desenho e uso do quintal, que nos ajudaram a repensar e atualizar este lugar. Em boa verdade, importa compreender como este espaço é vivido, como se relaciona com o interior da casa e, sobretudo, como é que um eventual novo desenho pode ser depois mantido. Interessou-nos, por isso, repensar o quintal a partir da aproximação a diferentes elementos que o definem, reconhecendo problemas e oportunidades do anterior espaço.

Levantam-se, por isso, algumas questões relativas ao espaço exterior como problema de desenho no projeto da nossa casa. Quais os problemas que podemos apontar relativos ao desenho e utilização do quintal existente? Quais os desafios e preocupações que queremos ver ultrapassados num eventual novo desenho do espaço exterior? Qual o desenho do quintal? Como é vivido este espaço?

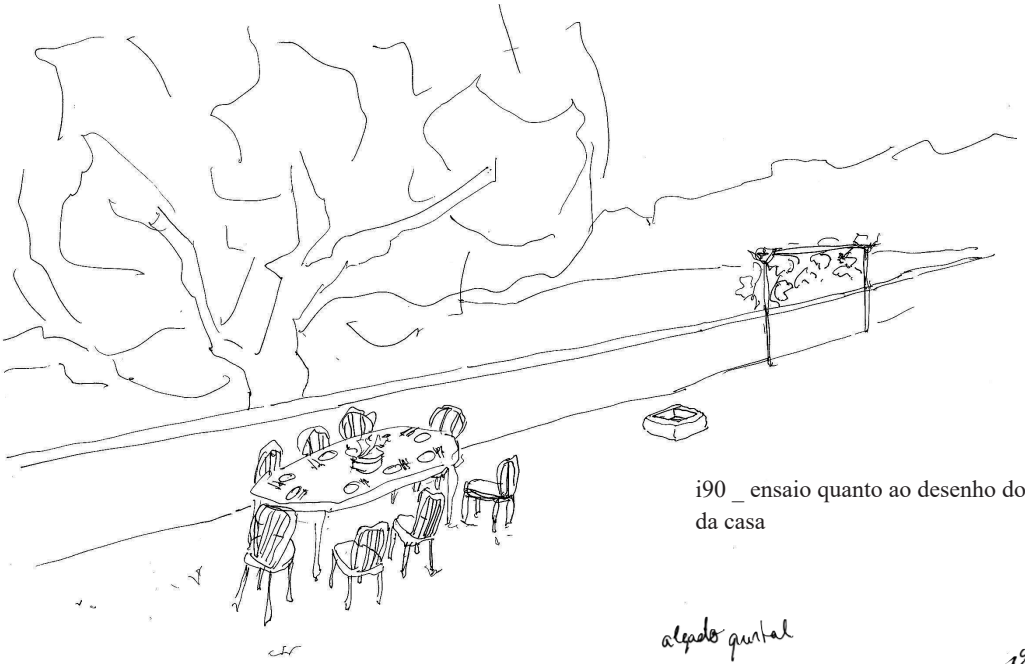
Relembremos o quintal da casa dos avós. Transformado ao longo do tempo, é-nos possível atribuir responsabilidade a cada geração e identificar as diferentes fases do espaço exterior: o quintal.

Num primeiro tempo, o quintal acedido por dois diferentes portões, um no topo nordeste da casa dos avós e outro entre a anterior casa do trisavô Correia e seu palheiro, permitiam entrar para um espaço onde se guardava a lenha, encostada à fachada sul da casa do trisavô, e onde a existência de um cabanal possibilitava o abrigo da anterior dorna. Ao lado desta construção era deixado um espaço livre para que no verão se fizesse ali a malha. Ao fundo do quintal as videiras cobriam, levantadas do chão, toda aquela área desde a casa da Maria, como hoje a conhecemos, ao muro de xisto que dividia as parcelas agrícolas. Na parcela agrícola imediatamente abaixo deste muro, em 1932 é erguido o pombal no lado oposto à casa e cultivado nesse mesmo terreno o milho, a batata e o grão-de-bico entre outros.

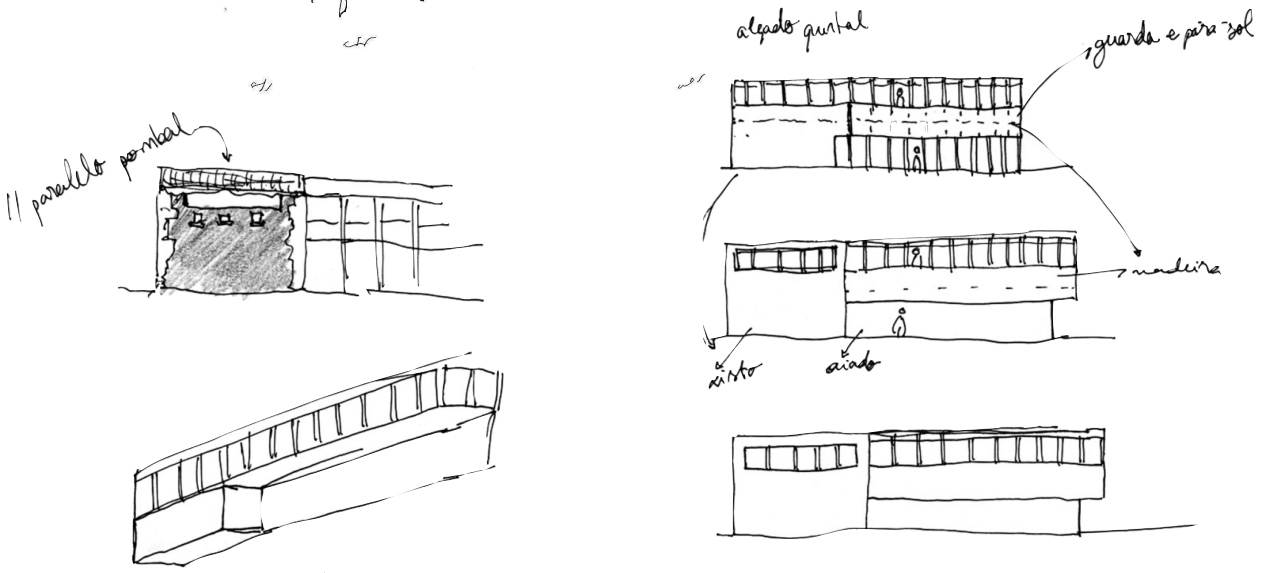
Em 1977 o quintal é dividido pelos irmãos e dado a cada terreno o seu próprio portão. Reduzido o conjunto herdado, o resto do quintal mantem mais ou menos o mesmo desenho. Surge, porem, junto do muro central, uma nogueira. Da mesma forma, o pombal deixa de ser utilizado, começando aí a degradação desta construção.

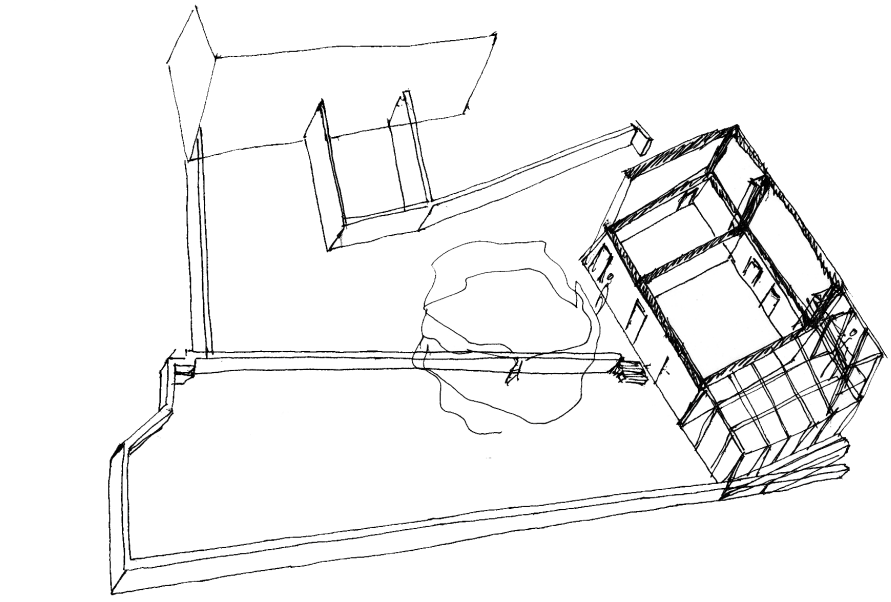
---

[63] FERNÁNDEZ-VILLALOBOS, Nieves. (2012). Utopías domésticas: la casa del futuro de Alison y Peter Smithson. Fundación Caja de Arquitectos. Barcelona. P. 84
El sentido de pertenencia a un lugar podía darse mediante la posesión de un pequeño trozo de territorio: un patio, un jardín en el interior de la vivienda, o bien un territorio mayor al que pertenezca esta. Habíamos comprendido que el sentimiento de identidad de las personas estaba relacionado directamente con el sentido de posesión de una parte de territorio inviolable…



i90 _ ensaio quanto ao desenho do espaço exterior da casa





Entre esta segunda e uma terceira fase, com maior expressão em 1992, aquando do licenciamento da obra na casa dos avós, o quintal, tal como a casa, são palco de algumas transformações. No quintal, a nogueira anteriormente referida cresce e ao fundo do quintal, separado pela roupa que se pendura no estendal exterior da casa, o anterior espaço das videiras é ocupado por algumas árvores de fruto, flores e por uma pequena horta. Na parcela agrícola imediatamente abaixo do muro de xisto mantem-se o cultivo de milho, batatas e grão-de-bico, existindo rotação das culturas. Por vezes, no verão, a parcela era ocupada por ovelhas que por ali pernoitavam para estrumar a terra.

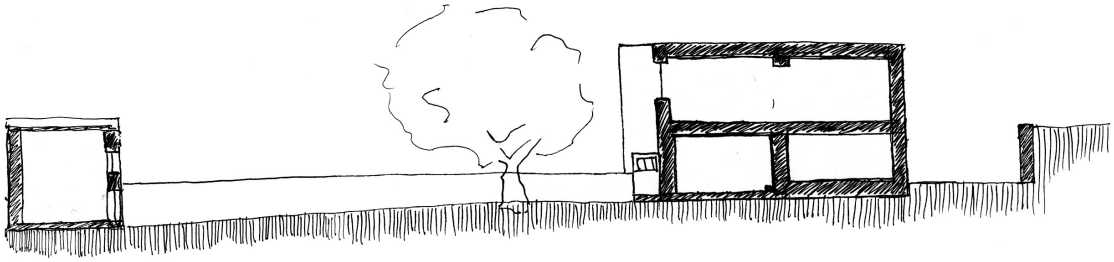
Contudo, hoje, no quintal apenas sobrevivem algumas árvores de fruto. A horta desapareceu. A roupa deixou-se de estender no exterior. A lenha, que ainda durante algum tempo ocupou a sombra da nogueira, é guardada no espaço imediatamente abaixo da varanda da cozinha e no forninho e quintal da casa que foi do bisavô Inocêncio. O anterior pombal, em progressiva degradação, é invadido por silvas que crescem espontaneamente. E, ao invés da anterior vida, o quintal é ocupado pelos carros da família que se multiplicam estacionados à sombra.

Neste sentido, nos primeiros desenhos é projetado um espaço exterior de encontro vicinal, a que damos o nome de sala de verão, uma vez servir para a reunião ao fresco, protegidos pela sombra do pinheiro. Antecedendo a entrada na casa, para a definição deste espaço importou tanto o desenho de um novo muro, como, por vezes, a projeção de um novo volume, que pudesse ora acomodar um espaço de garagem, ora acomodar um espaço à luz de uma cozinha tradicional. Por essa razão, a presente paragem estrutura-se a partir da aproximação ao espaço exterior da casa: o quintal – o muro, a nogueira, a horta, a piscina e da varanda são os títulos que introduzem as várias componentes problematizadas no decorrer do desenho deste lugar no projeto da nossa casa.

Em algumas propostas, não deixámos de pensar uma hipotética aquisição e transformação de casas e terrenos vizinhos, que nos permitiu projetar um novo volume e, por vezes, estendal exterior, como remate da já mencionada sala de verão, que eventualmente pudesse acomodar um espaço de arrumação de lenha ou para o estacionamento de automóveis.

Na maioria das soluções projetadas procura-se reabilitar o anterior pombal, ora como espaço para churrasco, ora como casa de fumeiro, ora como espaço para acolher os descendentes desta família. Da mesma forma, ao desenho do quintal importou dar continuidade a algumas arvores de fruto existentes, como as duas nogueiras, a pereira, a macieira, o cedro e o pinheiro manso. Optando-se pelo abate das duas cerejeiras, já em estado de degradação.

Multiplicando-se os lugares do fogo, no projeto da nossa casa não deixámos de ensaiar o desenho de uma lareira exterior que permite pensar uma zona de churrasco no exterior diferente daquele que aproveitava a estrutura do anterior pombal. Na maioria das propostas, este lugar do fogo é projetado junto das paredes exteriores de xisto da casa-mãe, estendendo o calor do interior para lá do continente.



o muro

Constituído por duas camadas, de xisto, este muro erguido com 70 centímetros de espessura é certamente anterior ao volume continente da casa-mãe. Organizador da parcela agrícola, o muro serve de contenção ao terreno em socalcos e limite à propriedade. Encerrando o quintal e o volume da casa, o muro, dispositivo primário para a definição do espaço, distingue domínios, o espaço público do espaço privado. Neste sentido, ao projeto da nossa casa importou explorar o seu contributo na relação entre espaços. Com a estabilização de uma eventual proposta de intervenção o desenho do muro interior da casa, que sobe até à cobertura, ganha relevo, uma vez agregar em si o bloco vertical, como as escadas ou as chaminés.

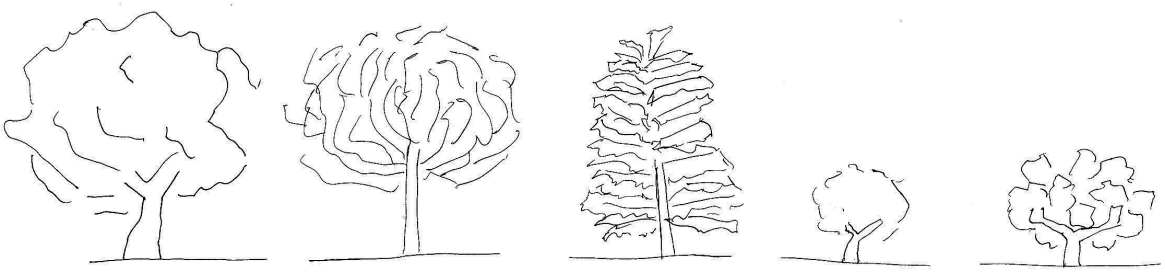
a nogueira

> *A ávore é uma forma feita de luz solar, dos minerais do solo e subsolo, de água, e ademais vive no tempo, cresce e transforma-se. A palavra árvore evoca uma certa ideia de forma com uma inerente capacidade de transfomação e de metamorfose. A casa junto à arvore transforma-se ao transformar a sua imagem quando a ávore cresce ou simplesmente quando a luz tansforma o jogo de luzes e sombras que esta filtra e pelo ciclo anual [...] A árvore é como um obstáculo que resplandesce no curso dos elementos e assim também a casa a seu lado.* [64]

Há qualquer coisa de inquietante quando pensamos na idade das árvores. Na idade adulta são como pais ou avós. As raízes são profundas e conferem à árvore estabilidade e chão, brotando da terra quando não encontram espaço. O tronco ganha corpo. E a copa dimensão. Portadora e aglutinadora de vida, a árvore enfatiza a pertença a um lugar, estabelecendo uma relação vertical entre céu e terra.

[64] MARTÍNEZ SANTA-MARIA, Luis. (2004). *El árbol, el camino, el estanque, ante la casa*. Caja de Arquitectos. Barcelona. P. 9
El árbol es una forma hecha de luz solar, de los minerales del suelo y subsuelo, de agua, y además vive en el tiempo, crece y cambia. La palabra árbol evoca una cierta idea de forma con una inherente capacidad de transformación y de metamorfosis. La casa junto al árbol cambia al cambiar su imagen cuando el árbol crece o simplemente cuando la luz transforma el juego de luces y sombras que éste filtra y por el ciclo anual arropando más o menos aquella estampa dual. El árbol es como un escollo que resplandece en el curso de los elementos y así también la casa a su lado.

i91 _ corte longitudinal do quintal | relação da nogueira e do muro com a casa



Na casa dos avós, apesar da existência de outras árvores, é a nogueira junto da casa que melhor traduz a passagem do tempo e das estações. Sob sua proteção, procura-se a sombra, para aí ora se estacionar os carros, ora para se estender a mesa no quintal, tornando-se ela mesma um lugar. Neste contexto, no projeto da nossa casa procurámos dar continuidade a este elemento, fundador da ordem, que enriquece o nosso mundo sensorial e nos enraiza no curso do tempo.

a horta

Referenciada anteriormente quanto ao desenho dos espaços com a cozinha e a entrada, uma vez a ligação à terra desta família, aproximamo-nos aqui ao espaço exterior: a horta. Se a anterior casa dos avós viveu da sua profunda relação com a terra, rodeando-se de várias parcelas agrícolas para cultivo de milho, batatas ou feijão verde, por exemplo; a casa atual vê hoje estes terrenos herdados ao abandono, onde ervas de crescimento espontâneo cobrem o chão não lavrado, perdendo, a família, de certo modo, a quotidiana ida à horta, uma vez a alteração da realidade desta casa-mãe.

Não obstante, no projeto da nossa casa, procurámos reabilitar o espaço da horta, conscientes de que esta precisa de tempo e cuidados diários, de forma a tirar alimento da terra. De igual modo, salientamos o ensaio quanto à sua posição no terreno, uma vez ser condição essencial encurtar a distância entre espaço interior e espaço exterior. Muitas vezes projetada no topo noroeste ao fundo do quintal, a horta dentro de muros é pensada, sobretudo, para autossustento desta família, privilegiando, por isso, culturas como a do tomate ou a da cebola, que convivem em paralelo com as árvores de fruto pré-existentes. Pelo contrário, outras culturas como a das batatas, que requerendo mais espaço, são pensadas já fora do terreno que se quer murado.

a piscina

Pensada de forma a ganhar a melhor exposição solar, a piscina surge no desenho do projeto da nossa casa como resposta a um sonho e intensão da família. Neste sentido, ocupando o espaço ao fundo do quintal na parcela agrícola hoje vazia, nos primeiros desenhos a piscina é projetada como um conjunto de tanques de rega, por vezes, tirando proveito do anterior pombal, que serve como espaço de apoio. Com o desenrolar do projeto o desenho da piscina é reajustado, uma vez o seu anterior desenho sobredimensionado. Na procura de maior privacidade da piscina em relação aos campos agrícolas vizinhos e à rua é projetado um novo volume, que surge como extensão da casa-mãe. Recordemos a obra Casa Alcino Cardoso de Álvaro Siza Vieira e a piscina projetada.

i92 _ identificação das árvores existentes | nogueira | pinheiro manso | cedro | macieira | pereira

[...] a piscina, projectada mais tarde, foi desenhada como uma ruína inventada a partir da memória de muitas coisas próprias da paisagem minhota e outras paisagens e mostra-se como um intermediário entre o novo e o antigo ou como uma síntese impossível [...] [65]

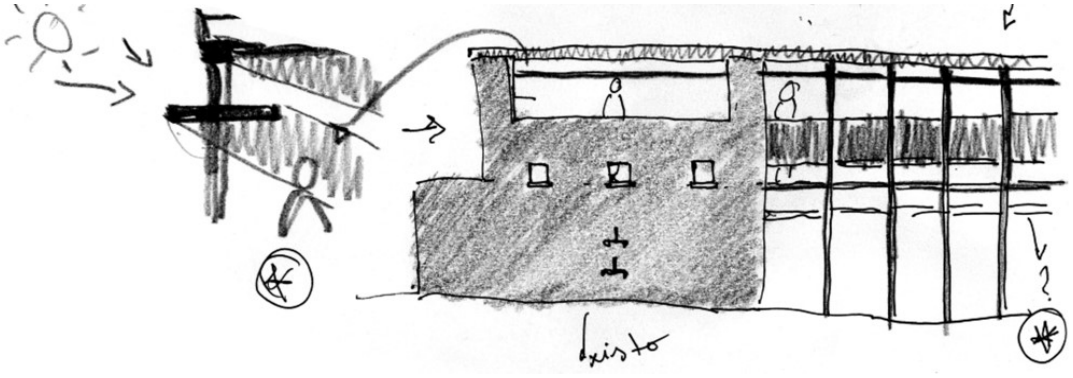
da varanda

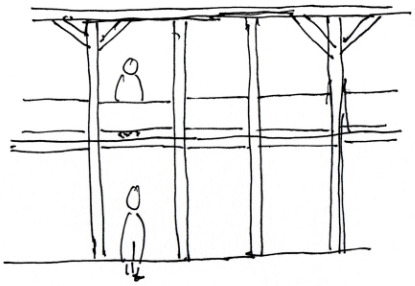
Na casa dos avós existem duas varandas. Uma primeira à porta de entrada na casa, que prolonga o passo de quem chega. E uma segunda, que acedida a partir das salas de estar e de jantar, se vira sobre um pequeno largo e para o sol, servindo de agasalho no inverno e de refúgio ao fresco nas noites quentes de verão.

Preocupados em dar resposta a um conjunto de intensões da família para o desenho deste espaço, nas primeiras propostas procurámos fazer unir as duas varandas existentes, o que permitiria a circulação exterior entre os vários espaços da casa. Em paralelo, ensaia-se o possível alargamento da varanda no topo oposto à entrada, para que eventualmente ali se possa comer e ainda o desenho do piso térreo resultante do desenho da varanda, ora sobre pilares, ora em consola.

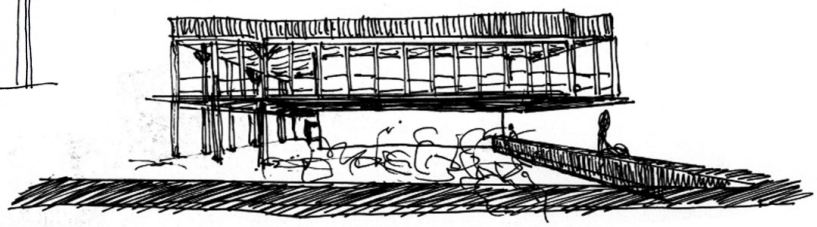
Com a estabilização do espaço dos quartos no piso superior da casa, desaparece o desenho da varanda, que deixa de fazer sentido, uma vez os espaços comuns localizarem-se no piso térreo. Volta depois a surgir como remate da fachada que se vira sobre o quintal. No desenrolar do projeto da nossa casa, a varanda recupera a sua posição original, no topo oposto à entrada, virada sobre o pequeno largo, como extensão e encontro entre o espaço interior da casa, nomeadamente de uma projetada sala de família, e espaço exterior. Em algumas propostas, a possibilidade de fechar este espaço, ora com cortinados, ora com portadas de madeira, ora rodeando-se de plantas, permite pensar a varanda como mais uma habitação. Do namoro entre a rua e a varanda projetada ensaia-se o desenho de uma escada como encontro entre estes dois espaços.

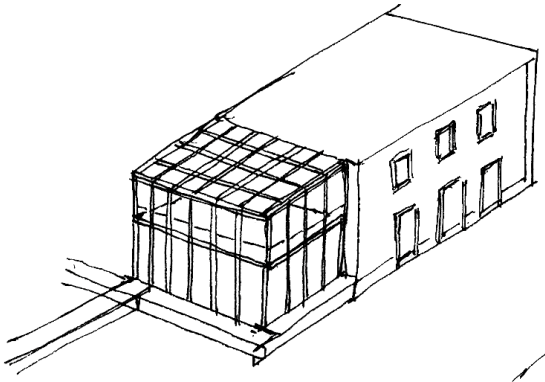
[65] SIZA, Álvaro. (1986). "Casa Alcino Cardoso em Moledo do Minho 1971", in Álvaro Siza casas 1954-2004. P. 72.

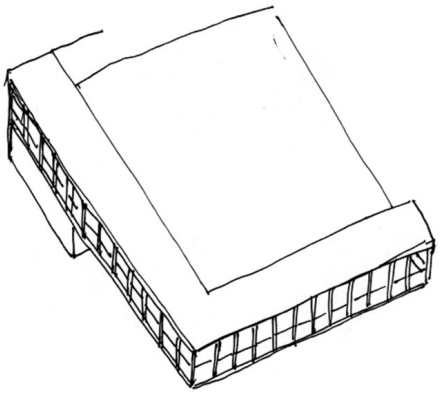


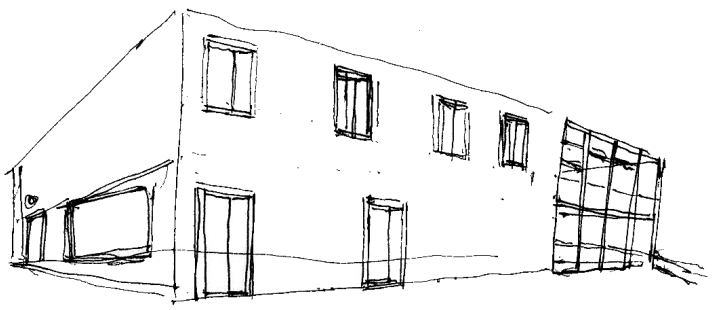


i93 _ experiências de desenho quanto ao espaço da varanda









outras habitações

Reconhecidas da pré-existência outras habitações, em avançado estado de degradação, que da casa-mãe são parte, no desenvolvimento do projeto da nossa casa procurámos dar resposta às necessidades e gostos de uma família. Neste sentido, nesta paragem aproximamo-nos a vários aspetos quanto ao desenho e uso destas casas, dependentes da primeira, com ligação à terra, que se quer ver crescer. Interessou-nos, por isso, repensar estes outros espaços da casa a partir da circunstância pré-existente, reconhecendo problemas e oportunidades, com o intuito de atualizar estes lugares e de os fazer trazer para uma nova realidade.

Quais os problemas que podemos apontar relativos ao desenho e utilização das outras habitações existentes? Quais os desafios e preocupações que queremos ver ultrapassados num eventual novo desenho destes lugares? Qual o desenho e uso que vamos potenciar nestes espaços? Qual a relação que estas outras habitações estabelecem com a casa-mãe? Que posição assumem na organização da casa?

Se a casa dos avós, casa-mãe, viveu de outros espaços como o pombal, o cabanal, o palheiro, o forninho, a galinheiro e de outras casas, anteriormente referenciadas, a casa atual, decorrente da sua nova realidade, vê hoje estas outras habitações descaracterizadas e em avançado estado de degradação, dependendo, em grande medida, do piso térreo do volume principal, para dar resposta às necessidades de uma família que tira rendimento da sua relação com a terra. Neste contexto, no projeto da nossa casa procurámos dar resposta a diferentes aspetos quanto ao modo de habitar de uma família, em crescimento, e com ligação à terra e costumes que herdou, mas que já não é a primeira ou anterior casa.

Nos primeiros desenhos, fruto das intensões desta família, ensaiámos, embora que timidamente, a reabilitação do anterior pombal, de forma a dar resposta a um espaço de cozinha exterior, ainda afastados do desenho de uma cozinha tradicional. Com o decorrer do projeto, surgem outras casas como a garagem e o abrigo da lenha. Por essa razão, a presente paragem estrutura-se a partir da aproximação a estas outras habitações: garagem, filhos dos filhos, o terceiro, casa do caseiro, casa do fumeiro e casa da lenha são os títulos que introduzem os problemas com que nos confrontámos no decorrer do desenho destes lugares no projeto da nossa casa.

garagem

Já evidenciada anteriormente em chegar de carro, o espaço da garagem constituiu um dos primeiros temas de desenho no projeto da nossa casa, nomeadamente quanto ao modo de entrar em casa. Se numa primeira casa, os carros de bois eram guardados ao abrigo do cabanal, com a introdução e influência de modelos estrangeiros, o espaço da garagem surge nas novas casas ao nível do piso térreo, denunciado por um portão de dimensões suficientes para que seja permitido o acesso de automóveis ao interior da casa, solução que não deixamos de ensaiar.

Neste contexto, também as casas existentes, verificando-se o desuso generalizado das lojas do piso térreo, deixam-se contaminar por esta solução, sendo a casa do bisavô Inocêncio resultado dessa mesma influência. Contudo, o insuficiente espaço, apenas para um carro, o avançado estado de degradação desta casa e a distância ao volume casa-mãe dificultam o abrigo de três carros da família, que, por isso, estaciona no quintal junto ao muro central e à sombra da nogueira.

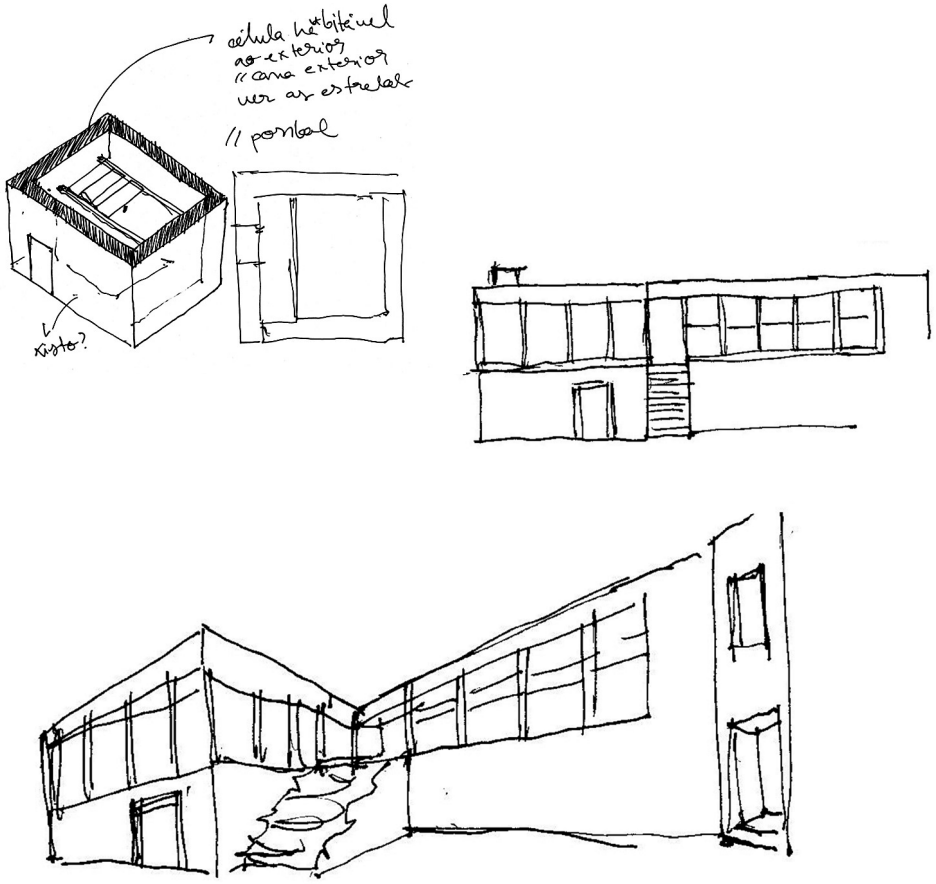
Por estas razões, no projeto da nossa casa, a garagem surge no desenho, de forma a dar resposta a um pedido específico – o abrigo de três a quatro carros da família – constituindo, deste modo, uma parte do todo casa-mãe. Quanto à posição, como já referenciado, é privilegiado muitas vezes o topo noroeste do volume principal, como remate do quintal, com o objetivo de libertar o espaço central do mesmo, antes ocupado. Noutras soluções, contudo, projetamos a reabilitação do anterior espaço de garagem desta casa.

filhos dos filhos

Preocupados em dar resposta a uma família que se prevê crescer, no projeto da nossa casa procurámos ensaiar soluções que permitissem acolher os filhos e descendentes desta família. Se nos primeiros desenhos são projetados dois espaços na reconstrução do anterior pombal, com o desenvolvimento do projeto e estabilização de uma eventual proposta de intervenção estas outras habitações surgem noutras casas pertencentes ao conjunto herdado, como o forninho e a casa de cima, hoje demolida. Pensadas como habitações satélite da casa-mãe, a estas casas dos filhos dos filhos importou o desenho de mais um espaço da casa, que sem cozinha, vive intrinsecamente ligado ao volume principal. Confrontados com o projeto que os avós tinham para o terceiro, não deixámos, de pensar o piso de acesso à cobertura da casa-mãe onde procurámos ensaiar o desenho de dois espaços mais recolhidos, que com um programa livre, permitem dar teto a um futuro desta família.

casa do fumeiro

Se nos primeiros desenhos este espaço toma o lugar do anterior pombal, que se converte numa casa de fumeiro na época dele e numa zona de churrasco nos períodos mais quente do ano. Com o desenrolar do projeto, este espaço funde-se com a ideia de projeto de um espaço à luz de uma cozinha tradicional, que antes estava a ser projetada no interior do volume casa-mãe e que é posteriormente alocada ao exterior do volume continente, uma vez identificarmos diversos problemas quanto ao uso de uma lareira aberta, nomeadamente quanto à concentração de fumo. Ora inserida num novo volume que remata o topo norte do quintal, ora localizada numa das outras casas pertencentes ao conjunto familiar herdado, nomeadamente o forninho, na casa do fumeiro, um dos lugares do fogo da casa, ver-se-ão os potes de ferro arrumados junto à lareira, que aberta, permite ao fogo e ao fumo cozinhar as alheiras penduras no varal imediatamente acima. Mais do que a recuperação nostálgica do desenho deste espaço da casa, importa reabilitar e dar continuidade a uma tradição ainda viva.



i94 _ desenho de outras habitações | casa dos filhos dos filhos

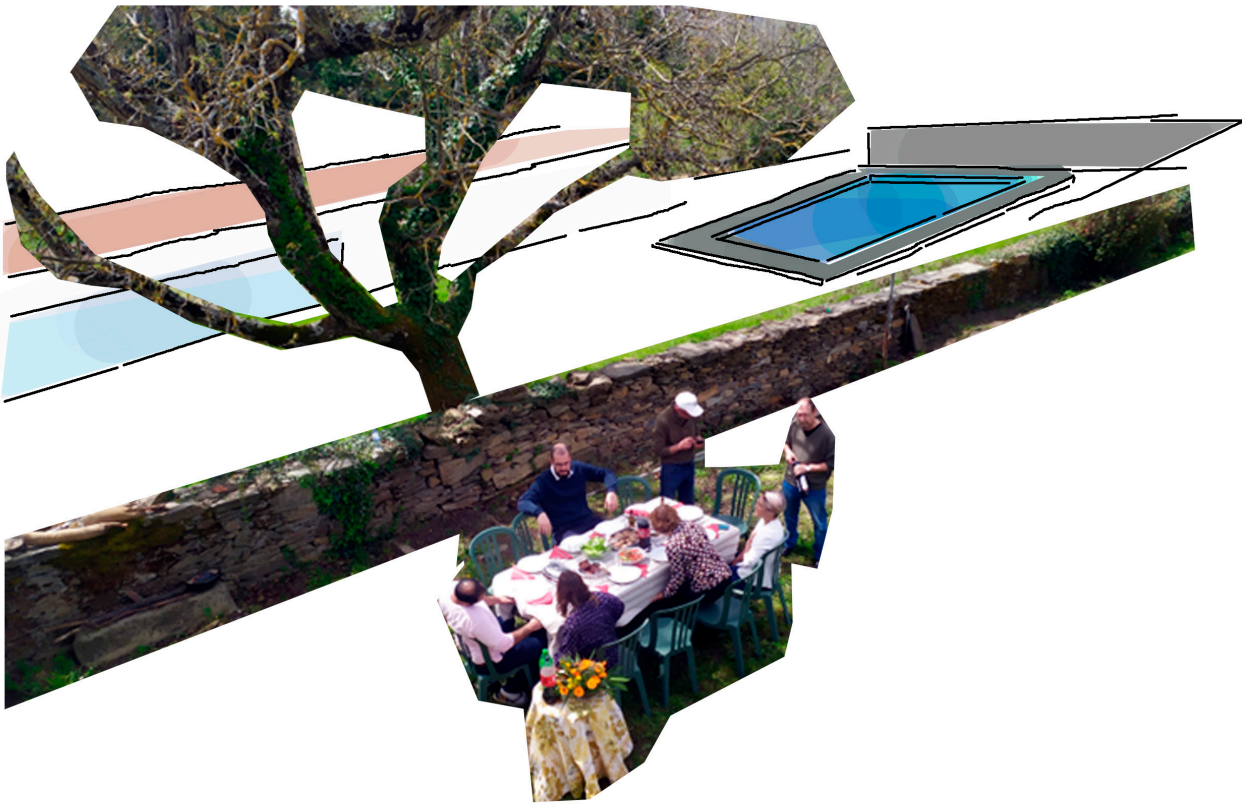
casa da lenha

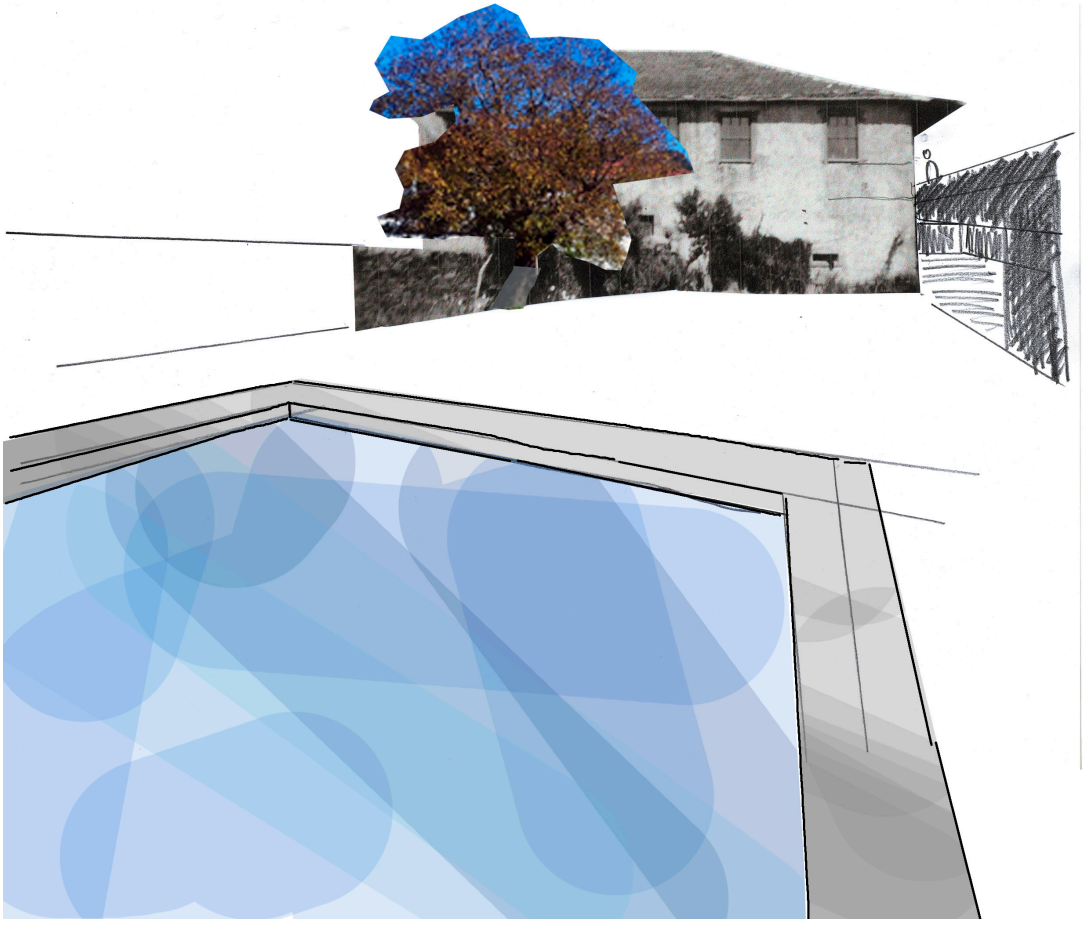
Na casa dos avós a lenha recolhida é guardada hoje no espaço que antecede a adega do lado norte, debaixo da varanda de entrada, tendo tido ao longo do tempo outros lugares. Caso exceda o seu limite, a restante lenha é guardada ora no forninho, ora nos anteriores espaços de galinheiro Neste contexto, no desenvolvimento do projeto da nossa casa preocupou-nos dar resposta, uma vez dada a quantidade de lenha recolhida, a um espaço dedicado ao seu armazenamento. Se nos primeiros desenhos este espaço é pensado como remate do piso térreo do lado norte, com o desenrolar do projeto o desenho desta casa de lenha é temporariamente suspenso para com a consolidação de uma eventual proposta de intervenção ser novamente trazido no desenho de um novo volume, ora no corpo que se estende ao longo do quintal, ora no volume que encerra o topo norte da casa. A esta outra habitação importa chegar de trator e a distância ao volume casa-mãe que serve.

casa do caseiro

Se a casa dos avós, fruto de uma profunda relação com a terra, viveu de outros espaços que permitiam acolher os vários trabalhadores agrícolas, no projeto da nossa casa, uma vez alterar-se a realidade desta família que se refugia em Edroso no período de férias, preocupou-nos dar resposta a um tímido pedido, o projeto de uma outra casa, destinada ao indivíduo e família, responsável pelos trabalhos do conjunto herdado. Ora no desenho de um novo volume que se estende ao longo do quintal, ora na reconstrução da anterior casa do bisavô Inocêncio, a esta casa do caseiro importou chegar de trator e a distância ao volume casa-mãe que serve, assim como, a relação com outras dependências da casa, nomeadamente com a casa da lenha, casa do fumeiro e garagem.

eis a nossa casa!





Motivados pelo valor sentimental e pelo facto de poder vir a ser um projeto concretizável, aproveitou-se o presente momento que encerra um ciclo para refletir sobre a casa dos avós, objeto de estudo e pretexto para o desenrolar do projeto, que também é dissertação.

Com o objetivo desenvolver aquilo que eventualmente possa ser um exercício de projeto de arquitetura, na condição de futuro arquiteto, da oportunidade de despertar e dinamizar um projeto para a casa dos avós que potencie a sua materialização e obra, quis-se fazer dissertação. Foi, por isso, importante encontrar unidade e medida para criar condições para o desencadear do projeto. Neste sentido, a construção da presente dissertação-projeto – produto mix, interseção, cruzamento – pretendeu, com o projeto, refletir sobre vários tipos de atitude perante um edifício que tem vontade de continuar a existir. Remexendo num passado vivo com carinho, inquietou-nos pensar um seu futuro.

Neste sentido, numa primeira e extensa fase de trabalho, o desenvolvimento da presente dissertação estruturou-se a partir da recolha de informação acerca do objeto de estudo. Reunimos, por isso, fotografias, desenhos, cartas e documentos que nos ajudaram a caracterizar a circunstância. À conversa com a avó e revisita às nossas memórias de infância e experiências vividas, dentro de um universo próprio, estabelecemos o percurso da casa. De igual modo, o desenho e os levantamentos topográficos cedidos, em formato dwg, pela Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros permitiram-nos o reconhecimento e reconstituição deste lugar. Procurámos, desta forma, dar notícia do existente e perceber a sua origem e evolução, através das diferentes vozes da casa.

Socorremo-nos, aqui, de alguma bibliografia para melhor compreender e comunicar a casa. Arquitectura Tradicional Portuguesa, de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, permitiu-nos a revisitação a um legado cultural e, consequentemente, às origens da casa dos avós. Arquitectura humana: meio rural do alto nordeste transmontano, uma dissertação de mestrado republicada, ajudou-nos a caracterizar a paisagem atual e identificar as principais e diferentes transformações registadas em casas de origem na tradição popular. Por fim, a obra de Miguel Torga ajudou-nos a retratar uma identidade e vivências culturais de um lugar profundamente ligado a nós.

Paralelo ao reconhecimento e aproximação ao lugar, expusemos o nosso compromisso com a expetativa de valorizar um património herdado. Na tentativa de estabilizar aquilo que poderia ser um eventual problema de dissertação, e depois de designadas as informantes do projeto, foi realizado um inquérito escrito à família, de forma a compreender o significado daquela casa para cada um dos seus habitantes. Expressa em dois polos ambíguos, a análise posterior dos resultados revelou-nos a casa dos avós, entre casa de infância e casa de sonho.

Por conseguinte, aproveitámos a presente circunstância para ensaiar e fazer dinamizar um projeto, que através do desenho, lança diferentes estratégias de intervenção para que se efetive a essa mesma vontade de continuar a viver aquele edifício. De igual modo, importou dar resposta às necessidades e intensões de uma família, que tem presente a memória da primeira casa, mas que, nem por isso, desvaloriza a atualização dos espaços, das funções programáticas, ou das noções de conforto ou sociabilização, entre outros aspetos. A fuga de

considerações finais

Lisboa e o retiro para Edroso deram ênfase à possibilidade de um eventual projeto de uma casa de férias para o reencontro desta família.

Admitida uma componente prática, numa segunda fase de trabalho, a recolha desta informação permitiu-nos partir para o projeto com alguma confiança. Fixadas e objetivadas as premissas, correspondentes às variáveis fundadoras, entre experiência e experimento, ao invés de demolir ou de assumir a manutenção com vista a preservação e conservação do edifício existente, assumimos uma estratégia de intervenção que vem, sobretudo, questionar o interior da casa. Ao invés da tabula rasa, ensaiámos antes uma intervenção que procura manter a estrutura existente como princípio projetual, assumindo, por isso, o continente, como se fosse uma caixa quase intocável. Sem deixar de assumir novos movimentos, procurámos o ensaio de uma intervenção que teve em vista o prolongar e continuidade daquilo que caracteriza e define uma identidade familiar.

Memória e identidade, surgiu como resposta à pergunta: Como estender vida de um edifício que tem vontade de continuar a existir? Expusemos, por isso, elementos e símbolos que caracterizam uma eventual identidade da casa. Em boa verdade, importou compreender de que forma a pré-existência pode ser valorizada, e quais as componentes que permitem a sua continuidade. Reconhecida a insuficiência do volume pré-existente para responder às necessidades atuais, gostos e intensões de uma família, hoje, compósita, que vive de memórias de uma anterior casa, em programa procurámos delimitar e fazer evoluir um projeto de uma casa de férias. Reconhecendo problemas e oportunidades da pré-existência, procurámos acrescentar e potenciar novos espaços, novos usos, novos materiais e métodos construtivos, entre outros aspetos.

De seguida, apresentámos, o quanto possível, algumas notas sobre a evolução do projeto, de forma a esclarecer o(s) problema(s), sempre em teste, com que nos confrontámos e, de modo, a dar pistas para o que prepusemos como uma hipotética estratégia de intervenção para o edifício existente. Aproximámo-nos, aqui, da casa em construção e do desenho dos seus diferentes espaços interiores e exteriores: entrar em casa, cozinha: coração da casa, lugar do fogo, subir e descer escadas, dormir, exterior: o quintal títulos que anunciaram os desafios e oportunidades que contribuíram para o desenho da nossa casa.

Como possível síntese, em eis a nossa casa! apresentámos o projeto, ainda em aberto, através de colagens que nos dão uma imagem daquilo que poderá vir a ser a nossa casa. Do projeto, da análise e da identificação de problemas, aproximamo-nos do desenho de uma estratégia de intervenção que procura despertar a vida da casa dos avós.

Montado o tabuleiro de jogo, o conflito está no diálogo entre o antigo e o novo e na reinterpretação da casa-mãe. Proposto o redesenho do interior da casa, o exercício de projeto implicou um olhar critico sobre o edifício existente que, naturalmente, impõe condicionantes ao desenvolvimento de uma estratégia.

Nesta perspetiva, acreditamos que o desenvolvimento da presente dissertação-projeto cumpre os objetivos iniciais na medida em que configura um possível caminho para uma

proposta de intervenção que dá continuidade ao edifício pré-existente, sem deixar de o atualizar. A partir de um certo registo autobiográfico, do projeto, da análise e identificação de problemas através do desenho procurámos encontrar estratégias e validar argumentos para aquilo que possa vir a ser o projeto da nossa casa. Reinterpretada a casa-mãe, acreditamos que a presente dissertação-projeto contribuí, não só para o desenvolvimento de proposta de intervenção de um projeto que pode culminar na sua materialização, mas também para uma reflexão critica sobre arquitetura. Entre realidade e sonho, ensaiámos a flexibilidade do volume, sempre em teste, desdobrando-se em diferentes formas de apropriação do espaço, com base na experimentação e diálogo entre as partes. Sem pretensão de uma solução final, a ela invariavelmente chegámos, o projeto traduz a história de como fomos revelando a casa, questionando-a quanto às premissas colocadas.

*

De regresso à casa, que nos acolhe, e inquietados desde um início incerto pela mesma, terminamos, agora, para aqueles que acreditam que as coisas têm fim, com o regresso ao processo de construção desta dissertação-projeto. Por conseguinte, reunimos aqui, o quanto possível, pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças, fundamentais na reflexão sobre a casa e sobre uma hipotética estratégia de intervenção num edifício existente, quanto à circunstância atual da casa dos avós, objeto de estudo, determinante para o desencadear do projeto.

Pontos fortes

- manutenção da casa ao longo do tempo

- paredes portantes pré-existentes

- querer viver aquela casa

Pontos fracos

- deficiências na articulação dos espaços interiores da casa

- dificuldade de acesso da cozinha ao espaço exterior

- cozinha com dimensões reduzidas

- deficiências na estrutura do telhado

- desuso e desaproveitamento dos espaços do piso térreo da casa

- número insuficiente de quartos

- deficiência nas canalizações, sistema elétrico e de gás

Oportunidades

- existência de edifícios devolutos com potencial para reconstrução ou reaproveitamento de seus materiais

- revitalização da casa e introdução de novo programa

- melhoria das condições de isolamento térmico e do sistema de aquecimento

- melhoria das canalizações e sistema elétrico

- adaptação dos espaços da casa às necessidades atuais de uma família compósita

- melhoria das articulações dos espaços da casa

- aproveitamento do espaço da cobertura para introdução de quartos

- oportunidade para ampliação da casa existente para desenvolvimento de novo programa e de forma a dar resposta a uma futura geração

Ameaças

- ruína e abandono da casa

- demolição total do conjunto predial herdado

- perda de caráter identitário da casa e da família

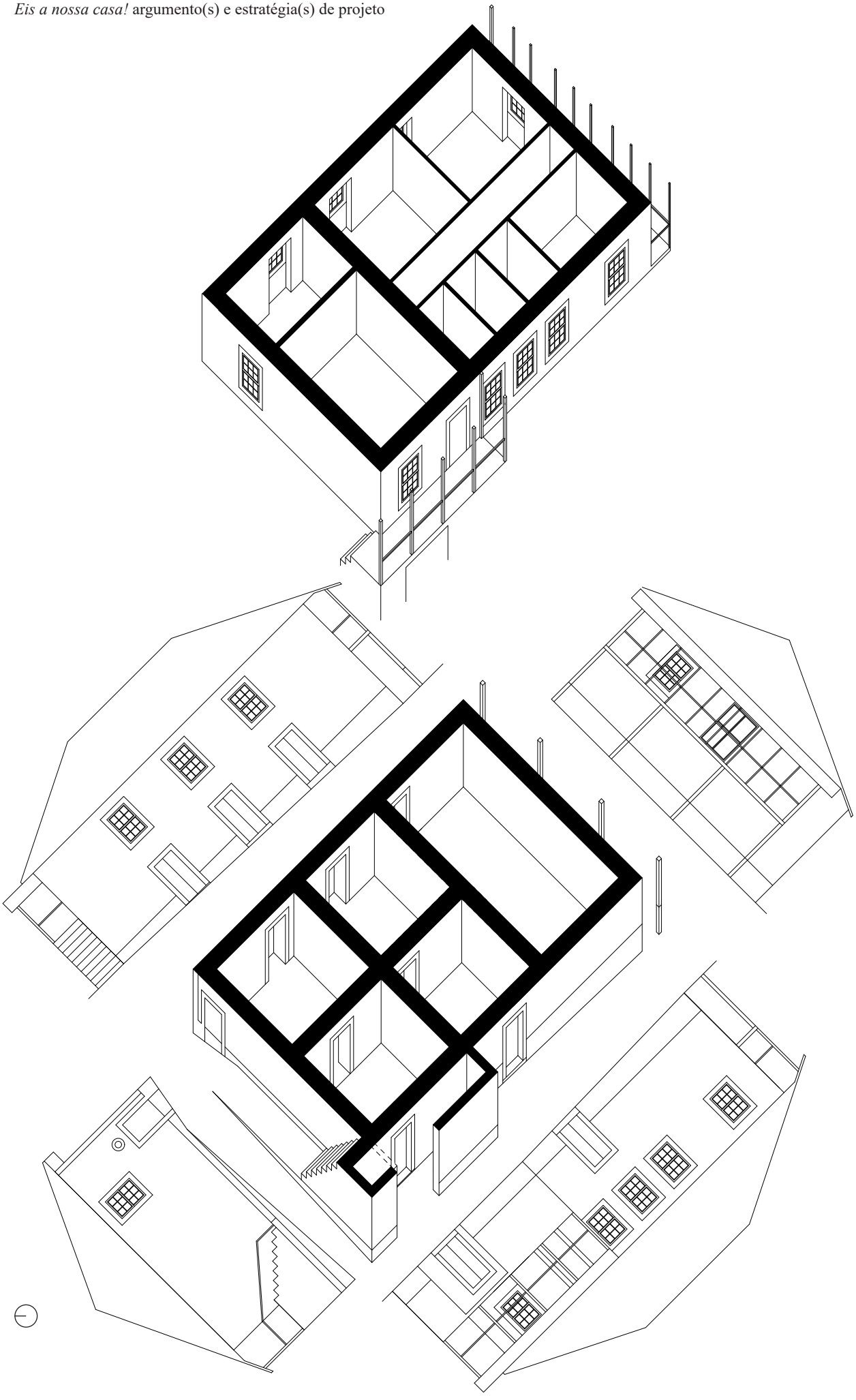
- mais um alojamento rural…

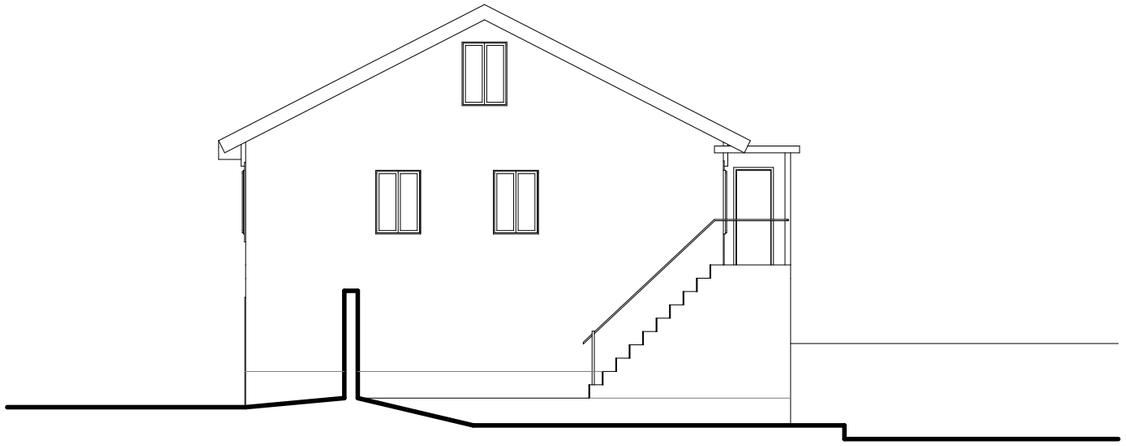
anexos

No seguimento das três estações da presente dissertação-projeto, expomos neste espaço anexos - pontos de apoio para a construção do discurso do projeto. Consideramo-los corpo indispensável ao desenvolvimento do trabalho. Neste sentido, os elementos aqui reunidos são pesquisa e revisita e, por isso, informação que nos ajuda a construir, a dinamizar e a problematizar o projeto da nossa casa.

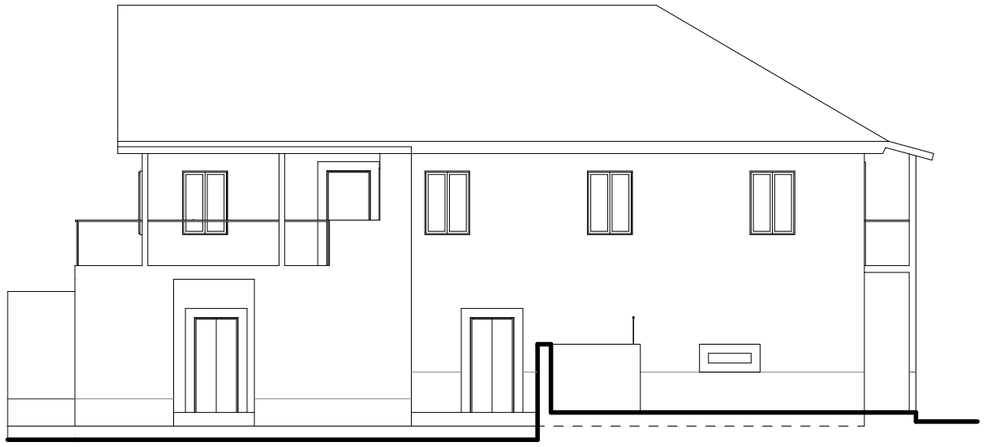
Apresentamos, desta forma, numa primeira parte, a aproximação ao lugar - casa dos avós - a partir de uma cronologia dos principais eventos ocorridos no seio da família, determinante para o desencadear da presente dissertação-projeto. Assim como, alguns pequenos textos escritos pelo autor ao longo do desenvolvimento do trabalho, com sentir nostálgico, a par com o inquérito escrito realizado à família, na procura de significado e compromisso.

Na tentativa de estabilizar aquilo que poderia ser um eventual problema de dissertação, e depois de designadas as informantes do projeto, expomos de seguida o inquérito escrito à família, de forma a compreender o significado daquela casa para cada um dos seus habitantes. Expressa em dois polos ambíguos, a análise posterior dos resultados revelou-nos a casa dos avós, entre casa de infância e casa de sonho.



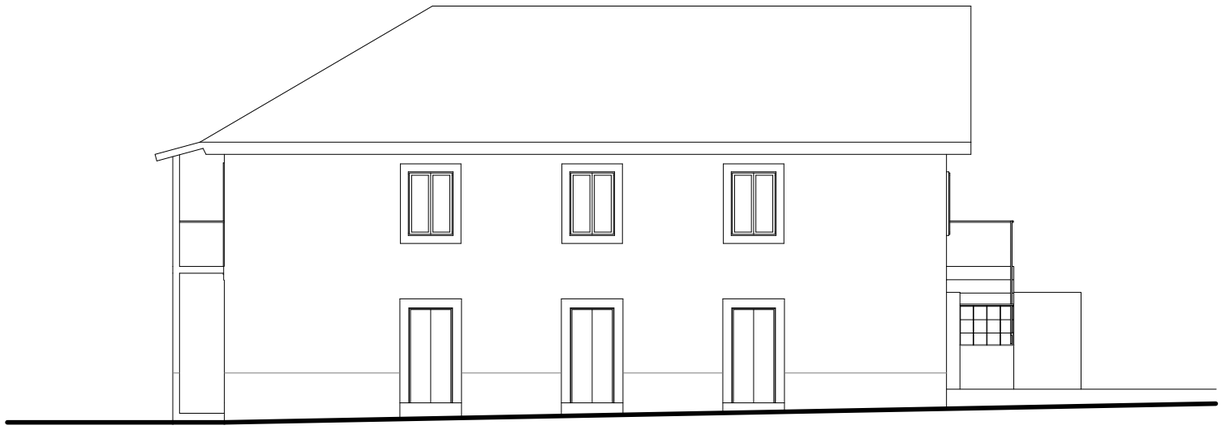


alçado entrada



alçado quintal

alçado largo



alçado rua

←

1882
_Fermentãos nascimento bisavó Maria do Espírito Santo (Loureiro) (Pires) [mãe da avó Helena]
1886
_Edroso nascimento bisavô Francisco António Correia [pai da avó Helena]

1893
trisavô Francisco Bernardino Correia muda-se de Edroso para o casal da Arrifana para ficar mais perto de Macedo de Cavaleiros onde era Presidente da Câmara

1904
_Edroso nascimento bisavó Antónia de Jesus Domingues [mãe do avô Armando]

1907
_Edroso casamento bisavós Maria e Francisco Correia | ocupam casa do trisavô Correia

1946
falecimento trisavó Luísa Joaquina Fernandes **Bagueixe_**

1953
casamento avós Helena e Armando | ocupam casa de cima **Edroso_**

1962
_Edroso instalação de rede de águas a algumas casas da aldeia [casa trisavô Correia, casa bisavô Inocêncio, casa bisavô Correia (casa dos avós), casa de cima]

1974
vinda do pai Olegário e família para Portugal | 25 de abril **Portugal_**

1975
Edroso_
substituição das janelas do lado da rua da casa do bisavô Correia [casa dos avós] com madeira das anteriores

1976
falecimento bisavô Francisco António Correia | acertos de propriedade e partilhas **Edroso_** [casa do bisavô Correia é agora nomeada casa dos avós]

1977
_Edroso construção do muro entre a casa do trisavô Correia e a casa dos avós | empreitada realizada pelo avô Armando

1978
_Edroso obras de atualização da casa dos avós | reconfiguração do espaço da cozinha | reconfiguração e reforço da estrutura do telhado | empreitada realizada pelo avô Armando

1984
_Edroso falecimento bisavô Antónia de Jesus Domingues | avô Armando regressa definitivamente de França

1999
Edroso_
substituição do mobiliário de conjunto da cozinha por novo [atual] | mobiliário substituído equipa adega do lagar

2001
_Edroso substituição das janelas da casa dos avós [atuais] | janelas substituídas são guardadas no forno | substituição dos azulejos das paredes da cozinha e do pavimento

2020
falecimento da avó Helena **Lisboa_**

2019
falecimento da avô Armando **Lisboa_**

1900 1910 1920 1930 1940 1950 1960 1970 1980 1990 2000 2010 2020

1903
_Edroso
nascimento bisavô Inocêncio dos Anjos Pires [pai do avô Armando]

1923
construção da casa do bisavô Correia [casa dos avós] **Edroso_**

1924
Edroso_
nascimento avó Helena | bisavós Maria e Francisco Correia e seus seis filhos mudam-se da casa do trisavô Correia para casa do bisavô Correia [casa dos avós] | casa do trisavô Correia é ocupada por trabalhadores agrícolas da casa

1930
nascimento avô Armando **Pombares_**
falecimento trisavô Francisco Bernardino Correia **Ala_**
acertos de propriedade e partilhas | trisavó Luísa Joaquina Fernandes muda-se da Arrifana para Bagueixe

1932
_Edroso construção do pombal da casa do bisavô Correia [casa dos avós]

1955
nascimento tia Fernanda **Edroso_**

1956
falecimento bisavó Maria Espírito Santo (Loureiro) (Pires) **Edroso_**

1957
nascimento mãe Cristina **Edroso_**

1958
nascimento pai Olegário **Huambo_**
instalação de chupão na cozinha da casa de cima **Edroso_**

1961
nascimento tia Bernarda **Edroso_**

1963
nascimento tio Francisco **Edroso_**
| pombal deixa de ser utilizado | tios-avós João Francisco e Luísa Correia e seus sete filhos ocupam casa do trisavô Correia

1964
_ França avô Armando emigra para Paris, França | nos primeiros anos não volta a Portugal porque não tem a documentação legalizada | regressará, depois, todos os anos no verão e no Natal ou na Páscoa

1969
_Edroso reforço das estruturas das varandas

1969
_Edroso avós Helena e Armando e seus quatro filhos mudam-se da casa de cima para a casa do bisavô Correia [casa dos avós]

1985
Edroso_
casamento pais Cristina e Olegário | avô Armando alcatifa soalho de madeira da sala de refeições da casa dos avós para a cerimónia

1986
instalação de rede de águas e de saneamento **Edroso_**

1992
_Edroso licenciamento da obra casa dos avós |

1994
_Lisboa nascimento irmã Raquel

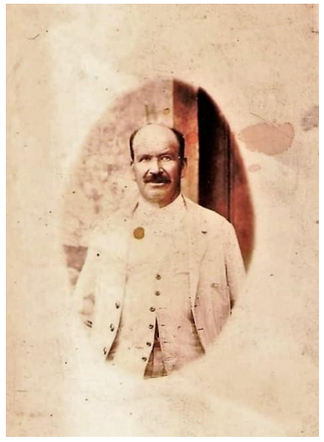
1996
_Lisboa nascimento Carolina [sujeito]

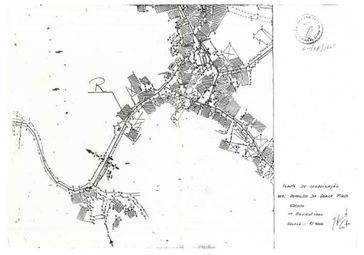
2008
Edroso_
pintura das paredes da cozinha da casa dos avós e arranjo de fissuras exteriores

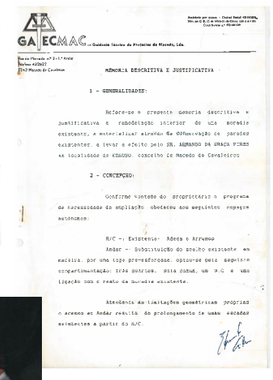
2010
_Edroso instalação de salamandra no lugar da lareira

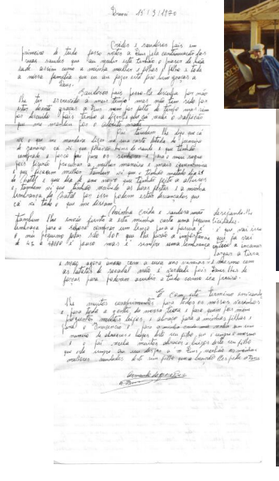
2012
_Limões primeiro encontro da família Correia

2013
avós Helena e Armando mudam-se de Edroso para Lisboa | casa dos avós fica desocupada









INQUÉRITO À FAMÍLIA

Nome completo _____
_____

Data de nascimento _____

Familiares _____
grau de parentesco/identificar avós _____
_____

Morada _____
_____

Profissão/cargo: _____

Por favor responder às questões de imaginação com estímulos sensoriais (visão, olfacto, paladar, facto, audição) Exemplo: Eu imagino uma sala virada para um pátio com muita luz e posso ouvir os pássaros.

Por favor responder às questões sem se comprometerem com um qualquer orçamento financeiro. Imaginar utopias, sem restrições a cenários irrealistas. Desenhar perspectivas de espaços e actividades.

Por favor não comprometer as respostas individuais com o colectivo. A ideia é reunir as diferentes perspectivas válidas.

Por favor utilizar caligrafia percetível.

O inquérito é composto por duas partes:

A Casa

A Casa dos avós em Edroso

Na primeira, procuro saber o modo de vida actual do inquirido, como também o modo de vida expectante.

Já na segunda parte, interessa-me perceber como era a casa em questão, nos vários períodos de tempo. Identificando espaços, habitantes, pessoas que frequentavam a casa ocasionalmente, actividades e eventos marcantes. A par da caraterização pedida, o inquérito dá espaço à reunião de perspectivas futuras.

1.

A Casa

1.1 Quais os aspectos para ti mais importantes numa casa?

_____
_____
_____
_____
_____

1.2 O que mais gostas na(s) casa(s) onde vives ou viveste?

_____
_____
_____
_____
_____

1.3 Desenha esquematicamente a casa onde vives ou viveste:

1.4 O que menos aprecias nas casas que mencionaste?

1.5 Descreve em traços gerais a tua rotina diária:

1.6 Qual a rotina quando chegas a casa ao final do dia?

1.7 Costumas andar descalço em casa?

1.8 Normalmente quando vais tomar banho onde te despes?

1.9 Enuncia alguns momentos em que reúnas pessoas em convívio em tua casa:

1.10 Faz uma lista de intenções para uma qualquer tua futura casa:

1.11 Qual a relação interior/exterior da casa que imaginas?

1.12 Como é que imaginas que a casa se deve mostrar para a rua?

1.13 Qual é o espaço de uma casa que consideras mais importante?

1.14 Qual a sua posição espacial na casa que esse espaço vai tomar?

1.15 Que papel tem a cozinha na tua rotina diária?

1.16 Quão importante é a iluminação natural para ti numa casa?

1.17 Quais os espaços ou momentos que aches que a luz natural é essencial?

1.18 Reúne 3 a 6 imagens que te caracterizam:

1.19 Descreve o que imaginas fazer quando já não poderes exercer a tua profissão:

2.

A Casa dos avós em Edroso

2.1 Como era a casa onde cresceste? E quem a habitava? Que actividades praticavam?

2.2 O que mais gostas na casa dos avós? O que menos aprecias?

2.3 O que pensas da casa na sua situação actual?

2.4 Como a idealizas no futuro?

2.5 Voltarias a Edroso? Se sim, em que períodos do ano?

2.6 Se pudesses fazer tudo na vida, como seria a tua rotina diária? E as tuas férias?

fontes

Bibliografia

AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, (coord.). (2004). *Arquitectura popular em Portugal*. 4ª ed., Ordem dos arquitectos. Lisboa.

ALEXANDER, Christopher. (1980). *Un languaje de patrones: ciudades, edificios, construcciones*. Gustavo Gili. Barcelona.

ALEXANDER, Christopher. (1981). *El modo intemporal de construir*. Gustavo Gili. Barcelona.

ARENGA, Nuno, (ed.). (2012). *Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. Circo de ideias. Porto.

BACHELARD, Gaston. (1957). *La poétique de l'espace*. PUF. Paris.

BENEVOLO, Leonardo. (1966) *Introduzione all'architettura*. Editori Laterza. Bari.

BORDEN, Iain. (2001). *The dissertation: an architecture student's handbook*. Architectural Press, cop.. Oxford.

FERNANDEZ, Sérgio. (1988). *Percurso: arquitectura portuguesa: 1930-1974*. 2ª ed., Faup Publicações. Porto

FRAGATA, Júlio. (1980). *Noções de metodologia para a elaboração de um trabalho científico*. 3ª ed., Tavares Martins. Porto.

GONÇALVES, Rui Martins. (2003). *Arquitectura humana: meio rural do alto nordeste transmontano*. Câmara Municipal de Alfândega da Fé. Alfândega da Fé.

LACATON, Anne, VASSAL, Jean-Philippe. (2017). *Actitud*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona.

MALDONADO, Vanda, NAMORADO BORGES, Pedro, (ed.). (2015). *Vítor Figueiredo: projectos e obras de habitação social, 1960 1979*. Circo de ideias. Porto.

MARTÍNEZ SANTA-MARIA, Luis. (2004). *El árbol, el camino, el estanque, ante la casa*. Caja de Arquitectos. Barcelona.

MARTÍNEZ SANTA-MARIA, Luis. (2004). *El libro de los cuartos*. Lampreave. Madrid

MARTÍNEZ SANTA-MARIA, Luis. (2004). *Intersecciones*. Rueda. Madrid.

MARTINS, Cidália, PIRES, José, SACRAMENTO, Mário. (2017). *Dicionário de palavras soltas do povo transmontano*. 2ª ed., Guerra & Paz. Venda Seca.

MENDES, Manuel, (ed.). (2013). *Fernando Távora: minha casa: da organização do espaço: da harmonia do nosso espaço: da harmonia do espaço contemporâneo: uma porta pode ser um romance*. FIAJMS. Porto.

MENDES, Manuel. (2015). *Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: Fernando Távora: minha casa*. FIAJMS. Porto.

MENDES, Manuel, (coord.). (2017). *Alfredo Durão de Matos Ferreira: memória*. Fundação Instituto Marques da Silva. Porto.

MENDES, Manuel, (coord.). (2020). *Fernando Távora: as raízes e os frutos, palavra, desenho, obra, 1937-2001, tomo I.I, "o meu caso", arquitectura, imperativo ético do ser, 1937-1946*. FIMS. Porto.

MONEO, Rafael. (2004). *Inquietud teórica y estrategia proyectual: en la obra de ocho arquitectos contemporáneos*. Actar. Barcelona.

MONTEYS, Xavier. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. GG. Barcelona.

MONTEYS, Xavier (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Lampreave. Madrid.

MONTEYS, Xavier (2014). *La habitación más allá de la sala de estar*. Gustavo Gili. Barcelona.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando. (2003). *Arquitectura tradicional portuguesa*. 5ª ed., Dom Quixote. Lisboa.

PALLASMAA, Juhani. (1998). *Alvar Aalto: Villa Mairea*. AAF. Helsínquia.

PALLASMAA, Juhani. (2011). *Olhos da pele: a arquitectura e os sentidos*. Bookman. Porto Alegre.

PALLASMAA, Juhani. (2012). *La mano que piensa: sabiduría existencial y corporal en la arquitectura*. Gustavo Gili. Barcelona.

PALLASMAA, Juhani. (2019). *Habitar*. 1ª ed., Gustavo Gili. Barcelona.

PINA, Manuel António. (2011). *Como se desenha uma casa*. Assírio e Alvim. Lisboa.

RAMOS, Rui. (2007). *Elenco para uma arquitectura doméstica*. Dafne. Porto.

RAMOS, Rui Jorge Garcia. (2010). *A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*. Faup publicações. Porto.

RAPOPORT, Amos. (1972). *Pour une anthropologie de la maison*. Dudot. Paris.

RIBEIRO, Gabriel Mithá. (2018). *Novo manual de investigação: do rigor à originalidade: como fazer uma tese no século XXI*. Contraponto. Lisboa.

RISSELADA, Max, VAN DEN HEUVEL, Dirk. (ed.). (2007). *Alison y Peter Smithson: de la casa del futuro a la casa de hoy*. Polígrafa. Barcelona.

RODRIGUES, Sérgio Fazenda. (2009). *A casa dos sentidos: crónicas de arquitectura*. Arqcoop. Lisboa.

RUDOFSKY, Bernard. (1995). *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*. 3ª ed., University of New Mexico. Albuquerque.

SIZA VIEIRA, Álvaro. (2000). *Imaginar a evidência*. Edições 70. Lisboa.

SIZA VIEIRA, Álvaro. (2019). *01 textos*. Parceria A. M. Pereira. Lisboa.

SMITHSON, Alison e Peter. (2001). *Cambiando el arte de habitar. Piezas de Mies. Sueños de los Eames, los Smithsons*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona.

SPELLMAN, Catherine, UNGLAUB, Karl, (ed.). (2005). *Peter Smithson: conversations with students*. Princeton Architectural Press. Nova Iorque.

SOLÁ-MORALES, Ignacio de. (2006). *Intervenciones*. Gustavo Gili. Barcelona.

TAVARES, Gonçalo M. (2019). *Atlas do corpo e da imaginação – teoria, fragmentos e imagens*. Relógio d'água editores.

TÁVORA, Fernando. (2006). *Da organização do espaço*. FAUP publicações. Porto.

TORGA, Miguel. (1945). *Novos Contos da Montanha*. 1ª ed., Edição do Autor. Coimbra.

TRILLO de LEYVA, Juan Luís. (2001). *Argumentos sobre la Contigüidad en la Arquitectura*. Universidad de Sevilla: Secretariado de Publicaciones. Sevilla.

ZEVI, Bruno. (1977). *Saber ver a Arquitectura*. Editora Arcádia. Lisboa.

ZUMTHOR, Peter. (2004). *Pensar la arquitectura*. Gustavo Gili. Barcelona.

ZUMTHOR, Peter. (2006). *Atmosferas*. Gustavo Gili. Barcelona.

Teses, dissertações e outras provas académicas

ALEXANDRE, Ana Sofia Ramos. (2020). *Ondulação de projecto: casa-de-casas*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

CAMPONEZ, Sara Aires. (2016). *Casa, dispositivo malévolo: movimento*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

FERREIRA, Daniel Filipe Torres. (2018). *Argumentos de projecto: possibilidades de um atlas*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

GASPAR, João Carlos Almeida. (2013). *O que faz uma casa?: notas sobre a arte de habitar*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

MOREIRA, Ana Rita Dias. (2017). *O que faz da casa uma casa: a adaptação do espaço da casa às formas de habitar contemporâneas*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

NOGUEIRA, Marta Costeira. (2018). *Arquitectura: da ordem do corrente e da dimensão poética: da Casa dos Avós, casa D D: do projecto em construção*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

PEREIRA, Diana Reis. (2017). *Arquitetura sem truques: bairro de Santa Maria e bairro da Prageira: as he em Peniche, por Vítor Figueiredo*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

PITEIRA, Luís António Machado. (2014). *Regresso a casa: arquitecto na comunidade, experiências sobre o praticável*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

RIBEIRO, Susana Isabel Assunção. (2018). *Reabilitação, reinterpretação em evolução*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

SANTOS, Dulcineia Neves dos. (2007). *Eclipse: da Eames house para um posicionamento na arquitectura* (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

SILVA, André Barros Prata Ferreira da. (2013). *O quarto lá de fora: proposições do espaço descontínuo em habitação*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

VENTURA, António Carlos Cadilhe. (2018). *A minha casa velhota: experiência e memória, projecto e arquitectura*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura). FAUP. Porto.

Webgrafia

https://www.lacatonvassal.com/

https://franklloydwright.org/site/robie-house/

https://www.alvaraalto.fi/en/information/alvar-aalto/

http://arquivos.serralves.pt/

https://arquivoatom.up.pt/index.php/fundacao-instituto-arquitecto-jose-marques-da-silva

https://fundacion.arquia.com/es-es/centro-documentacion/catalogo/

https://www.pritzkerprize.com/laureates/anne-lacaton-and-jean-philippe-vassal

https://eumiesaward.com/work/2317

Vídeos, conferências e entrevistas

https://www.tv.up.pt/videos/fu0kivs2

https://www.tv.up.pt/videos/dlvzdkv3

https://www.tv.up.pt/videos/sorot6mh

https://www.tv.up.pt/videos/fztzfxyt

https://www.tv.up.pt/videos/9pdfd72f

https://www.tv.up.pt/videos/unt6ormh

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/fernando-tavora/

https://www.youtube.com/watch?v=FxRw8TunGYw&t=720s

https://www.youtube.com/watch?v=6hcT8H0q9-M

créditos de imagem

i1 _ “Una mesa desordenada”, desenho de Maurici Pla. | PLA, Maurici. (2006). “Una mesa desordenada”, in *La arquitectura a través del lenguaje. Escritos 1989-2002*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. P. 11, 12

i2 _ fragmentos do livro RISSELADA, Max, VAN DEN HEUVEL, Dirk. (ed.). (2007). *Alison y Peter Smithson: de la casa del futuro a la casa de hoy*. Polígrafa. Barcelona. P. 8 e 9 [índice] | P. 195 e 195 [“El arte de habitar: los logares de los Smithson”] | P. 220 e 221 [“Pabellón solar”] | P. 222, 223,b224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232 e 233 [desenhos e fotografias do arquivo da família Smithson]

i3 _ A minha mesa | Desenho do autor.

i4 _ cadernos de apontamentos escritos e desenhados | Arquivo do autor.

i5 _ carta datada a 15 de setembro de 1970, Paris, França | Arquivo família.

i6 _ registo de casamentos, Paróquia de Edroso, 1907 | https://digitarq.adbgc.arquivos.pt/details?id=1199435

i7 _ fotocópia da memória descritiva e justificativa, licenciamento de obra [casa dos avós], Edroso, 1992 | Arquivo família.

i8 _ fotografia trisavô Francisco Bernardino Correia | Arquivo família.

i9 _ castanheiros novos, Edroso, 2013 | Fotografia do autor.

i10 _ esquema de localização da aldeia de Edroso em Portugal | Desenho do autor.

i11 _ esquema representativo dos limites administrativos e das principais vias de acesso à aldeia de Edroso | Desenho do autor.

i12 _ planta toponímica da aldeia | Desenho do autor.

i13 _ conjunto de fotografias | aproximação à aldeia pelo lado de Podence | aproximação à *casa dos avós* | Fotografias do autor.

i14 _ esquema representativo dos principais edifícios e infraestruturas e das dinâmicas do lugar, Edroso | Desenho do autor.

i15 _ igreja | Arquivo família.

i16 _ fonte | Arquivo família.

i17 _ forno e forja | Arquivo família.

i18 _ lavadouros | Arquivo família.

i19_ casa do povo | Arquivo família.

i20 _ capela de Santo António de Edroso |Arquivo família.

i21 _ moinho | Arquivo família.

i22 _ procissão | Arquivo família.

i23 _ Edroso visto da estrada nacional número 316 | Arquivo família.

i24 _ planta do piso superior do conjunto predial herdado pelos quatro irmãos | [1 casa do trisavô Correia] | [2 palheiro casa Correia] | 3 forninho | 4 casa do bisavô Inocêncio | 5 casa de cima | [6 casa da Maria] | 7 casa dos avós | 8 pombal | Desenho do autor.

i25 _ avó assa castanhas na lareira | Arquivo família.

i26 _ apanhar castanhas | Arquivo família.

i27 _ armazém no mês ne novembro | Arquivo família.

i28 _ alheiras | Arquivo família.

i29 _ folares da Páscoa dentro do forno comunitário | Arquivo família.

i30 _ apanhar batatas | Arquivo família.

i31 _ avó na adega das batatas | Arquivo família.

i32 _ lareira da casa do bisavô Inocêncio, casa do fumeiro | Arquivo família.

i33 _ encher alheiras | Arquivo da família.

i34 _ desenhos de reconhecimento | casa dos avós. Edroso. 02/2020 | planta piso térreo | planta piso superior | 1 armazém | 2 adega do meio | 3 adega | 4 varanda alpendrada | 5 cozinha | 6 quartos | 7 casas-de-banho | 8 sala de estar e sala de jantar | 9 varanda | Desenho do autor.

i35 _ desenho de reconhecimento | alçados da casa dos avós 2020 | Desenho do autor.

i36 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes | Arquivo família.

i37 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes | Arquivo família.

i38 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes | Arquivo família.

i39 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes | Arquivo família.

i40 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes | Arquivo família.

i41 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes | Arquivo família.

i42 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes | Arquivo família.

i43 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes | Arquivo família.

i44 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes | Arquivo família.

i45 _ série de fotografias de uma possível cronologia das principais figuras intervientes | Arquivo da família.

i46 _ planta piso térreo | planta piso superior do conjunto predial, Edroso, 1932 | Desenho do autor.

i47 _ planta piso térreo | planta piso superior do conjunto predial, Edroso, 1977 | Desenho do autor.

i48 _ planta piso térreo | planta piso superior do conjunto predial, Edroso, 1992 | Desenho do autor.

i49 _ planta piso térreo | planta piso superior do conjunto predial, Edroso, 2020 | Desenho do autor.

i50 _ revisita a brincadeira de criança e à maquete da casa dos avós projetada em papel quadríciulado | Desenhos do autor.

i51 _ primeiros desenhos | Desenhos do autor.

i52 _ primeiros desenhos | perspespetiva do pátio de entrada | Desenho do autor.

i53 _ esquema representativo dos limites explorados em projeto | Desenho do autor.

i54 _ esquemas de associação de funções programáticas | Desenho do autor.

i55 _ esquema representativo da análise dos resultados do inquérito escrito à família | Desenho do autor.

i56 _ esquema representativo do momento em que esclarecemos melhor o problema formulado a partir do projeto | Desenho do autor.

i57 _ série de folhas em papel vegetal sobrepostas | desenhos do projeto | Desenhos do autor.

i58 _ variações da proposta desenhada | estratégias de intervenção quanto desenho do espaço interior da casa | Desenhos do autor.

i59 _ MONTEYS, Xavier (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Lampreave. Madrid.

i60 _ MONTEYS, Xavier. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. GG. Barcelona.

i61 _ SIZA VIEIRA, Álvaro. (1970-1973). *Casa Alcino Cardoso*. Lugar da Gateira, Moledo do Minho, Caminha, Portugal. |

i62 _ SIZA VIEIRA, Álvaro. (1970-1973). *Casa Alcino Cardoso*. Lugar da Gateira, Moledo do Minho, Caminha, Portugal. |

i63 _ SIZA VIEIRA, Álvaro. (1970-1973). *Casa Alcino Cardoso*. Lugar da Gateira, Moledo do Minho, Caminha, Portugal. | planta do levantamento topográfico | plantas do piso térreo e piso superior | 1 entrada | 2a sala de estar | 2b sala de estar | 3 cozinha | 4 coberto | lavandaria | 5 quartos | 6 casas-de-banho | 7 piscina | alçado sul | http://arquivos.serralves.pt/details?id=72490

i64 _ TÁVORA, Fernando. (1989-1990). *Casa da Quinta da Cavada.* São Salvador de Briteiros, Guimarães, Portugal. | https://www.miesarch.com/work/2317

i65 _ TÁVORA, Fernando. (1989-1990). *Casa da Quinta da Cavada.* São Salvador de Briteiros, Guimarães, Portugal. | https://www.miesarch.com/work/2317

i66 _ TÁVORA, Fernando. (1989-1990). *Casa da Quinta da Cavada.* São Salvador de Briteiros, Guimarães, Portugal. | A _ 1ª fase | planta do piso térreo | planta piso superior | B _ 2ª fase | planta do piso térreo | planta piso superior | C _ 3ª fase | planta do piso térreo | planta piso superior | D _ 4ª fase | E _ planta do piso térreo | planta piso superior | 1 varanda | 2 cozinha | 3 arrecadações | 4 sala de jantar | 5 sala de estar | 6 quartos | 7 sanitário | 8 casas-de-banho | 9 adega | 10 lavandaria |

i67 _ Villa Mairea de Alvar Aalto Noormarkku, Finlândia [1937-1939] | https://www.alvaraalto.fi/

i68 _ Villa Mairea de Alvar Aalto Noormarkku, Finlândia [1937-1939] | https://www.alvaraalto.fi/

i69 _ Villa Mairea de Alvar Aalto Noormarkku, Finlândia [1937-1939] | https://www.alvaraalto.fi/

i70 _ Upper Lawn Pavilion de Alison e Peter Smithson Finca Fonthill, Tisbury, Wiltshire, Inglaterra, Reino Unido [1961-1962] | RISSELADA, Max, VAN DEN HEUVEL, Dirk. (ed.). (2007). *Alison y Peter Smithson: de la casa del futuro a la casa de hoy*. Polígrafa. Barcelona.

i71 _ Upper Lawn Pavilion de Alison e Peter Smithson Finca Fonthill, Tisbury, Wiltshire, Inglaterra, Reino Unido [1961-1962] | https://sergisonbates.com/nl/projects/holiday-house-tisbury

i72 _ Upper Lawn Pavilion de Alison e Peter Smithson Finca Fonthill, Tisbury, Wiltshire, Inglaterra, Reino Unido [1961-1962] |

i73 _ sobre a evolução do projeto | quadro de propostas | Desenhos do autor.

i74 _ esquissos quanto ao modo de entrar em casa - antecâmara | Desenhos do autor.

i75 _ esquissos quanto ao modo de entrar em casa - alçado norte | Desenhos do autor.

i76 _ Como entrar em casa? Como é que o espaço da cozinha é também o espaço de entrada? | Desenho do autor.

i77 _ diferentes desenhos quanto à posição do espaço da cozinha no piso térreo| Desenho do autor.

i78 _ ensaio quanto à posição e desenho das escadas interiores condicionando, por isso, o desenho que se ensaia do espaço da cozinha | Desenhos do autor.

i79 _ série de fotografias à mesa | Arquivo família.

i80 _ no interior da casa do bisavô Inocêncio | Desenho do autor.

i81 _ ensaio quanto ao desenho da lareira, forno e fogão | importância do escano em frente à lareira | Desenhos do autor.

i82 _ lareira e salamendra | Desenhos do autor.

i83 _ corte longitudinal da Robie House de Frank Lloyd Wright | identificação das lareiras | https://franklloydwright.org/site/robie-house/

i84 _ ensaio do lugar do fogo | Desenho do autor.

i85 _ ensaio quanto ao desenho e posição das escadas no interior da casa | Desenhos do autor.

i86 _ série de fotografias Eadweard J. Muybridge | https://www.moma.org/artists/4192

i87 _ publicidade Stannah | https://www.stannah.pt/

i88 _ experiência de desenho quanto ao espaço dos quartos | Desenhos do autor.

i89 _ PICASSO, Pablo. (1897). Ciência e caridade. Barcelona, Espanha. | http://www.museupicasso.bcn.cat/

i90 _ ensaio quanto ao desenho do espaço exterior da casa | Desenhos do autor.

i91 _ corte longitudinal do quintal | relação da nogueira e muro com a casa | Desenho do autor.

i92 _ identificação das árvores existentes | nogueira | pinheiro manso | cedro | macieira | pereira | Desenho do autor.

i93 _ experiências de desenho quanto ao espaço da varanda | Desenho do autor.

i94 _ desenhos das outras habitações | Desenhos do autor.

i95 _ Desenhos do autor.

i96 _ Desenhos do autor.

i97 _ Desenhos do autor.

i98 _ Desenho do autor.